

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Enderson Pereira Dias

**Estudo sobre o Sítio Arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), para fins de
tombamento**

Rio de Janeiro

2014

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Enderson Pereira Dias

**Estudo sobre o Sítio Arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), para fins de
tombamento**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Orientador: Adler Homero Fonseca de Castro

Supervisor: Roberto Costa de Oliveira

Rio de Janeiro

2014

O objeto de estudo dessa pesquisa foi definido a partir de uma questão identificada no cotidiano da prática profissional da Superintendência do IPHAN em Roraima.

D541e Dias, Enderson Pereira.

Estudo sobre o sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), para fins de tombamento / Enderson Pereira Dias – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

158 f.: il.

Orientador: Adler Homero Fonseca de Castro

Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014.

1. Tombamento. 2. Patrimônio Pré-colonial. 3. Turismo Cultural. 4. Gestão. I. Castro, Adler Homero Fonseca de. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). III. Título.

CDD 930.0981

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Enderson Pereira Dias

Estudo sobre o Sítio Arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), para fins de tombamento

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 2014.

Banca examinadora

Professor Ms. Adler Homero Fonseca de Castro (orientador) – PEP/MP/IPHAN

Roberto Costa de Oliveira (supervisor) – Superintendência do IPHAN em Roraima

Professora Ms. Adriana Sanajotti Nakamuta – PEP/MP/IPHAN

Dra. Aline Montenegro Magalhães – Museu Histórico Nacional (MHN/IBRAM)

“Sem a ciência pré-histórica, escapar-nos-ia o lado mais maravilhoso e também o mais misterioso do nosso destino. Os tempos históricos apenas representam alguns minutos na longa jornada da humanidade; o seu conhecimento exclusivo equivaleria a ignorar a luta obstinada que o homem trava na procura da sua realização.”

André Leroi-Gourhan. Os Caçadores da Pré-História, 1983

RESUMO

O presente estudo de valoração e proposta de gestão para o sítio arqueológico Pedra Pintada do estado de Roraima, surgiu a partir da iniciativa da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Roraima (IPHAN/RR), em maio de 2012, em solicitar o tombamento a nível nacional do referido bem pré-colonial, situado nos limites da Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol. A gestão conjunta entre órgãos governamentais e comunidades indígenas para adequação e realização de Turismo Cultural no relevante bem arqueológico dessa região, a partir do ato administrativo, é a tentativa em aproveitar do fluxo turístico da rota de muitos viajantes com destino a Venezuela e países caribenhos, sendo esta proposta considerada como uma importante fonte econômica para indígenas e não indígenas habitantes de Roraima. A criação do espaço de lazer e educação informal, além de favorecer no desenvolvimento social e econômico, tem o intuito de ser um dos principais pontos de sensibilização sobre o patrimônio cultural arqueológico pré-colonial dessa região, o território menos favorecido em pesquisas arqueológicas da Amazônia.

Palavras chave: Patrimônio Pré-Colonial, Tombamento, Turismo Cultural, Gestão.

ABSTRACT

The present study for evaluating the Worth and to present a management proposal for the archaeological site of Pedra Pintada in the state of Roraima, arose from an initiative of the Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional of May, 2012, to request the listing in the national heritage rolls of the above mentioned site, locates in the outskirts of the native reservation Raposa/Serra do Sol. The joint management between government offices and native communities for the adaptation and implementation of cultural tourism in this region where is the important archaeological monument, based in the administrative act of listing, it is an attempt to use the touristic travels of many tourists bound to Venezuela and the Caribbean, this activity being considered an important economic source for the native American and non-indigenous of Roraima state. The creation of an area for recreation and informal education, besides aiding the economic and social development, aims to be one of the main points to sensitize the community about the archaeological and pre-colonial heritage of this region, less endowed in terms of Amazonian region archaeological research.

Keywords: Pre-colonial heritage, Listing as a cultural heritage, Cultural Tourism, Management.

Sumário

RESUMO	6
ABSTRACT	7
Sumário	8
Índice de figuras	9
Introdução	12
Capítulo 1: O despertar para cultura material pré-histórica na construção da memória coletiva	15
1.1 A maneira complementar de explicar o passado através dos objetos antigos encontrados.....	16
1.2 O início e desenvolvimento da arqueologia pré-histórica: a restrita apreciação do passado ausente das crônicas	18
1.3 As propostas oferecidas pelas Cartas Patrimoniais em favor à tutela do Patrimônio Cultural Arqueológico.....	24
Capítulo 2: O desenvolvimento da arqueologia pré-colonial e os valores atribuídos à cultura ameríndia do passado no Brasil	26
2.1 O início da profissionalização da Arqueologia no Brasil.....	28
2.2 A produção de conhecimento arqueológico no Brasil na atualidade	31
2.3 Os valores não atribuídos ao Patrimônio Cultural Arqueológico Pré-colonial do Brasil	31
2.4 Arqueologia Preventiva na Pedra Pintada (RR-UR-01).....	40
Capítulo 3: Turismo Cultural na Pedra Pintada (RR-UR-01): proposta para o desenvolvimento econômico estável em Roraima	43
3.1. Breve histórico e consequências da extração mineral em Roraima.	43
3.2. Conflitos regionais e diferentes pontos de vista que ameaçam o patrimônio cultural arqueológico.....	46
3.3 Turismo Cultural como alternativa para proteção e preservação do Patrimônio Cultural Arqueológico.....	49
3.4 Parque Nacional Canaima (Venezuela): um exemplo a ser seguido	52
3.5 Parque Nacional da Pedra Pintada (RR-UR-01): proposta de unidade de preservação aos elementos cultural e ambiental.....	55
Capítulo 4: Pedra Pintada (RR-UR-01): da formação geológica ao patrimônio cultural	57
4.1 Os testemunhos geológico/arqueológico contidos na Pedra Pintada	58
4.2 As características da produção cultural no sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01).....	63
4.2.1 As inscrições rupestres	67
4.2.2 A produção ceramista	70
4.2.3 Suposições em relação a Pedra do Sacrifício	73
4.3 Breve histórico da pesquisa arqueológica na Pedra Pintada (RR-UR-01).....	74
4.4 O valor simbólico da Pedra Pintada de Roraima para os povos indígenas e demais habitantes	80
4.4.1 Interpretações difusionistas em Roraima	86
Capítulo 5: sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01) em imagens	89
5.1 A visita de Marcel François Homet em 1958	89
5.2 A primeira pesquisa arqueológica de caráter científico em Roraima.....	91
5.3 A Pedra do Sacrifício.....	101
5.4 A Pedra Pintada na atualidade	106
Conclusão.....	129
Bibliografia	129
CITAÇÕES DA INTERNET	138
Anexo I.....	140
Anexo II	142

Índice de figuras

Figura 1 – sítios arqueológicos dos estados da Região Norte cadastrados no CNSA.	39
Figura 2 – brasão do estado de Roraima	47
Figura 3 – Pedra Pintada (RR-UR-01). Foto de Enderson Dias.	58
Figura 4 – processo de formação de corpos magmáticos.....	59
Figura 5 – região depressiva ilustrada por Stevenson.....	62
Figura 6 – Áreas para cadastro de sítios arqueológicos em Roraima. (MENTZ RIBEIRO, 1989: 33)	66
Figura 7 – urnas funerárias retiradas do sítio Pedra Pintada em 1958.....	70
Figura 8 - Podemos observar na imagem acima, a estrutura da Pedra do Sacrifício como a única formação diferenciada em comparação com as demais rochas do local. Erro! Indicador não definido.	
Figura 9 – As imagens acima O sítio arqueológico Pedra Pintada de Roraima é uma das mais importantes representações do Estado de Roraima em se tratando de Patrimônio Cultural. Na fotografia acima o popular grupo musical da região, o Roraimeira, se apropriando das informações do sítio arqueológico na gravação de um de seus vídeos musicais. Outro valor simbólico atribuído ao relevante sítio arqueológico pode ser constatado na série de selo postal Turismo Brasileiro, editado em 06 de julho de 1991.	84
Figura 9 - Na fotografia acima são apresentadas as pequenas cavernas naturais que compõe a estrutura da Pedra Pintada, nas fotografias abaixo o modelo da cerâmica Rupununi. Os esqueletos dentro das urnas funerárias fazem parte do sepultamento secundário.	90
Figura 10 - Em alguns sepultamentos secundários uma urna funerária serve de “tampa” para outra, conforme podemos observar na fotografia acima. Abaixo, Homet a esquerda, fazendo pose para foto segurando uma faca, juntamente com sua equipe expedicionária, ao qual recrutaram indígenas para colaborar na exploração da região.	90
Figura 11 - Rio Parimé e inselbergue semelhante ao sítio arqueológico Pedra Pintada (sendo possível ver a parte superior deste mais adiante), a ponte que dava acesso ao bem cultural para quem vem da BR 174 foi destruída na década de 1990, o acesso em períodos de chuvas somente é feito por canoa, na estiagem é possível cruzar o rio caminhando.....	91
Figura 12 - Usufruto dos recursos naturais disponíveis do rio Parimé pela equipe de pesquisadores, o consumo e comercialização de tartarugas e seus ovos são historicamente realizados na região....	92
Figura 13 – Ameaça sobre as inscrições rupestres em decorrência do contínuo escoamento de água no local.....	93
Figura 14 - Caprino localizado e retido por indígena e membros da equipe de pesquisadores, os animais da fazenda próxima a Pedra Pintada frequentam até os dias atuais a região que compõe esse sistema arqueológico, alterando a superfície com o contínuo pisoteamento.	94
Figura 15 - À esquerda, o paredão central que compõe o conjunto dos três painéis do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), próximo a base deste (onde se encontram pequenas cavidades). Podemos constatar a falta de inscrições rupestres retiradas como <i>souvenires</i> pelos visitantes. No detalhe a direita, marcas de balas de arma de fogo (segundo Mentz, 1989).....	95
Figura 16 - O processo natural de intemperismo físico resulta o deslocamento de placas rochosas da rocha matriz, em decorrência da movimentação proporcionada pelo aquecimento e resfriamento. No caso da Pedra Pintada lascas de granito com inscrições rupestres estão se soltando e descaracterizando cada vez mais a produção cultural do local. A fotografia acima corresponde a lateral direita do painel central (o mais bem preservado), região onde os raios solares se fazem presentes durante boa parte do dia.	96
Figura 17 - Segundo relatos de frequentadores do sítio arqueológico no período entre as décadas de 1970-90, as inscrições rupestres eram mais visíveis nos painéis laterais (a direita próxima caverna e a esquerda acima da Pedra do Sacrifício). Podemos perceber na fotografia acima tirada em 1987, que corresponde ao painel central, forte pigmentação de óxido de ferro. Na foto abaixo, a equipe de	

arqueólogos realizando cópia das inscrições rupestres antes que mais informações se percam esse material não foi acessado para essa pesquisa.	97
Figura 18 - Na fotografia acima temos a maior caverna do matacão. Nesse local, Marcel Homet em 1958 encontrou esqueletos humanos. A imagem abaixo apresenta o início do corte experimental próximo a entrada da caverna.	98
Figura 19 - Os cortes experimentais foram realizados próximos a caverna onde é possível encontrar atualmente grande quantidade de cacos de cerâmica. Relatos de antigos frequentadores do local afirmam que no paredão próximo aos pesquisadores (foto abaixo) havia grande quantidade de inscrições rupestres. Atualmente, a uma curta distância, podemos perceber leve sombreamento da pigmentação avermelhada. Na fotografia abaixo se constataman manchas claras e escuras de escorrimento de líquido no painel, motivador da remoção do óxido de ferro.	99
Figura 21 - Ossos humanos encontrados em corte experimental Segundo Mentz Ribeiro (1997: 13), refere-se a um “indivíduo, flectido e em decúbito lateral, crânio na vertical com a face voltada para o norte”.....	100
Figura 22 -. Imagens de Marcel Homet (1959), na legenda da fotografia acima o autor atribui as inscrições aos celtas, abaixo a Pedra do Sacrifício destacada no centro da imagem.	101
Figura 23 - As imagens acima correspondem ao painel com inscrições rupestres sobre a Pedra do Sacrifício.	102
Figura 24 - Podemos perceber na fotografia acima a posição do painel e da Pedra do Sacrifício em relação aos raios solares, na fotografia abaixo de autoria de JPavani, o arqueólogo e técnico do IPHAN Roraima, Roberto de Oliveira, analisando a avaria sobre as inscrições.	103
Figura 25 –Detalhe da Pedra do Sacrifício.	104
Figura 26 – Acesso a Pedra do Sacrifício pela parte traseira do inselberg. Foto JPavani.	105
Figura 27 – Vistas aéreas do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), imagens cedidas pelo jornalista JPavani.	106
Figura 28 – Imagens aéreas de JPavani.	107
Figura 29 – As imagens apresentam o topo do grande inselberg, no detalhe, marco fixado pelo Exército Brasileiro. As pedras acinzentadas presentes são compostas de cimento. Imagens JPavani.	108
Figura 30 – Detalhe das inscrições presentes no painel mais preservado do sítio arqueológico Pedra Pintada. Os signos estão aproximadamente há dez metros de altura. Imagens de JPavani.	109
Figura 31 – Imagens aéreas cedidas por JPavani.	110
Figura 32 – Na fotografia acima temos a vicinal Pedra Pintada, que dá acesso ao sítio arqueológico a partir da BR 174; abaixo é apresentada parte elevada do ponto de chega ao final da estrada vicinal, o matacão a direita é o denominado sítio arqueológico Pedra Pintada, tendo abaixo o rio Parimé. A região faz parte da Terra Indígena São Marcos que compõe a Reserva Indígena Raposa-Serra do Sol.	111
Figura 33 – As seguintes imagens apresentam a margem do rio Parimé nas proximidades da Pedra Pintada. Ao longo da margem próxima ao sítio arqueológico não foi constatada a existência de bacias de polimento para confecção de artefatos líticos, utensílios encontrados nas escavações de Mentz Ribeiro. A ponte que existia no local foi destruída por uma enchente na década de 1990... 112	112
Figura 34 – O objetivo das imagens acima é apresentar a posição do sol em relação ao painel com maior número de inscrições rupestres existentes. O lado direito do paredão, assim como o painel presente acima da Pedra do Sacrifício (local abordado mais adiante), apresenta grande número de signos com a pigmentação bem fraca.	113
Figura 35 – Estudantes da Universidade Federal de Roraima em visita ao sítio arqueológico Pedra Pintada, em 22 de outubro de 2011.....	114
Figura 36 – É possível perceber com maior clareza nessa fotografia a grande quantidade de inscrições rupestres perdidas em decorrência do deslocamento de placas graníticas devido a fatores naturais (intemperismo físico) – acima do lado direito do indivíduo; e perdas na parte inferior do painel em grande parte pela ação humana (antrópico).....	115
Figura 37 – Na fotografia acima, detalhe da perda de inscrições rupestres decorrente do	

deslocamento de placas graníticas, na imagem abaixo, placa deslocada com pigmentação avermelhada (lanterna usada como escala), encontrada próximo ao grande painel central. Imagens por JPavani, em 10 de maio de 2013.	116
Figura 38 – Detalhe do painel central da Pedra Pintada	117
Figura 39 – Detalhe do painel central da Pedra Pintada com perda parcial das inscrições devido ação erosiva (intemperismo).	118
Figura 40 – Painel central da Pera Pintada (RR-UR-01)	119
Figura 41 – Detalhe da base do painel central com inscrições rupestres, local caracterizado por cavidades e semelhante a pequenas cavidades naturais.	120
Figura 42 – Signos do painel central do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01).	121
Figura 43 – Caverna sob abrigo do grande inselberg. Imagens JPavani.	122
Figura 44 – Na primeira fotografia é apresentado o interior da caverna. Na ocasião foi detectado o processo de percolamento de líquidos. O local serve de abrigo para morcegos e é muito frequentado por caprinos, ao ponto do excesso de fezes desses animais fazer com que seja difícil respirar no interior da caverna. A foto abaixo apresenta fezes de bovino e ossos de animais destrinchados, provavelmente por onça próxima à caverna (a lanterna na imagem está servindo como escala).	123
Figura 45 – Na região do abrigo ainda é possível presenciar inscrições rupestres com pigmentação fraca, conforme apresentado na primeira fotografia. Abaixo, fragmento de cerâmica encontrado próximo a caverna, região caracterizado por apresentar grande número de material arqueológico semelhante. Por causa das visitas e falta de limitação de acesso em algumas localidades, além do pisoteamento de animais, os fragmentos de cerâmica são cada vez mais difíceis de serem encontrados.	124
Figura 46 – Na ocasião da instalação de placas de identificação do sítio arqueológico Pedra Pintada foi encontrado fragmento de cerâmica em um dos buracos abertos para fixação de uma delas, conforme apresenta a primeira fotografia. A instalação dessa placa não foi bem recebida pelos administradores da região, a Associação da Terra Indígena São Marcos, por ser considerado local sagrado pelas etnias locais, sendo anunciada sua remoção para próximo ao painel com inscrições.	125
Figura 47 – Próximo ao abrigo e a caverna do matacão existem pequenas cavernas naturais, segundo relatos essas cavidades abrigavam no passado urnas funerárias com esqueletos humanos em seu interior. Na fotografia abaixo é possível perceber próximo as pequenas cavidades acúmulo de terra e grande quantidade de fezes de caprinos.	126
Figura 48 – As pequenas cavernas naturais presentes no grande inselberg estão servindo de abrigo para alguns animais, além de morcegos. O grande número de abelhas está comprometendo não somente a camada finita do sítio arqueológico, mas também as visitas de estudantes.	127
Figura 49 – O Lago Encantado é o local com água mais próximo da Pedra Pintada, segundo o relatório de 1982 dos arqueólogos Daniel Florêncio Fróis Lopes e Ana Lúcia Maroja Kalkmann, do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ali não foram encontradas bacias de polimento ou qualquer vestígio de meios para confecção de material lítico. A concha na foto abaixo foi encontrada nas proximidades do Lago.	128
Figura 55- Mapa elaborado por Henricus Hondius, em 1599.	140
Figura 55 - Mapa elaborado por John Cumming, em 1817.	141

Introdução

O interesse pela Pedra Pintada do estado de Roraima surgiu há aproximadamente um ano antes ao início das práticas supervisionadas no IPHAN/RR, referentes a este Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural (PEP/MP). Na ocasião, em julho de 2010, soube que o acesso ao local era restrito a não indígenas por fazer parte da Terra Indígena (TI) São Marcos, que compõe a Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol (a maior do país), as visitas são realizadas somente com autorização prévia pelas lideranças indígenas que, na maior parte das vezes autorizam turmas de estudantes e órgãos governamentais. As visitas turísticas foram oficialmente proibidas com a homologação da Reserva em 2005, que delimitou as TIs e retirou os proprietários de terra não indígenas desse território.

Ao iniciar as práticas supervisionadas na superintendência do IPHAN em Roraima, em agosto de 2011, soube que as propostas sugeridas pelo 6º Edital do PEP/MP não teriam como serem realizadas por diversos motivos, surgindo novamente o interesse pela Pedra Pintada, alguns meses depois, com o pedido de tombamento deste sítio arqueológico pelos técnicos do IPHAN/RR.

O propósito em solicitar o reconhecimento nacional de um dos sítios arqueológicos mais relevantes de Roraima, faz parte do início das atividades de adequação do local para realização de atividades turísticas. O intuito é proporcionar maior visibilidade ao patrimônio arqueológico, fomentar a aproximação entre IPHAN/RR com as lideranças indígenas para realização desse ideal, realizar o planejamento e início de ações preventivas para segurança do bem cultural e seus visitantes.

A criação de espaço de lazer e informação em torno da Pedra Pintada tem o objetivo de apresentar o potencial arqueológico da região roraimense a moradores e visitantes, assim como em aproveitar o fluxo turístico da rota que dá acesso a Venezuela e países caribenhos. Oportunidade oferecida pelo patrimônio cultural para realização de atividades financeiras de maior durabilidade, frente às propostas de autoridades locais, que insistem em extrair minerais raros do território indígena, resultando em antigos e conhecidos problemas socioambientais.

Com o objetivo de realizar os projetos governamentais, alguns políticos da região em muitos momentos não respeitam a opinião pública contrária que, geralmente, tem receio do impacto ambiental (algumas vezes cultural), resultante dos grandes empreendimentos para desenvolvimento do estado. A falta de exigência na avaliação de impacto cultural nos estudos ambientais (EIA/RIMA), que deveria ser exigido pelos órgãos de licenciamento ambiental, é o principal receio dos técnicos do IPHAN/RR diante das crescentes obras de infraestrutura de Boa Vista e demais municípios. O que é visto pela falta de popularização do patrimônio arqueológico, e em parte, pela

influência dos desentendimentos por território.

Em vista da problemática situação na valoração patrimonial e compromisso das autoridades com a tutela do bem arqueológico ameríndio, foi pensado a criação de expressivo espaço para realização de atividade econômica turística dentro da Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol, utilizando uma antiga área de lazer dos habitantes locais não indígenas. A partir desse ponto de difusão cultural étnico-arqueológico, seria favorável ao escoamento da produção artesanal das diversas comunidades indígenas, das mais distantes regiões, assim como, na prestação de serviços para acomodação, transporte e alimentação dos visitantes pelos municípios vizinhos. O turismo na Pedra Pintada (RR-UR-01) causaria o mínimo de impacto ambiental, podendo causar em grande escala a sustentabilidade econômica e social desse território tratado muitas vezes como “local de passagem”.

A proposta do primeiro capítulo é apresentar o que podemos considerar como a recente apropriação da cultural material na construção da memória coletiva, com foco nas ideias desenvolvidas sobre os bens culturais pré-históricos europeus e pré-coloniais americanos. O breve histórico de entraves e superação dos mesmos, é uma maneira de expor as circunstâncias que favoreceram a maneira como são analisadas atualmente as contribuições dos povos de passado imemorial para humanidade. Tendo por fim o reconhecimento da importância desses bens na construção do civismo e sugestões internacionais para preservação presentes nas Cartas Patrimoniais.

O desenvolvimento da arqueologia pré-colonial no Brasil é o tema do segundo capítulo, preconceitos étnicos e a recém-adquirida autonomia ideológico em arqueologia (há poucas décadas) são tratados como fatores que resultaram na tardia conscientização da importância desses bens na história da humanidade. As políticas públicas de valoração, preservação e usufruto de bens culturais para fins econômicos, na maioria das vezes, estão voltadas para os bens arquitetônicos históricos, o que é considerado um fator negativo na popularização dos bens pré-coloniais brasileiros. A influência cultural estrangeira e dos grandes centros de produção de entretenimento do nosso país, é visto como uma intervenção real na formação de opinião dos indivíduos de regiões periféricas do país, como em Roraima, onde a aceitação desses novos valores prejudica a valoração das manifestações culturais regionais do passado. A alternativa para minimizar os danos dessa imposição de novos costumes é levantada na questão sobre arqueologia preventiva, onde, o espaço sugerido de educação informal envolvendo a Pedra Pintada (RR-UR-01), seria uma opção para essa região do extremo norte do Brasil.

No terceiro capítulo, a proposta de Turismo Cultural como alternativa para contribuição no desenvolvimento social e econômico em regiões afastadas das grandes capitais, é trabalhada com objetivo de inserir esse tipo de atividade em Roraima. Visibilizando sustentabilidade local através

dessa atividade econômica (em território indígena), tal prática será exemplificada com a experiência bem sucedida do Parque Nacional Canaima, na Venezuela, que há décadas é objeto de inspiração aos indígenas do lado brasileiro. Acreditamos que a concretização desse ideal a partir do uso econômico da Pedra Pintada (RR-UR-01), além de oferecer atividades financeiras de longa duração, possa afastar os problemas socioambientais da extração de minerais raros por empresas especializadas, ameaça prevista com a elaboração de lei (ainda em estágio de Projeto de Lei) sobre o assunto e consentimento das comunidades indígenas, que em muitos casos veem essa como a única alternativa para superar as dificuldades locais.

O breve histórico da formação geológica ao patrimônio cultural da Pedra Pintada do estado de Roraima, faz parte do tema do quarto capítulo deste trabalho. A composição granítica do inselberg é apresentada com o propósito de oferecer maiores informações sobre o processo de erosão natural que ameaça as inscrições desse bem cultural, que necessita um relevante investimento assim como a adequação local para visitação, que possibilitará a apreciação das intrigantes manifestações culturais pelas futuras gerações. A valoração das informações arqueológicas pré-coloniais (não passíveis de interpretação) será tratada a partir da teoria de gasto energético para realização de algumas atividades diferenciadas, em que exigem maior esforço físico, sugerindo o valor simbólico pelos seus elaboradores. Ideia desenvolvida pelo antropólogo Leslie White e usada na arqueologia a partir de Lewis Binford.

A coletânea de imagens do quinto e último capítulo apresentam algumas das características do sítio arqueológico desta pesquisa, assim como alguns problemas que deverão ser pensados em termos de qual seria a melhor maneira em solucioná-los, como: remoção das colmeias de abelha (ameaça aos visitantes), limitações de acesso e proteção de algumas localidades do inselberg, com inscrições rupestres da luz solar e água. Serão também apresentadas imagens das escavações arqueológicas realizadas em 1987, pela equipe de arqueólogos chefiada pelo professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Finalmente, mostraremos os registros fotográficos realizados em 1958 extraídos dos relatos de Marcel Homet, na obra *Os Filhos do Sol* (1959), apresentando possíveis urnas funerárias retiradas da Pedra Pintada (RR-UR-01)¹.

Este *Estudo sobre o sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01) para fins de tombamento*, além de ser uma proposta de uso e valoração ao referido patrimônio pré-colonial, é uma tentativa em chamar a atenção para as peculiares arqueológicas e geológicas de Roraima. O estado brasileiro menos assistido em Arqueologia da região Amazônica.

¹ Ver também no tópico 4.2.2

Capítulo 1:

O despertar para cultura material pré-histórica na construção da memória coletiva

É muito comum presenciarmos nas escolas de ensino fundamental a disciplina História ser embasada quase que exclusivamente em fatos históricos, onde, datas e personagens são sempre lembrados e as contribuições dos povos pré-históricos são poucas vezes ou quase nunca mencionadas aos estudantes. Fora dos locais de educação convencional, o Patrimônio Cultural Arqueológico (não histórico) não tem a mesma visibilidade dos bens arquitetônicos como centros históricos, igrejas, fortificações militares ou antigas fazendas escravocratas de períodos não tão antigos se comparada à ocupação ameríndia no Brasil.

A proposta desse capítulo é apresentar as oscilações da produção de conhecimento do passado pré-histórico, que durante séculos, não foi incorporada à memória coletiva devido à credibilidade dos acontecimentos históricos estarem fundamentados em crônicas. Produção literária que corresponde a tempo irrisório se comparada aos milhões de anos do processo de hominização e adaptação humana nas diversas localidades do planeta. O patrimônio cultural arqueológico pré-histórico/pré-colonial, o qual apresenta informações desse passado imemorable, quando reconhecido como fonte de informação sobre os primeiros habitantes, sofreu uma série de intervenções preconceituosas que influenciou negativamente nas pesquisas e a maneira de observar a questão paleoindígena.

Período Paleoindígena: equivale aos vestígios arqueológicos provenientes do final do período geológico chamado Pleistoceno, cuja transição para o período atual, o Holoceno, se costuma situar entre 15 e 11 mil anos atrás. Como veremos, é ao longo do período pleistocênico que ocorre a entrada do homem na América e sua dispersão por todo o continente. Embora raros e polêmicos sítios arqueológicos mais antigos que 12.000 anos, chegando a até quase 50 mil anos, ocorrem por toda a América do Sul, mostrando que, mesmo que em pequenos bandos, grupos humanos desde muito tempo já haviam começado a explorar e ocupar todo o continente – em algumas regiões estavam mesmo já bem estabelecidos – quando os climas se tropicalizaram e estabilizaram no início do Holocenos, por volta de 10 mil anos atrás.” (BLASIS, 2001: 12)

Segundo Maurice Halbwachs (2006), o conhecimento sobre o “ambiente social passado”, realizado através da associação de datas em espaço cronológico ou somente pela identificação das

representações históricas, mantém o indivíduo externo da memória coletiva, porém, com a maior conscientização sobre o processo histórico o qual o indivíduo está inserido, essa situação de alheio aos fatos poderá ser substituída por responsabilidade social e cultural, uma vez a interação entre memória individual e coletiva faz parte da confirmação de ambas.

Em Arqueologia, a ciência responsável pelo “estudo da cultura material em sua reação com o comportamento humano”, tem no arqueólogo a função de informar ao público as contribuições dos povos pré-históricos/pré-coloniais para humanidade². O caráter desse tipo de produção de conhecimento, segundo Rahtz (1989: 165-6), é fundamento como “fonte de recursos turísticos”, acreditando que quanto maior o interesse do público menor será a destruição da “matéria-prima do nosso passado”.

Acreditamos que a interação entre passado/presente e coletivo/individual através da atividade turística (cultural), seja a maneira de colocar em prática o despertar pela responsabilidade social e cultural do indivíduo, conforme mencionado acima em Halbwachs (2006). A dramatização de situações que será apresentado nesse capítulo, envolvendo bens arqueológicos pré-histórico/pré-colonial, não objetiva encontrar culpados ou inocentes pela situação atual do Patrimônio Cultural Arqueológico Pré-colonial no Brasil, mas fornecer um panorama de ações que intervêm na valoração dessa categoria de bem cultural, assim como seu reduzido aproveitamento econômico através do turismo cultural.

1.1A maneira complementar de explicar o passado através dos objetos antigos encontrados

Conforme sugere o título desta parte do texto, a maneira complementar de explicar o passado a partir da cultura material está relacionado com o tardio desenvolvimento de técnicas de pesquisa arqueológica, assim como, na superação de alguns entraves ideológicos envolvendo preconceitos sobre a questão indígena. Tal desprezo, inicialmente vinculado à imposição de valores europeus e crítica a cultura dos povos indígenas (a partir do século XVI), se prolongou ao longo dos séculos seguintes devido às disputas por território.

Com base na obra *História do Pensamento Arqueológico*, de Bruce G. Trigger (2004), será apresentado a seguir um breve histórico sobre a maneira como os objetos do passado pré-histórico eram abordados em diferentes períodos. Influências que interferiram direta ou indiretamente durante longo tempo na produção de conhecimento do passado ausente dos textos, cujo único testemunho é

2 RAHTZ (1989: 09-15)

a cultura material deixada pelos povos pré-históricos.

A princípio, na Antiguidade, os objetos do passado incompreensível (pré-histórico) despertavam atenção e curiosidade pela sua aparência estética, artefatos e ruínas sem qualquer tipo de explicação sobre sua origem eram atribuídos a criadores sobrenaturais.

A partir do desenvolvimento social e econômico das antigas civilizações ocidentais, o que proporcionou contato com outras culturas, essas manifestações passaram a ser consideradas como resultado de ação humana, relacionando-as aos grandes heróis da antiguidade. Nesse período é dado início a dissociação entre explicações poéticas e históricas sobre os acontecimentos passados (início do registro histórico humano), assim como a tentativa em compreender a origem dos objetos e a elaboração de técnicas de resgate, valoração sobre a cultura material pouco exercida na produção literária.

No período medieval houve a tentativa em associar os objetos do passado pré-histórico aos santos das narrativas bíblicas, mas também a manifestações consideradas de culto ao diabo quando encontrado alguns tipos de testemunhos pagãos de gregos e romanos, como é o caso das estatuetas destruídas ou mutiladas caso apresentassem elementos considerados pecaminosos.

Nesse contexto, surge a Teoria da Degeneração, que consiste na desmoralização dos costumes e inferioridade intelectual da humanidade após a expulsão Jardim do Éden³ (Oriente Próximo). Após os habitantes desse local terem sido castigados pelo criador devido a falta de obediência, as novas populações formadas a partir dos excluídos do paraíso tenderiam a sofrer com o empobrecimento da produção material e intelectual. Os religiosos desse período acreditavam que no momento da criação os conhecimentos sobre o domínio da metalurgia, da construção de moradia, a escrita, produção de alimento e confecção das roupas já haviam sido incorporados nos seres humanos, por volta de quatro mil anos a. C., e teria seu fim previsto para poucos milhares de anos.

No início do período denominado Moderno da humanidade, muitos dos objetos do passado desconhecido eram atribuídos à formação natural (as chamadas pedras de raio), mas com as grandes navegações e contato dos europeus com grupos de caçador-coletores, foi percebido que os instrumentos elaborados por esses povos se assemelhavam aos encontrados em toda Europa, com muita dificuldade houve a aceitação da origem humana desses achados europeus, mas tendo por trás da maior parte desses consentimentos a teoria degenerativa da produção material e intelectual (teoria que será tratada mais adiante), o que motivou ainda mais o desprezo pelos povos “primitivos” ao longo do período de colonização no chamado Novo Mundo.

3 Local de criação da humanidade segundo relato bíblico.

Sendo assim, com o reconhecimento da origem humana dos artefatos encontrados na Europa e a atribuição destes aos primeiros habitantes (mesmo de maneira restrita), a abordagem sobre a produção cultural pré-histórica passou a tomar novos rumos.

1.2 O início e desenvolvimento da arqueologia pré-histórica: a restrita apreciação do passado ausente das crônicas

Estudar a pré-história é como um renascimento: o renascimento no imaginário das origens. Vamos buscar as origens como inspiração, a *arqué* dos gregos, marco inicial do processo racional, elemento primordial que transcende o tempo e a temporalidade, uma referência aos princípios do original de tudo, início entre estado indeterminado e um começo de organização. (CALLIA, 2006: 08)

Os arqueólogos Clive Gable (britânico) e Bruce Trigger (canadense), ambos citados por Paulo Funari (2003), compartilham da mesma opinião, de que a Arqueologia é “filha do nacionalismo, do colonialismo e do imperialismo⁴”, uma vez a necessidade desta ciência em ter que se submeter, em muitos momentos, ao apoio institucional e patrocínio dos grupos dominantes, interessados em engrandecer os feitos históricos de suas nações. A partir do posicionamento de Funari, podemos acreditar na influência negativa gerada pela dependência mecênica⁵ sobre as pesquisas arqueológicas, não que isso vá intervir nos resultados das pesquisas, mas no objeto da pesquisa. Ao longo dessa parte do texto serão apresentadas as dificuldades e conquistas da corrente arqueológica especializada em reconstruir o passado a partir da cultura material de um passado não escrito nas crônicas: a pré-história.

A revolução científica resultante do desenvolvimento econômico no noroeste europeu, ocorrido nos séculos XVI e XVII, contribuiu para quebrar influências de origem medieval, substituídas por visão otimista de futuro. O fator positivo da nova mentalidade científica sobre produção de conhecimento pré-histórico foi a crescente difusão e aceitação da semelhança entre os primeiros habitantes da Europa com os “primitivos” no Novo Mundo (TRIGGER, 2004). As condições de sobrevivência dos ameríndios modernos passariam ser o modelo de como a humanidade viveu em tempos remotos, tendo a teoria da evolução linear das três idades (pedra,

4 FUNARI (2003: 101)

5 Mecenato termo que indica patrocínio e incentivo a produção de atividades artísticas e culturais. Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mecenato>

bronze e ferro) cada vez mais adeptos⁶.

O fortalecimento do Antiquarismo (estudo e comércio de antiguidades), surgido no final do século XIII, mais tarde (no século XIX) ficará estritamente ligado aos interesses do Nacionalismo⁷, devido o alto investimento dos países europeus na produção historiográfica durante o processo de distinção das culturas e delimitação de território. A arqueologia, em suas fases iniciais era somente uma ferramenta na produção de conhecimento da História da Arte, a dependência de registros históricos para dar crédito aos artefatos influenciou de maneira negativa nas pesquisas, em muitos casos, diante da ausência de referências, os artefatos eram descartados. O desenvolvimento do antiquarianismo científico no final do século XVIII é fruto do grande número de pesquisas realizadas, da quantidade de artefatos encontrados e da elaboração e aperfeiçoamento de técnicas, conquistas que não imune o conservadorismo ideológico presentes nos profissionais daquele período. Houve por parte de alguns antiquários, o reconhecimento de que em algum momento os antigos habitantes da Europa utilizaram instrumentos de pedra, anteriores a manufatura do metal, mas não sabiam ao certo se “o curso da história humana fora progressivo, degenerativo ou marcado por mudanças cíclicas”⁸.

Nesse contexto de novas reflexões sobre os antigos habitantes europeus, surgem dois fatores fundamentais para o surgimento da arqueologia pré-histórica: o método de datação criado na Escandinávia, que possibilitou compreender os períodos mais recentes da pré-história; e as primeiras pesquisas sobre o período paleolítico (o mais antigo da pré-história), realizados na França e Inglaterra, resultaram no aumento da cronologia reconhecida da humanidade⁹.

Podemos perceber neste período entre o final do século XVIII e início do XIX, dois fatores importantes para arqueologia pré-histórica: o início da dissociação com antigos pensamentos conservadores, possibilitando novas interpretações sobre os objetos encontrados sem referências literárias; e a crescente abordagem científica analítica, na tentativa de compreender a função dos artefatos.

A partir de Christian Jurgensen Thomsen (1788-1865), antiquário dinamarquês especializado em numismática (estudo de moedas e medalhas), foi criado o método de datação Escandinava, que se tornaria referência para muitos países europeus e fundamental para o desenvolvimento de arqueologia pré-histórica dinamarquesa. A diferença desse antiquário para os demais profissionais de sua época foi o fato de se interessar pelo evolucionismo humano, além da

6 TRIGGER (2004: 55-59)

7 “O nacionalismo é uma tese, ideológica, surgida após a Revolução Francesa. Em sentido estrito, seria um sentimento de valorização marcado pela aproximação e identificação com uma nação.” Em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nacionalismo>

8 Trigger (2004: 60-70)

9 id., 71

questão nacionalista predominante em seus estudos. Convidado em 1816 pela Comissão Real Dinamarquesa para a Coleção e Preservação de Antiguidades, para catalogar a coleção de antiguidades da Dinamarca (uma das mais relevantes da Europa), Thomsen utilizou a princípio a teoria das três idades¹⁰ para dividir cronologicamente os artefatos. Posteriormente, através de características estilísticas (sua especialidade em numismática), procurou distinguir etapas dos períodos. A maior dificuldade encontrada pelo dinamarquês foi situar os artefatos encontrados isoladamente, a solução para essa tarefa seria recorrer às informações contidas nas produções documentais criadas no contexto das pesquisas, registros escritos que se tornariam característicos na arqueologia criada na Dinamarca.

A expansão da arqueologia Escandinávia ocorreu a partir de Jens J. A. Worsaae (1821-85), considerado como o primeiro arqueólogo especializado em pré-história, foi instruído de maneira informal por Thomsen durante a catalogação da coleção dinamarquesa. Voltado mais para as pesquisas de campo, Worsaae ao encontrar em certa ocasião sítio arqueológico “fechado”, ou seja, sem qualquer alteração dos artefatos, conseguiu confirmar a teoria desenvolvida pelo seu instrutor. As observações sobre os períodos e as transformações culturais passariam ser observadas pelas camadas estratigráficas do solo, e não somente pelos artefatos isolados, com o auxílio de outras disciplinas científicas, o caráter interdisciplinar das pesquisas arqueológicas exerceu significativa contribuição nas interpretações¹¹.

Sendo assim, a arqueologia dinamarquesa pré-histórica do século XIX, estava fundamentada na construção cronológica a partir de análise estratigráfica e seriação dos artefatos, assim como na produção documental criada no contexto das pesquisas. Metodologia de pesquisa que influenciaria não somente alguns países europeus, mas também os Estados Unidos.

A arqueologia pré-histórica desenvolvida por franceses e ingleses no final do século XIX, abordando períodos mais antigos da pré-história, resultou no desenvolvimento da Arqueologia Paleolítica, independente dos métodos dinamarqueses. A partir da contribuição do geólogo francês George Cuvier (1769-1832), fundador da disciplina Paleontologia, foi constatado um fator que provocou a morte em massa de muitos animais de características físicas desconhecidas pela humanidade. Para o geólogo francês a catástrofe climática é percebida pelo fato do curto espaço de tempo entre o surgimento dessas espécies até tempos contemporâneos, supondo que sucessivos acontecimentos desse gênero proporcionaram o desaparecimento e surgimento de novas espécies cada vez mais complexas – uma teoria que limitava até certo ponto a influência do desenvolvimento

10 Trigger (2004: 73), supõe que o dinamarquês já conhecia a teoria das três idades de Lucrécio através da obra de Vedel Simon. A teoria das três idades consiste na sucessão evolutiva das produções de utensílios utilizando pedra, bronze e ferro.

11 id., 72-79)

progressivo (evolucionismo). As constatações de material arqueológico na mesma deposição estratigráfica com indícios de fauna extinta, em pesquisas realizadas por naturalistas e antiquários na Europa, os levaram a perceber o quanto a humanidade era mais antiga do que propunham¹².

(...) “No entanto, criou-se o hábito de considerar que houve quatro grandes períodos durante o quais os glaciares cobriram uma grande parte da superfície dos continentes. Baptizaram-se essa quatro glaciações sucessivas com os nomes de quatro pequenos afluentes do Danúbio, onde seus vestígios foram estudados pela primeira vez: *Günz*, *Mindel*, *Riss* e *Würm*. Comparando-se as observações feitas nos terraços dos cursos de água com as das praias marítimas, de modo a estabelecer uma correspondência entre as praias e os terraços, que proviriam das mesmas flutuações de clima. Para as glaciações de *Günz* e de *Mindel*, que são as mais antigas, as aproximações são problemáticas. Para a de *Riss*, são um pouco mais seguras. Para a de *Würm*, as concordâncias estão relativamente bem estabelecidas. Ora o tempo que dura a glaciação de *Riss*, o período interglaciário *Riss-Würm* e a glaciação de *Würm*, talvez 200.000 anos, corresponde ao período de desenvolvimento dos antepassados diretos da nossa cultura: o homem de Neandertal e o *homo sapiens* atual.” (LEROI-GOURHAN, 2001: 32)

Os motivos nacionalistas também influenciaram as pesquisas arqueológicas nos Estados Unidos, o único país interessado em pesquisar artefatos arqueológicos ameríndios fora da Europa. A princípio o objetivo dos estadunidenses era procurar o significado dos sítios arqueológicos denominados de montículos, mas com o tempo, se tornaria fundamental justificativa nas disputas territoriais com os indígenas¹³.

As ideias do naturalista e político britânico John Lubbock (1834-1913), adepto do darwinismo, influenciaram de maneira negativa tanto a questão do patrimônio arqueológico ameríndio, como a disputa territorial na América do Norte. O naturalista britânico, especialista em comportamento animal, pesquisador de comportamento humano de alguns grupos tribais procurou semelhanças entre os indígenas contemporâneos e os povos pré-coloniais. Acreditando que o meio ambiente seria fator determinante na produção cultural, assim como na estrutura biológica dos seres humanos, Lubbock ressaltava as vantagens e desvantagens que o meio proporcionaria aos habitantes, transmitidas biologicamente para as futuras gerações. Por tanto, no processo de seleção natural, seria normal a sobreposição das culturas mais complexas sobre as menos avançadas. Nessa perspectiva, as ciências humanas fizeram novas abordagens sobre a degeneração cultural, e os colonizadores justificaram o extermínio dos indígenas e desapropriação das terras¹⁴.

12 Trigger (2004: 84-87)

13 id., 101-103)

14 id., 111-113)

De maneira geral, as ideias de Lubbock alimentaram preconceitos sobre os povos pré-coloniais e indígenas, como a incapacidade de controlar a natureza, a semelhança intelectual com crianças, a falta de compreensão de conceitos abstratos, dentre outras limitações que os impossibilitavam de evoluir (baseando-se num processo evolutivo unilateral), o que prejudicou muito nas interpretações dos sítios arqueológicos do continente americano.

(...) Atribuíam-nos a uma raça de construtores de montículos que se supunha eliminados ou expulsos da América do Norte por hordas de índios selvagens. Assim, as várias teorias sobre os construtores de montículos ofereciam uma crônica da pré-história norte-americana; no entanto, atribuindo as maiores realizações desse passado a povos não-indígenas da América do Norte, já desaparecidos, elas continuavam a enfatizar a natureza estática (e, portanto, potencialmente incivilizável) dos índios. O registro arqueológico era interpretado como mais uma comprovação da ameaça que constituíam os índios, assim denunciados como destruidores, quando lhes era dada a oportunidade, da civilização. Deste modo, as vítimas eram apresentadas como monstros sanguinários e os brancos americanos achavam novas justificativas para fazer guerra aos índios e tomar-lhes suas terras. (TRIGGER, 2004: 103)

Na Europa ocidental, a crise econômica e social ocorrida na década de 1880, contribuiu para o fortalecimento da ideia de herança biológica de Lubbock, em um contexto em que os povos europeus procuravam se unir para superar a mencionada crise. Ao acreditarem nos padrões de comportamentos proporcionados pelos diferentes ambientes, esse ideal resultou em julgamento de inferioridade das demais sociedades distantes do continente europeu. Os etnólogos europeus consideravam o mundo pequeno demais para que invenções pudessem ocorrer mais de uma vez em diferentes lugares, uma vez terem em mente que os povos “menos evoluídos” não tinham criatividade. As mudanças culturais ou a constatação de sítios arqueológicos monumentais eram atribuídos a um suposto movimento migratório de sociedades “evoluídas” remanescentes, em um passado remoto, permeando entre os pesquisadores a consciência do difusionismo das ideias ou invenções.

Embora a difusão implicasse uma capacidade de mudança maior do que até então havia sido reconhecida às culturas nativas, as explicações difusionistas eram utilizadas de forma muito conservadora. A origem de novas ideias, como cerâmica, construção de montículos funerários, metalurgia e agricultura, quase sempre se reportava à Ásia Oriental ou à América Central (Spinden, 1928; McKern, 1937; Spaulding, 1946), a sugerir que os nativos norte-americanos não tinham criatividade, eram apenas imitadores. Além do mais, os arqueólogos ainda tendiam a atribuir as principais mudanças no registro arqueológico a migrações. (TRIGGER, 2004: 190)

Como será tratado mais adiante nesse trabalho, no final da década de 1950 houve algumas

interpretações difusionistas sobre a Pedra Pintada do Estado de Roraima (nosso objeto de pesquisa). Na ocasião, o francês Marcel Homet atribuiu as inscrições presentes nos paredões desse sítio arqueológicos à povos de origem mediterrânea. Os círculos pintados foram tratados como representações de rodas de carroças (bigas), em um período que não existia esse elemento nessa localidade; assim como um complexo sistema aritmético percebido nas inscrições por Homet, foi atribuído a povos de regiões europeia e asiática.

O grande interesse dos arqueólogos em realizar enfoques ecológicos nas pesquisas arqueológicas dos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial (1929-1945), contribuiu para formação de equipes cada vez mais interdisciplinares, assim como, na maior atenção aos assentamentos pré-coloniais (núcleo de povoamento). A análise conjuntiva sobre sítio arqueológico e artefato, na tentativa de compreender a influência do meio ambiente na adaptação humana, na mudança cultural e no usufruto dos recursos disponíveis, faz parte da abordagem funcionalista. As metodologias utilizadas por essa corrente arqueológica trabalham com análises quantitativa e comparativa entre sítios arqueológicos, com o propósito de criar redes entre as regiões e esquematizar características típicas; e na diferenciada análise dos artefatos encontrados no contexto de assentamento, na tentativa de compreender sua função e as atividades que eram realizadas no local (diferente dos locais de descarte de artefatos) ¹⁵.

A abordagem envolvendo o contexto geral que compõe os sítios arqueológicos (característica da Nova Arqueologia) seria uma maneira de explicar as mudanças culturais dentro da própria sociedade, ao contrário do modo difusionista que valoriza as influências de elementos externos sobre sociedades passivas. Como será visto mais adiante, os estadunidenses Clifford Evans e Betty Meggers, a frente do PRONAPA, utilizaram da metodologia funcionalista nas prospecções realizadas em território brasileiro, com objetivo esquematizar as características típicas dos sítios arqueológicos.

Diante das oscilações apresentadas envolvendo a valoração e a maneira de analisar o patrimônio arqueológico pré-histórico/pré-colonial, acreditamos que esses fatores influenciaram no tardio processo de tutela a essa categoria de bens culturais. A recente e crescente assimilação pelo público sobre arqueologia é fruto da “libertação das amarras” da produção de conhecimento arqueológico que, por muito tempo, esteve em domínio de interesse de classe. De acordo com Rahtz (1989), o número de pessoas envolvidas com a questão arqueológica, vai depender da popularização do patrimônio cultural, o que é de caráter emergencial, uma vez a “moderna mobilidade social ameaça nossas raízes; a arqueologia pode nos ajudar a renovar um sentido de contexto sem o risco

15 TRIGGER (2004: 175-178)

dos desastres do provincianismo ou do nacionalismo”¹⁶.

Diante desse paradigma de situações, surgiram as recomendações internacionais através das Cartas Patrimoniais, com o propósito de sugerir maneiras adequadas de preservação e gestão dos bens culturais arqueológicos.

1.3 As propostas oferecidas pelas Cartas Patrimoniais em favor à tutela do Patrimônio Cultural Arqueológico

As Cartas Patrimoniais são recomendações administrativas para proteção e preservação do Patrimônio Cultural aos países associados à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), as sugestões presentes nos documentos não tratam de maneira específica à determinadas regiões, mas abordam de maneira geral propostas favoráveis à tutela dos bens culturais. Dentre as propostas, é apresentada a importância em utilizar dos monumentos arqueológicos na construção da memória coletiva e no processo de civismo das sociedades.

A Carta de Nova Déli, criada em dezembro de 1956, considera que a história da humanidade está atrelada aos saberes comuns das diversas civilizações, as informações presentes nos monumentos arqueológicos devem ser estudados e preservados, mas para que essas ações possam se concretizar é necessário que haja o reconhecimento, o *respeito*¹⁷ e a valorização da comunidade ligada diretamente ou indiretamente ao bem. Compete também à administração pública investir em projetos de preservação patrimonial e fomentar pesquisas científicas, assim como cuidar para que a divulgação dos resultados seja acessível aos públicos em geral. Este documento contribui para elaboração da Lei 3924/61 que dispõe sobre a proteção específica aos sítios arqueológicos no Brasil.

Na Carta Burra, do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), criada na Austrália em 1980, apresenta novamente a palavra *respeito*¹⁸, associada à preservação das substâncias que compõe os sítios arqueológicos, que por sua vez, são intrínsecas aos significados culturais e testemunhos de uma época. A proteção do bem material, muitas vezes ameaado, estaria resguardando também o valor intangível de uma cultura.

Concebida em 1990, a Carta de Lausanne, trabalha com a gestão e proteção do patrimônio

16 RAHTZ (1989: 166)

17 grifo nosso

18 grifo nosso

arqueológico, ressaltando a importância do conhecimento pelas gerações de diferentes épocas sobre as origens, o desenvolvimento e a trajetórias dos grupos culturais. No Artigo 3º deste documento, releva a questão dos países assegurar o financiamento em programas de proteção desses bens culturais, “herança de toda humanidade”. É ressaltada a importância da participação popular na manutenção, conservação e gestão dos monumentos arqueológicos.

As Cartas Patrimoniais seriam, portanto, uma maneira de tentar abranger ao máximo o reconhecimento dos bens culturais arqueológicos pré-históricos/pré-coloniais (nesse caso), como elementos essenciais para história da humanidade, assim como, na elaboração do civismo nas sociedades contemporâneas.

Conforme apresentado neste capítulo, as produções culturais dos povos do passado ausente das crônicas tiveram diversas funções: representaram heróis, santos e reis; julgaram de maneira inferior grupos humanos de um passado remoto e ameríndios modernos, exaltaram o passado de recém-criados Estados Nacionais; justificaram a destruição e posse de territórios. Felizmente, com a crescente escala de valoração e produção de conhecimento sobre essa categoria de Patrimônio Cultural, podemos ter ideia da sucessão de acontecimentos e trajetória do acúmulo de conhecimentos que resultaram no que somos atualmente.

Capítulo 2: O desenvolvimento da arqueologia pré-colonial e os valores atribuídos à cultura ameríndia do passado no Brasil

Continuando com a ideia da tardia valorização ao bem cultural pré-histórico/pré-colonial, a proposta dessa parte de nosso texto é apresentar a dramatização de situações sobre as pesquisas e interpretações a sítios arqueológicos em território brasileiro, assim como os fatores positivos e negativos que contribuíram para a pouca popularização da arqueologia entre nós.

Se a sociedade é caracterizada por contradições sociais, lutas e conflitos de interesse, então os membros dos grupos subalternos e dos grupos dominantes estarão sempre em oposição, e cada arqueólogo terá de decidir do lado de qual se colocará. (...) A Arqueologia brasileira tem, hoje, uma oportunidade sem igual de se engajar na recuperação dos grupos subalternos, e de lutar por liberdade. (FUNARI, 2007: 122-3)

A ausência de construções monumentais pré-coloniais no Brasil não fomentou no período colonial a realização de estudos com intuito de compreender os povos que estavam sendo conquistados, ao contrário, proporcionou a destruição de suas culturas. De acordo com Gambini (2006), a riqueza negada desses povos pelos europeus foi o *patrimônio de sensibilidade*, a imposição religiosa e o pouco de interesse em compreendê-los que resultou em descrições como “povo sem alma” ou “desprezados por Deus”, em cartas de jesuítas do século XVI, endereçadas a Companhia de Jesus em Portugal¹⁹.

Podemos perceber na história do Brasil o aumento do desprezo pelos elementos da cultura indígena em decorrência das disputas territoriais, o que faz parte da realidade atual da região amazônica, onde há significativa organização indígena e investidores querendo explorar os recursos naturais em terras indígenas.

As abordagens científicas sobre os povos indígenas tiveram início no século XIX, quando a Corte portuguesa instalou a nova sede de seu império no Brasil. Para melhor explorar os recursos do território foram contratados naturalistas, com o objetivo de realizar o levantamento das diversas regiões país. Em alguns relatos o patrimônio arqueológico foi mencionado, mas em geral atribuindo as comunidades contemporâneas a eles. As primeiras pesquisas envolvendo diretamente vestígios arqueológicos foram realizadas pelo botânico e paleontólogo dinamarquês, Peter Wilhelm Lund, iniciadas em 1834, na aldeia de Lagoa Santa, Minas Gerais. A constatação da presença de esqueletos humanos na mesma camada estratigráfica com vestígios de fauna extinta levou à

19 GAMBINI (2006: 234)

conclusão de uma maior antiguidade humana na América, sendo estes associados aos antediluvianos, que teriam chegado ao continente americano (relacionado a catástrofe bíblica da Arca de Noé).

O imperador D. Pedro II criou instituições que contribuiriam com a arqueologia brasileira, as quais teria início em 1870, e foram realizadas expedições em maior número a partir de atividades desenvolvidas pelo Museu Nacional (Rio de Janeiro) e através de expedições pelo país e na região amazônica²⁰. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, recebeu grande incentivo do imperador na década de 1850, porém, esta ativa instituição de pesquisa, influenciada por teorias europeias etnocêntricas, realizou abordagens romantizadas sobre os indígenas, na tentativa de alterar a má imagem criada pelos viajantes estrangeiros²¹.

No final do século XIX acreditava-se que os povos pré-coloniais do Brasil eram incapazes de realizar belos entalhes em pedra ou esculpir abstratas cerâmicas. Quando essas eram encontradas, eram sempre atribuídos a outras culturas (fenícia grega ou andina). Em 1882, o diretor do Museu Nacional, Landislau Neto, ao acreditar que havia pictogramas egípcios na recém-descoberta cerâmica Marajoara, contratou o egiptólogo estadunidense Paul l'Epine, que acreditou ter constatado manifestações culturais egípcia, chinesa e mexicana na cultura marajoara, atribuindo pouco crédito a criatividade dos povos indígenas pré-coloniais. A publicação dos resultados dessa pesquisa, em 1885, resultou na generalização de muitas interpretações semelhantes, que perduraram até a década de 1960.

O fato de pessoas influentes no ramo da pesquisa arqueológica estarem atreladas a ideias conservadoras, as quais duvidavam da origem humana de alguns sítios arqueológicos, assim como capacidade intelectual de seus elaboradores, resultou em sérios problemas no reconhecimento desses bens culturais. Como exemplo disso, temos o caso do professor de zoologia e médico alemão Hermann von Ihering (1850-1930), ex-diretor do Museu Paulista, era um dos que acreditava na formação espontânea dos sambaquis e na inferioridade cultural e biológica das etnias indígenas. Sua contribuição para arqueologia brasileira a partir de suas experiências, favoreceu ao surgimento de novas interpretações em relação a produção e utilização dos artefatos líticos pré-coloniais. Ao produzir os instrumentos, Ihering pode avaliar as técnicas utilizadas, o tempo para confecção e os resultados obtidos a partir do uso. Atualmente, esse método de avaliação faz parte da produção de conhecimento arqueológico denominado arqueologia experimental. Estudos sobre alimentação dos povos pré-coloniais no Brasil também foram de sua iniciativa, ao observar otólitos de peixes encontrados durante as escavações em sítios arqueológicos.

20 PROUS (1992: 07)

21 SCHWARCZ (1998: 126-129)

2.1 O início da profissionalização da Arqueologia no Brasil

Os pesquisadores em arqueologia no Brasil, até a primeira metade do século XX, eram profissionais de outras áreas do conhecimento que realizavam pesquisas através de recursos próprios, motivados pelo interesse nos sítios e artefatos. Não havia de fato incentivo governamental ou orientação acadêmica, o que resultou no desenvolvimento de técnicas a partir da experiência de cada profissional, o que, posteriormente, contribuiu significativamente para a formação da arqueologia brasileira. A introdução da disciplina na academia teve início a partir da orientação de arqueólogos franceses e estadunidenses (as missões estrangeiras), através da iniciativa governamental realizada pelo intelectual e político de São Paulo, Paulo Duarte (1899-1984), que procurou implantar no Brasil uma arqueologia humanista e ética²². Segundo Funari (2007), as propostas democráticas baseadas no mérito, sugeridas por Paulo Duarte, não foram bem recebidas pelos arqueólogos tradicionais e diretores das instituições, devido a situação de nepotismo e clientelistas que envolvia as pesquisas arqueológicas da época:

A arqueologia, desde o século passado, havia sido explorada por estudiosos, em geral ligados aos Museu Nacional do Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional e Museu Paulista. Enquanto trabalhos empíricos eram levados adiante por diretores de museus sob os auspícios de um sistema de patrocínio de elite, o humanista Paulo Duarte estava no exílio por sua oposição ao Estado Novo e, ao retornar, introduziu a Arqueologia como disciplina acadêmica (De Blasis & Piedade 1991: 167) e seu papel como defensor do patrimônio arqueológico estava em claro contraste com o padrão tradicional predominante. Seu humanismo baseava-se em abordagem ética, para com a sociedade e, por isso, pôde propor duas medidas revolucionárias: o desenvolvimento de instituições arqueológicas acadêmicas e a proteção do patrimônio. (FUNARI, 2007: 45)

A partir da iniciativa de Paulo Duarte e seu amigo Paul Rivet, diretor do Museu do Homem (Musée de l'Homme), de Paris, foi criada na Universidade de São Paulo (USP), a Comissão de Pré-História (atual Instituto de Pré-História) e foi feita a contratação do casal francês Joseph Emperaire e Annette Laming Emperaire, com o propósito de realizar pesquisas nos sambaquis de São Paulo e Paraná, em acelerado processo de danificação pela ação humana. Diante da destruição desses sítios arqueológicos e protestos contra essas ações, foi promulgada lei que dispõe de proteção específica aos bens pré-coloniais (3924/61), acautelamento legislativo que antes ocorria de maneira geral pelo Decreto-Lei nº. 25/37.

As contribuições de Laming Emperaire para arqueologia brasileira estão presentes em

22 PROUS (1992: 11)

muitas pesquisas sobre material lítico inspirados em suas orientações, assim como, na decisiva comprovação da origem humana dos sambaquis. As características de suas pesquisas arqueológicas estavam centradas em artefatos líticos e em sítios arqueológicos de ocupação mais longínquos. Para obter informações desses períodos, era necessária a realização de estudos mais aprofundados e demorados, através de escavações, análise de camadas estratigráficas e dos materiais arqueológicos encontrados nos cortes experimentais e, quando possível, observar o cotidiano de remanescentes indígenas, como ocorreu com Annette Emperaire, em 1960, na comunidade dos Xetá, na Serra dos Dourados (nordeste do Paraná).

As pesquisas realizadas no período entre 1965-1971, pelo casal de arqueólogos estadunidense Clifford Evans e Betty Meggers, proporcionou nova conotação sobre a produção ceramista pré-colonial no Brasil. Os estudos inicialmente realizados na Ilha de Marajó e no Estado do Amapá, apresentaram maior antiguidade da atividade ceramista no país. A contratação dos Evans é resultado de acordo entre o governo brasileiro e a Smithsonian Institution, entidade caracterizada pelas abordagens funcionalistas (análise de assentamentos e influência do meio ambiente), o que influenciou nas ações do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA)²³. A realização de corriqueiras prospecções com objetivo de elaborar quadro geral de tipologias cerâmicas no Brasil teve importante contribuição para região amazônica, uma vez contrapor-se “a imagem de um inferno verde, cuja pobreza em recursos naturais imporia limites estreitos ao desenvolvimento das culturas nativas”²⁴. No governo militar acreditava-se que a “Amazônia seria uma terra sem gente para uma gente sem terra”²⁵, porém, a partir de comparações entre sítios arqueológicos e cartografia indígena contemporânea, constatou-se que houve ampla ocupação de povos pré-coloniais, que sabiam aproveitar muito bem da biodiversidade amazônica.

Várias instituições importantes, como o Museu Nacional, o Museu Paulista, o Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina e o Instituto de Pré-História (IPH), da Universidade de São Paulo, não entraram no esquema do PRONAPA, dedicando-se de preferência aos estudos minuciosos de uns poucos sítios típicos, procurando as estruturas de habitação, os hábitos alimentares, etc., às vezes deixando até a prospecção em segundo plano. Estas divergências levaram alguns autores a oporem duas filosofias de trabalho. Na verdade, as duas são complementares e a divisão encontrada no Brasil, como no restante da América Latina, entre a escola de Ford (propagada pelos Evans) e outras escolas é um dos entraves ao desenvolvimento harmonioso da arqueologia nacional. Felizmente, algumas equipes tentaram, depois de 1970, manter concomitantemente intensas atividades de prospecção e algumas de escavações sistemáticas, considerando-se que isso permite uma visão mais rica dos fatos arqueológicos (Instituto de

23 PROUS (1992: 15-16) e (2006: 10-11)

24 FAUSTO (2010: 25)

25 NEVES (2006: 07)

Mesmo diante das importantes contribuições dos Evans, podemos constatar críticas ao casal e ao governo militar em relação a produção arqueológica, com é o caso em Funari (2007), onde é ressaltado o controle de Washington sobre as pesquisas e publicações, como maneira de desestimular o humanismo de Paulo Duarte; assim como no acordo entre o Ministério da Educação e Cultura e a United States Agency for Inter-American Development, que resultaria na reformulação das universidades nacionais nos moldes da política militar da Segurança Nacional; até mesmo nas aulas práticas de Meggers, onde a ligeira e quantitativa maneira de trabalhar do PRONAPA, gerou comentários sobre a falta de análise crítica e interpretativa²⁶.

A pluralidade de ideias que influenciaram a arqueologia brasileira a partir da abertura política na década de 1980, favoreceu ao aparecimento de datações a sítios arqueológicos anterior a 11 mil anos, data limite da ocupação do continente americano estabelecida a partir da Cultura Clóvis²⁷, os resultados que contrapusessem essa teoria eram considerados manipulados, o que influenciou de maneira negativa nas interpretações na produção arqueológica no Brasil²⁸

Nos últimos anos diversos arqueólogos começaram a discordar deste modelo. Alguns sítios arqueológicos em vários países exibem datas bem mais antigas que 12 mil anos, chegando eventualmente a quase 50 mil anos, como é o caso do Boqueirão da Pedra Furada, na serra da Capivara (Piauí), ou a quase 30 mil anos, como em Santa Elina, no Mato Grosso. Como seria de se esperar, estes sítios mais antigos são muito raros – pois havia bem poucos habitantes em épocas mais reculadas – e foram, quase sempre, muito modificados por movimentação de terra, deslizamentos, erosão, tatús, formigas, raízes profundas e outras coisas mais, principalmente nos ambientes tropicais como o Brasil.

Pouquíssimos destes sítios muito antigos foram estudados, e a verdade é que as evidências apresentadas até o momento em favor da grande antiguidade do homem na América são extremamente frágeis. (BLASIS, 2001: 15)

Podemos constatar na produção de conhecimento arqueológico da atualidade, a superação dos paradigmas expostos acima, surgindo hipóteses sobre outras rotas migratórias para o continente americano além da tradicional apresenta pelo Estreito de Bering, como é o caso de alguns sítios arqueológicos pesquisados no nordeste brasileiro.

26 FUNARI (2007: 45-46 e 120-121)

27 A Tradição Clóvis foi atribuída a mais antiga da América durante 50 anos. A origem dessa denominação ocorreu na década de 1930, quando encontrado pontas de flechas em sítio arqueológico próximo a cidade de Clóvis, no Estado do Novo México (EUA). Os pesquisadores estadunidenses ao acreditarem na exclusiva migração pelo Estreito de Bering (nordeste asiático e noroeste norte-americano), atribuíam os sítios arqueológicos da América do Norte os mais antigos do continente.

28 LIMA (2006: 85)

2.2 A produção de conhecimento arqueológico no Brasil na atualidade

Com a primeira resolução de 1986, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), a arqueologia passaria se fazer mais presente, pelo menos entre construtoras e ao número crescente de interessados em arqueologia. A referida resolução estabelece a obrigatoriedade de estudos de impacto ambiental²⁹ para realização de grandes empreendimentos, o objetivo é realizar ações preventivas para minimizar os danos causados a natureza, assim como ao patrimônio cultural. Os procedimentos a serem realizados durante as etapas dos empreendimentos foram especificados na Portaria nº. 230, de 17 de dezembro de 2002, editada pelo IPHAN, o que está proporcionando número cada vez maior de pesquisas arqueológica coma Arqueologia de Contrato³⁰.

A avaliação de impactos ambientais no Brasil é recente enquanto obrigação legal, e remonta ao ano de 1986, o que contribui para que haja ainda alguma resiliência por parte das empresas de consultoria ambiental de se colocar em conformidade com as necessidades de avaliação do Patrimônio Arqueológico na matriz de dados a ser avaliado nos estudos de impacto ambiental. (BASTOS & SOUZA, 2010: 45)

Até o presente momento não estão sendo realizadas as avaliações de impacto cultural nos grandes empreendimentos de Roraima, tendo ao longo da recente história da superintendência do IPHAN/RR (criada em 2007), somente um projeto fiscalizado por este órgão. Acreditamos que o uso turístico da Pedra Pintada (RR-UR-01) e o sucesso desse ideal possa favorecer a produção de conhecimento arqueológico em Roraima, uma vez que sejam assimilados pelas autoridades os benefícios que o patrimônio arqueológico pode proporcionar a regiões longínquas como a roraimense (conforme será tratado no tópico 3.3 deste trabalho). Uma iniciativa que o IPHAN Roraima está investindo para reverter à situação de desprezo sobre os sítios arqueológicos dessa região.

2.3 Os valores não atribuídos ao Patrimônio Cultural Arqueológico Pré-colonial do Brasil

A valorização da autenticidade brasileira também é algo recente, ela ganha força com o

29 A elaboração do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (EIA/RIMA) foi inspirado nas pesquisas interdisciplinares realizadas nos Estados Unidos com objetivo de evitar maiores danos ao meio ambiente frente aos empreendimentos econômicos.

30 BASTOS e outros (2007: 18)

movimento modernista em meados do século XX, tendo na década de 1930 (período entre guerras) o laço de dependência com a Europa foi afrouxada em termos políticos, sociais e culturais³¹. Fatores que não evitaram as influências estadunidenses no Brasil a partir da segunda metade do referido século, que continuam interferindo nos valores culturais brasileiros com suas produções da chamada “indústria cultural”³². O que podemos considerar como perigosa ameaça à recente apropriação dos valores culturais brasileiros.

A questão a seguir, tem o objetivo de apresentar os esforços gastos na valoração de determinados bens e produções culturais, como representantes da nossa cultura, o que não acontece da mesma maneira com o patrimônio arqueológico pré-colonial. O intuito não é julgar valores, mas levantar fatores que acreditamos ter contribuído, e ainda contribuem, para o ofuscamento da produção cultural ameríndia do passado.

(...) Uma abordagem antropológica do próprio patrimônio cultural ajuda a desmascarar a manipulação do passado (Haas 1996). A experiência brasileira, incluindo-se esse gerenciamento do patrimônio, é, de forma constante, reinterpretada pelo povo. Como resumiu António Augusto Arantes (1990: 4): “o patrimônio brasileiro preservado oficialmente mostra um país distante e estrangeiro, apenas acessível por um lado, não fosse o fato de que os grupos sociais o reelaboram de maneira simbólica”. Esses estratos são os excluídos do poder e, assim, da preservação do patrimônio. (FUNARI, 2007: 60)

Com o fim do período imperial e início do republicano no Brasil, em 1889, haviam dois Brasis, o litorâneo e o interior. As cidades ainda se assemelhavam aos centros urbanos do período colonial, o que resultou em grandes esforços e geração de recursos para modernizá-las, principalmente as localizadas no litoral, local onde se situa a maior parte dos estados, capitais e população, assim como “o melhor lugar para impressionar os estrangeiros”³³.

A influência francesa até a Primeira Guerra Mundial persuadiu os artistas brasileiros a repetirem os estilos literários e artísticos europeus sem muita originalidade, após o conflito bélico, novas e mais variadas correntes artísticas trazidas do Velho Mundo passaram a influenciar a produção cultural brasileira. A sufocante influência estrangeira e a conscientização cada vez maior de que o Brasil necessitaria seguir seu próprio destino artístico e cultural, ocasionou uma “revolta artística”, através do movimento modernista, que há algum tempo vinha se fortalecendo³⁴.

A Semana de Arte Moderna, ocorrida no crescente e promissor polo industrial, a cidade de

31 CHAGAS (2006: 100)

32 OLIVEN (1984: 49)

33 SKIDMORE (2000: 110-113)

34 id., 147)

São Paulo de 1922, é considerado um divisor de águas, fazendo com que as etnias e classes sociais pouco evidenciadas na historiografia brasileira, tomassem posição importante na construção da identidade nacional. Com o propósito de evidenciar suas contribuições na formação do povo brasileiro, a reação dos artistas modernistas estava atrelada ao movimento emergente afro-brasileiro que, desde o início do período republicano afrontava a ideia de “branqueamento” da nação, a qual a elite “branca superior” iria substituir o elemento não branco, acreditando só assim ocorreria o desenvolvimento brasileiro³⁵.

Querendo romper com o século XIX, que produzira o sonho de uma civilização à europeia, o movimento modernista propunha, em substituição, um outro sonho importante diretamente da Europa (Andrade 1974, p.235-236). Ainda assim, o espírito modernista estava longe de ser antinacionalista e antitradicionalista. Se por um lado ele representava ruptura e “abandono de princípios e técnicas consequentes”, por outro debruçava-se sobre a “arte tradicional brasileira” sustentando em “três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional” (Andrade, 1974, p. 242). (...) O fato é que o espírito modernista alimentava o esforço de inserção do Brasil no “concerto universal das nações” (Moraes, 1978), ou de harmonização do nacional com o mundial. Para isso era preciso, pela ótica modernista, que o Brasil contribuísse com sons, ritmos, cores, formas, números e tradições próprias. Era preciso investir na singularidade brasileira. (CHAGAS, 2006: 61)

Com objetivo de apresentar aspectos folclóricos pouco conhecidos no Brasil, a obra indianista de Mario de Andrade, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, trata, a partir de uma ótica cômica, sobre a lenda mitológica Macunaima, das etnias Pemon, com base nos relatos do etnologista alemão Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), que esteve na região entre o rio Oninoco e o Monte Roraima no período entre 1911 e 1913. Considerado um dos grandes romances modernista, essa história surrealista é uma crítica aos padrões da sociedade brasileira, com objetivo de valorizar as raízes do povo brasileiro.

O início das intervenções estatais ao Patrimônio Cultural a nível federal teve início na década de 1930, as mudanças sociais a partir da industrialização, urbanização e novas políticas públicas foram mudando o cenário dos grandes centros econômicos, as características agrárias foram sendo substituídas pelas metropolitanas. Com a criação do Ministério da Educação e Saúde (MES) e a posse de Gustavo Capanema como ministro, em 1934, começa uma política administrativa voltada para o rompimento das antigas tradições oligárquicas, surgindo pela primeira

35 OLIVEN (1984:45)

vez uma legislação no campo cultural³⁶.

O convite do ministro Gustavo Capanema a Mario de Andrade para elaboração do anteprojeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão que se responsabilizaria pela organização dos tombamentos e pela conservação/restauração de bens culturais, tinha como base o intuito de fazer acontecer a nível federal as mesmas ações de tutela ao patrimônio cultural realizadas pelo poeta na cidade de São Paulo. Um dos funcionários que ajudou na implantação do SPHAN, Alcides da Rocha Miranda³⁷, alegou que o projeto de Andrade era tão abrangente que haveria dificuldade em realizá-lo, pela falta de verbas e recursos humanos especializados. O conceito de Arte para Mário de Andrade apresentado por Chagas (2006) envolve as habilidades humanas aplicadas em manifestações tangíveis e intangíveis, em relação a *arte arqueológica* e *arte ameríndia*, é apresentadas:

Incluem-se nestas duas categorias todas as manifestações que de alguma forma interessem à Arqueologia em geral e particularmente à arqueologia e etnografia ameríndia. Essas manifestações se especificam em:

- a) Objetos: fetiches; instrumentos de caça, de pesca, de agricultura. Objetos de uso doméstico; veículo, indumentária, etc. etc.;
- b) Monumentos: jazidas funerárias; agenciamento de pedras; sambaquis; litógrafos de qualquer espécie de gravação, etc.;
- c) Paisagens: determinados lugares de natureza, cuja expansão hidrográfica ou qualquer outra, foi determinada definitivamente pela indústria humana dos Brasis, como cidades, lacustres, canais, aldeamentos, caminhos, grutas trabalhadas, etc.;
- d) Folclore ameríndio: vocabulários, cantos, lendas, magias, medicina, culinária ameríndia, etc. (CHAGAS, 2006: 106)

Capanema aprovou as sugestões do anteprojeto e o SPHAN foi criado em 19 de abril de 1936, com Mario de Andrade atuando ativamente, a primeira tarefa do novo órgão patrimonial seria formular lei federal para tutela do patrimônio cultural brasileiro. O projeto de lei elaborado pela equipe de Rodrigo Melo Franco de Andrade foi aprovado pela Câmara de Deputados, porém, após receber emendas do Senado Federal e ter que receber nova votação dos deputados, esta não ocorreu devido o golpe de estado de 10 de novembro de 1937. Ainda no ano da implantação do Estado Novo, Capanema apresentou o projeto da lei patrimonial ao presidente Getúlio Vargas, que seria aprovado com alguns cortes, e em 30 de novembro de 1937 foi promulgado o Decreto-Lei nº. 25. A nova normativa patrimonial, inspirada nas ideias marioandradiano teve muitas propostas retiradas devido sua grande abrangência, o decreto lei seria uma “versão empobrecida”³⁸ do anteprojeto, mas

36 CALABRE (2009: 15)

37 Entrevista ocorrida em 2001, citada em CALABRE (2009: 22)

38 CHAGAS (2006: 104) apud FALCÃO (1984)

muito avançada para situação anterior a 1930.

Mesmo sendo uma versão empobrecida, o Decreto-lei 25/37 apresenta fator relevante que, segundo Souza Filho (2006), mantém-no em vigor até a atualidade:

Nos anos trinta, no Brasil, foi editado um conjunto muito valioso de normas, o Código Florestal – Decreto 23.793, de 23/01/1934, já revogado; o Código de Águas – Decreto 24.643, de 10/07/1934, em grande parte revogado; o Decreto de Proteção aos Animais – Decreto 24.645, de 10/07/1934; a Lei de Tombamento – Decreto-lei 25/37, de 30/11/1937; e o Código de Pesca – Decreto-lei 794, de 19/10/1938, também já revogado. De todos estes diplomas o único que pode ser chamado de protetor é a Lei de Tombamento, porque todos os demais não enfrentam a questão principal, que é impor limites ao exercício pleno da propriedade privada com o fim de preservar os bens culturais, fim último da lei, mas também, os naturais. Algumas belezas naturais puderam ser protegidas por que foi utilizado o instituto do tombamento, tendo em vista que, na época, inexistia no sistema jurídico de outro instituto de proteção de bens naturais, que fosse a expropriação. (SOUZA FILHO, 2005: 19-20)

Naquela época, a recente questão patrimonial e as ações de tutela aos bens culturais era novidade para maioria da população, as abordagens do SPHAN em relação ao tombamento de bens particulares enfrentaram muitos desafios judiciais, uma vez a resistência dos proprietários diante a proibição em alterar as características físicas do imóvel. Com a crescente urbanização e a falta de valores históricos, casarões em antigos centros urbanos foram destruídos com o objetivo de acompanhar o processo de modernização do país, a solução para não se perder a memória local estaria na realização de inventários³⁹.

Estes limites iniciais, no correr dos anos, se evidenciam na atuação do IPHAN. A política federal de preservação do patrimônio histórico e artístico se reduziu praticamente à política da preservação arquitetônica do monumento de pedra e cal. O levantamento sobre a origem social do monumento tombado indica tratar-se de: a) monumento vinculado à experiência vitoriosa da etnia branca; b) monumento vinculado à experiência vitoriosa da religião católica; c) monumento vinculado à experiência vitoriosa do Estado (palácios, fortes, fóruns, etc) e na sociedade (sedes de grandes fazendas, sobrados urbanos, etc.) e da elite política e econômica do país. Enquanto sobretudo restauração arquitetônica, a preservação do patrimônio histórico e artístico passa a ser uma tarefa apropriada quase que exclusivamente por uma classe profissional: os arquitetos. Com o correr do tempo, profissionais de outras áreas, inicialmente envolvidos com Mário de Andrade e com o próprio Rodrigo de Melo Franco, não são substituídos. Os arquitetos exercem então amplo domínio. (FALCÃO, 1984: 28)

39 CALABRE (2009: 26)

Essa energia dispensada em defender os bens históricos como foi apresentado, não estava sendo direcionada aos bens arqueológicos pré-coloniais, a atribuição de valores e proteção aos bens culturais ainda estavam, em muitas oportunidades, a cargo dos próprios funcionários do SPHAN. A gritante diferença entre bens arquitetônicos e arqueológicos pré-coloniais reconhecidos pelo órgão competente pode ser percebida no levantamento realizado em Fonseca (2009), em relação aos bens tombados até o ano de 1969:

Na fase *heróica*, o processo de decisão quanto à seleção e à valorização dos bens a serem tombados era conduzido quase exclusivamente pelos funcionários da instituição ou por seus colaboradores. Raros eram, então, os pedidos de tombamentos originados de fora de órgão, sendo a participação de elementos externos à instituição possível apenas nesse momento do processo, o do pedido de tombamento. (...) Foram tombados, até o final de 1969, 803 bens, sendo 368 de arquitetura religiosa, 289 de arquitetura civil, 43 de arquitetura militar, 46 conjuntos, 36 bens imóveis, seis bens arqueológicos e quinze bens naturais. (FONSECA, 2009: 113)

Após a Segunda Guerra Mundial o processo de industrialização e desenvolvimento urbano passou a crescer ainda mais, os meios de comunicação de massa nesse período pós-guerra se consolidaram juntamente com ascendente classe média, os grandes consumidores desse tipo de produção cultural. As iniciativas estatais em relação ao patrimônio cultural foram bem reduzidas no período entre as décadas de 1940 a 1960, as ações estavam mais voltadas a continuidade e regulamentação de projetos já existentes, ou quando necessário ações de caráter emergencial⁴⁰.

Os esforços gastos em preservar os centros urbanos com o Programa de Cidades Históricas, criado em 1973, atuou inicialmente no nordeste e progressivamente para regiões do sudeste e centro-oeste do Brasil. Foi uma importante iniciativa com o propósito de reutilizar e requalificar esses locais para realização de atividade turística, havendo também o intuito de reverter a situação de abandono dessas localidades e seu despovoamento pela falta de emprego, assim como em proteger as características das antigas ocupações frente ao acelerado processo de modernização⁴¹.

Acreditamos que o maciço investimento em entretenimento (meios de comunicação), tenha sido um grande empecilho no desenvolvimento das políticas públicas culturais. Se houve a dificuldade em dar continuidade a projetos já existentes, supondo serem estes voltados em sua maioria a bens históricos, podemos imaginar a maior situação desfavorável na tutela do patrimônio

40 CALABRE (2009: 45)

41 id., 82-83)

cultural pré-colonial.

Em relação a produção cultural, Oliven (1984), ressalta a crescente influência do capital estrangeiro nos anos seguintes a 1964. A produção de mercadorias no Brasil, dentre elas a indústria cultural, resultou na elaboração de programas *made in Brazil*:

A televisão, assim como outros meios de comunicação de massa, é com frequência vista ou como exercendo um efeito desagregador sobre as culturas regionais (na medida em que impõe ao resto do país padrões restritos à zona Sul do Rio de Janeiro), ou, contrariamente, como tendo uma função aglutinadora, na medida em que integra a nação sob o ponto de vista cultural. O importante é se dar conta que por trás destes processos complementares existe uma tentativa de criar uma hegemonia, o que transparece tanto nos programas de auditório como nos arquétipos das telenovelas, que de certo modo se dirigem ao que Gramsci chamava de “paixões elementares do povo”. (OLIVEN, 1984: 49)

A proposta em abordar a influência dos meios de comunicação sobre a população, e conseqüentemente sobre a assimilação dos bens culturais regionais, tem o propósito de levantar a questão do quanto a imposição de elementos culturais externos intervêm e continuam intervir no consumo dos produtos culturais. Os espaços para realização de turismo cultural seriam alternativas favoráveis na valoração da produção cultural local (incluindo a arqueológica), o que nem sempre é incentivado nas ações governamentais locais. Em Roraima, o estilo de vida dos grandes centros urbanos, por muitas gerações, influenciou na formação de opinião dos indígenas, prejudicando a realização de antigas tradições.

Conforme análise de Ribeiro (2001), anteriormente a Constituição de 1988 as concessões governamentais para emissoras de comunicação (rádio/televisão) eram usadas, em muitos casos, como “moeda de troca política”. Após a publicação do referido documento, são elaborados critérios que passaram evitar essas circunstâncias, mas em contrapartida, a omissão do poder público sobre os conteúdos da programação, segundo o autor, está vinculado a ideia contrária a censura (muito utilizada no período militar anterior) e no antedeceder a interesses econômicos (mercado publicitário de anúncios). Utilizando muitas vezes da função de “controle da opinião pública” para atender os interesses dos donos das emissoras pouco comprometidas com a programação de qualidade de caráter democrático.

Há provavelmente duas razões para tal omissão. A primeira diz respeito ao peso do ideário liberal no tocante aos meios de comunicação. A queda da ditadura militar levou a opinião pública brasileira culta e cultivada, ou seja, aquela que tem maior

acesso à imprensa dita de qualidade, aos teatros, às exposições de arte, a mostrar-se decididamente oposta a qualquer modalidade de censura. (...) Se na Constituição de 1988 assim triunfou o sentido democrático e liberal, no sentido das liberdades civis, de abolir a censura, derrogando qualquer possibilidade de o Poder Público restaurá-la com alcance maior do que classificatório por faixas etárias, o fato é que existe outra acepção do que é liberal, a qual o Estado brasileiro segue no tocante aos meios de comunicação. Aqui se trata do liberalismo econômico, renunciando o Poder Público a intervir na programação em nome do respeito à livre atividade dos que nela atuam. (RIBEIRO, 2001: 208-211)

Diante dessa imposição de valores consequentes da globalização, Hall (2011) aborda a questão do surgimento de “novas identidades” e da “nova articulação entre o global e o local”, onde, os vínculos tradicionais tendem a conviver com as novas culturas introduzidas na localidade, mas que ao mesmo tempo, diante da ameaça de sérios danos, tentam recuperar elementos perdidos.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornada a suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. Mas esse pode ser um falso dilema. (HALL, 2011: 88)

A necessidade de produção de conhecimento e divulgação dos resultados para informar tanto o meio científico quanto a população sobre o patrimônio arqueológico é algo que faz para da realidade de muitas localidades afastadas dos grandes centros urbanos e econômicos, como é o caso de Roraima, uma das regiões menos assistidas da Amazônia. Com uma das maiores populações indígenas do país e um dos estados brasileiro menos povoado, quase nada se tem de informações sobre os sítios arqueológicos – que estão em ótimo estado de conservação – e seus primeiros habitantes ameríndios. Algumas ações de tutela ao patrimônio arqueológico nos estados amazônicos são apresentadas por Lourenço (2010), frente a ausente assistência aos sítios arqueológicos roraimenses:

Mas nenhum estado da Região Norte tem seus ricos sítios arqueológicos tão esquecidos como Roraima. No Acre existem várias pesquisas sobre geoglifos; projetos como PRC e o PIATAM estão sendo desenvolvidos no Amazonas; Rondônia e Amapá contam com institutos de pesquisa arqueológicos e mesmo paulatinamente, vêm apresentando resultados importantes sobre a cultura material de seus primeiros habitantes, no Pará, são anos de pesquisas sobre as culturas santarém e marajoara realizadas pelo Museu Emílio Goeldi. (LOURENÇO, 2010:

Podemos constatar essa realidade em números a partir dos registros de sítios arqueológicos no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA)⁴² o qual, apresenta Roraima com menor número de registros entre os estados amazônicos:

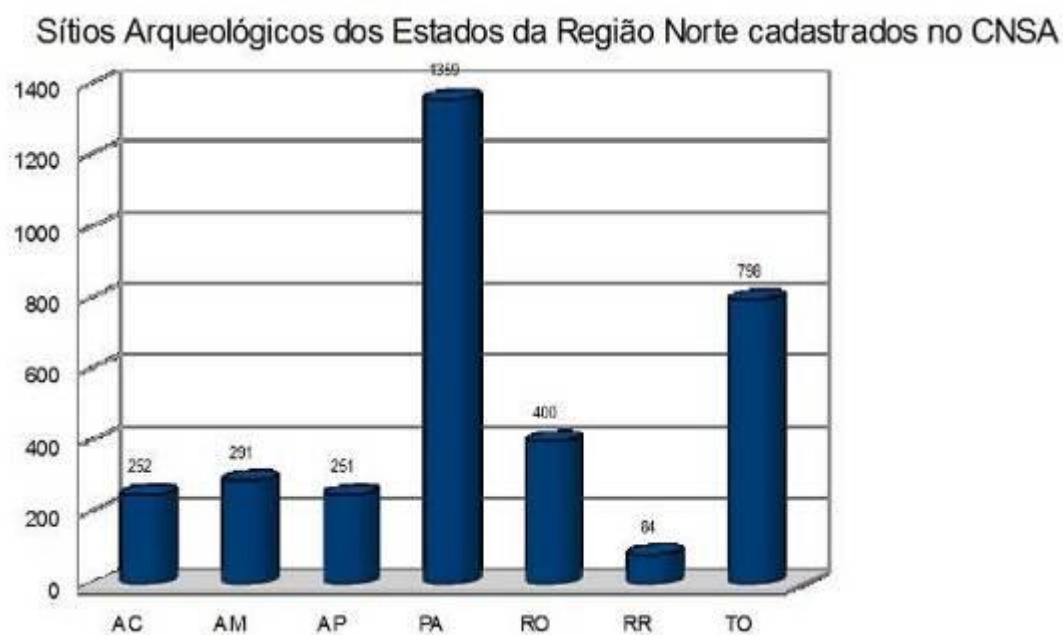


Figura 1 – sítios arqueológicos dos estados da Região Norte cadastrados no CNSA.

Dentre as publicações mais importantes sobre a arqueologia no Brasil, a obra de André Prous (1992), *Arqueologia Brasileira*, apresenta brevemente em alguns trechos as características da “quase exclusividade de retas pintadas paralelas ou formando retângulos preenchidos com traços também retos⁴³”, que compõe a maioria dos sítios arqueológicos do Estado de Roraima. As únicas informações que temos efetivamente sobre o patrimônio arqueológico de Roraima são as publicações do professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro através da revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA)⁴⁴, publicação que apresenta os resultados de algumas etapas realizadas nas pesquisas arqueológicas na década de 1980. Mentz Ribeiro é considerado autoridade em se tratando de inscrições de Tradição Meridional, caracterizada por gravuras geométricas lineares não figurativas, típica da região dos pampas da Argentina assim como no Estado do Rio Grande do Sul, onde atuava profissionalmente. Talvez por essa razão Mentz Ribeiro foi chamado para realizar a salvaguarda emergencial dela alguns sítios arqueológicos de Roraima, em especial a

42 <http://portal.iphan.gov.br/portal/montaPaginaSGPA.do>

43 PROUS (1992: 528)

44 As informações sobre o resultado das pesquisas envolvendo a Pedra Pintada estão transcritos na íntegra no Anexo II deste trabalho.

Pedra Pintada (RR-UR-01), conforme o histórico da pesquisa que será apresentado no próximo capítulo. Na edição do CEPA de junho 1987, o arqueólogo se refere sobre a ausência de bibliografias que pudessem auxiliá-lo na comparação dos elementos arqueológicos de Roraima com as demais regiões brasileira, contando somente com Evan e Meggers (1960), que atribuem a produção ceramista roraimense a tradição Rupununi da Guiana.

De qualquer forma, são acentuadas as singularidades arqueológicas de Roraima por Mentz Ribeiro frente as demais produzidas em território nacional, assim como nos países vizinhos, o que é pouco utilizado científica e economicamente. Conforme será apresentado no quarto capítulo deste trabalho, o grande volume de água extinta na região compreendida atualmente como nordeste de Roraima, a quantidade de ouro existente, informações cartográficas e análises geológicas, apontam esta região como local da lendária cidade de outro do *El Dorado*, que atraiu a partir do século XI muitos europeus para América do Sul em busca de riqueza. Informações que poderiam estar fazendo parte da história da humanidade, assim como aproveitados em roteiros turísticos.

2.4 Arqueologia Preventiva na Pedra Pintada (RR-UR-01)

Preservação é o conceito genérico. Nele podemos compreender toda e qualquer ação do Estado que vise conservar a memória de fatos ou valores culturais de uma Nação. É importante acentuar esse aspecto já que, do ponto de vista normativo, existem várias possibilidades de formas legais de preservação. A par da legislação, há também as atividades administrativas do Estado que, sem restringir ou conformar direitos, se caracterizam como ações de fomento que têm como consequência a preservação da memória. Portanto, o conceito de preservação é genérico, não se restringindo a uma única lei, ou forma de preservação específica. (RABELLO, 2009: 19)

A proposta de tombamento da Pedra Pintada de Roraima, requerido pelo IPHAN/RR, visa realizar as ações de fomento de preservação da memória pré-colonial roraimense através deste patrimônio arqueológico. As ações de fruição e educação patrimonial seriam atrativos para os habitantes locais e viajantes que passam por essa região, assim como na valoração das manifestações culturais ameríndia do presente e do passado pelas atuais e futuras gerações de povos indígenas. Alternativa que acreditamos ser uma proposta que possa minimizar os danos causados pelo padrão cultural imposto pela indústria cultural nos meios de comunicação de massa, que afeta na assimilação de valores culturais das mais longínquas regiões e na realização de antigas tradições. Acreditamos que o investimento gasto em intervenções técnica-arqueológicas contra ações que danificam nosso objeto de pesquisa (naturais e antrópicas), seja a melhor e duradoura proposta de desenvolvimento social e econômico que as ações governamentais possam oferecer a esse estado brasileiro.

Para Bastos (2007), não deveria ser somente alimentada a ideia de preservação e proteção dos sítios arqueológicos, mas atribuir valor de continuidade humana, da capacidade coletiva de produzir bens culturais ao longo do tempo em diversos ambientes, a omissão da política de valorização do patrimônio arqueológico é um fator determinante na inibição ao processo de cidadania cultural, assim como na liberdade dos povos subordinados. A pouca valorização do patrimônio arqueológico pré-colonial, juntamente com o crescimento dos espaços urbanos ou a procura de lazer em locais naturais de maneira irregular (onde podem ser encontrados esses bens), aumenta cada vez mais o risco de desaparecimento dessas memórias e inclusão delas na história da humanidade.

Podemos constatar na documentação produzida anteriormente à realização da pesquisa arqueológica na Pedra Pintada, ainda na década de 1980, o intuito das autoridades do então Território Federal de Roraima em proporcionar condições adequadas para realização das visitas sem danos ao local. A intenção em tomba este sítio arqueológico a nível territorial era oferecer maior acautelamento legislativo, independente da Lei 3924/61, uma vez a ausência de intervenções federais em Roraima.

Aproximadamente trinta anos depois, nada mudou em Roraima em relação à tutela do patrimônio arqueológico, assim como na intervenção preventiva arqueológica (que aconteceu somente uma vez com a pesquisa de Mentz Ribeiro). De acordo com Souza e Bastos (2011: 50), a avaliação de impactos cumulativos exige acompanhamento, monitoramento e cuidados que visem ao máximo controlar as alterações (agentes danificadores). Conforme será apresentado no quarto capítulo deste trabalho, as ações atmosféricas contribuem para o descolamento de placas graníticas (composta por granulação grossa), que afetam na composição dos painéis com inscrições rupestres da Pedra Pintada (RR-UR-01), investimento que somente terá sentido se houver retorno através do exercício da função social do bem cultural, o que é pretendido por muitos interessados na concretização desse ideal.

A arqueologia até bem pouco tempo atrás era matéria desconhecida pela população brasileira. Entretanto, hoje vem desempenhando um papel de inclusão social e desenvolvimento da nação, embora seja ainda pouco reconhecido pelas lideranças políticas, empresariais e formadoras de opinião. Em parte, as causas que levam a esse desconhecimento estão vinculadas ao próprio passado do fazer arqueologia, que só recentemente tem assumido um papel de inserção da sociedade brasileira. (BASTOS & SOUZA, 2011: 51)

A apresentação das informações arqueológicas com intuito proporcionar maior aproveitamento dos visitantes faz parte do processo de adequação do local. Com a proposta de educação patrimonial utilizando o sítio arqueológico pré-colonial para atribuição de valor, usaremos o exemplo apresentado Francisco Régis Lopes Ramos (2004), ao expor suas experiências no campo

da museologia como diretor do Museu do Ceará, a partir da metodologia pedagógica de Paulo Freire sobre o *objeto gerador*, na qual é incentivada a leitura do mundo através das experiências humanas, antes ler palavras. Os objetos expostos se remeteriam a diversas experiências vividas por diferentes indivíduos ou grupos sociais no tempo e no espaço (em contextos interpretativos), ao invés de serem somente apresentados com legendas. O que não impede a apresentação de características atuais dos objetos, podendo ser associados às contribuições dos povos de passado remoto.

Ramos (2004), ao se referir a atual sociedade de consumo cita o termo elaborado pelo filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007), o *tempo do objeto*, que se refere a um passado não muito distante onde os objetos eram passados de geração em geração (feitos para durar), mas que na atualidade, isso não acontece mais uma vez o objetivo de exercer sua função por determinado períodos antes de serem descartados, para aquisição (compra) de novos. Sendo possível ser observado por nós seu início e fim. As consequências dessa forma de produção industrializada e assimilação pelos novos elementos culturais pelas sociedades capitalistas recebe o termo *coleccionador às avessas*, criado pela escritora e crítica literária Beatriz Sarlo, onde o ato de consumir acaba sendo mais importante que o próprio objeto. Saciada essa necessidade de aquisição, outras novas tenderam a substituir as anteriores que, por sua vez, tendem a descartar os antigos valores.

Oosterbeek (2007) acredita que a cenografia é um fator determinante na valorização do patrimônio cultural arqueológico, local chamado por ele de “recinto murado da pré-história”. As informações apresentadas conduziria a exploração do espaço ao público, evitando leituras superficiais e diferenciadas do cotidiano – não sendo apenas lugares de observação como acontece na maioria das vezes.

Essa colaboração na construção de sentimentos e valores mais duradouros através das manifestações culturais do passado remoto, faria parte do jogo de vitrines utilizado na “sedução” e “sacralização”⁴⁵ da cultura material, proporcionando a restrição ao mesmo tempo que dá acesso ao Patrimônio Cultural Arqueológico (loais de educação alternativa fora das escolas), *objeto gerador* que se pretende criar na Pera Pintada (RR-UR-01).

⁴⁵ RAMOS (2004)

Capítulo 3: Turismo Cultural na Pedra Pintada (RR-UR-01): proposta para o desenvolvimento econômico estável em Roraima

O título deste capítulo não tem o objetivo de insinuar que em Roraima não há produção econômica forte, o que está por de trás da palavra “estável” é a maneira contrária desse sentido proporcionada pelo garimpo de minerais raros no passado. A proposta de realização da atividade econômica turística na Pedra Pintada tem o intuito de proporcionar local de lazer e informação, onde será possível expor o potencial cultural dessa região, pouco explorado economicamente.

A dissociação entre turismo de massa e cultural é fundamental para realização desse ideal, o fato do sítio arqueológico dessa pesquisa ser considerado sagrado pelos povos indígenas implica que a seleção do público que se pretende atrair é essencial para a continuidade da atividade econômica. O aproveitamento do grande fluxo turístico que passa por Roraima (viajantes interessados em conhecer os países vizinhos), poderia oferecer oportunidades concretas de desenvolvimento para essa região, em contrapartida as propostas mineradoras e suas superficiais contribuições. A seguir, será apresentado breve histórico das consequências do garimpo mecanizado ocorridos há pouco tempo atrás, em Território Indígena.

3.1. Breve histórico e consequências da extração mineral em Roraima.

(...) Não se tem, ao certo, a quantidade de ouro extraída, mas, em Boa Vista, principal centro comprador, chegou a existir uma rua quase que exclusivamente destinada a compra do ouro, a chamada Rua do Ouro. O aeroporto de Boa Vista, entre 1987 e 1990, foi considerado o mais movimentado do Brasil, tantos eram os pousos e decolagens que atendiam aos garimpos. O número de aeronaves garimpeiras estacionadas no pátio do aeroporto de Boa Vista variava entre 300 e 400. Todo esse movimento foi interrompido, desde 1991, quando as pistas clandestinas, construídas pelos garimpeiros, foram dinamitadas, pelo Governo Federal, para impedir o prosseguimento da garimpagem na área da reserva indígena ianomami e para evitar maiores danos ao meio ambiente. (FREITAS, 2001: 48)

O garimpo de minerais raros na região compreendida atualmente como Estado de Roraima teve início na década de 1920 de maneira esporádica e aleatória pelos não indígenas⁴⁶, a partir da década de 1990 a ocupação passou a ser contínua e de maneira desorganizada proporcionando invasões em território habitado pelos povos indígenas no nordeste de Roraima, onde atualmente está delimitada a Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol. A consequência dessa atividade econômica

⁴⁶ O processo de mineração iniciado na década de 1920 está relacionado aos não indígenas, porém, a prática de extração desse mineral na região compreendida como Roraima é anterior ao período colonizador (século XVI), pelos povos pré-coloniais.

resultou em uma série de danos socioambientais, propagação de doenças como malária e leishmaniose, falta de interesse pelas antigas tradições por parte dos indígenas (cada vez menor pelas futuras gerações) e disputa por território. Para enfraquecer a resistência indígena sobre a disputa por terra, os novos colonos incentivaram o consumo de bebidas alcoólicas, a discriminação de elementos culturais indígenas (tangíveis e intangíveis) e a imposição dos valores culturais externos.

O dano ao meio ambiente devido a mecanização do garimpo resultou na descarga de agentes poluidores, como óleo diesel e mercúrio no solo, rios e igarapés, causando danos irreversíveis em micro-organismos, animais e em seres humanos. A destruição de mata nativa e alteração nos cursos das águas faz parte da ação das máquinas para facilitar a remoção dos minerais, essas intervenções acontecem de maneira específica conforme as características do mineral e sua localização. O diamante encontrado em camadas mais profundas, próxima à região dos cascalhos, exige grande remoção de terra; já o ouro localizado mais próximo à superfície, em terrenos arenosos e em margens de rios, inutiliza os recursos naturais quando em contato com o mercúrio. A extração de diamante é tida como atividade primária por ser mais rentável, e o ouro como atividade secundária, porém, ambas são exaustivamente realizadas e lucrativas. A citação a seguir, de Paulo Santilli (2001), faz referência aos acontecimentos ocorridos em Roraima na década de 1990:

Os procedimentos utilizados pelos garimpeiros para a extração de minérios seguem os mesmos padrões gerais: remoção das camadas superficiais do solo, com auxílio de maquinários. Variam ligeiramente, porém, entre três modalidades técnicas diferenciadas, conforme as condições de acesso às jazidas nos vários locais: nos leitos dos rios e igarapés, nos baixos margeando os cursos d'água e em terras secas, nas encostas das serras. (...) Quanto aos danos decorrentes dessas três modalidades de extração mineral, são equivalentes e irreversíveis, porque é ínfimo o aproveitamento do minério em relação à grande quantidade de material removido do solo. No caso do uso de dragas, altera-se o curso dos rios e igarapés, assoreando-os, destruindo as margens e a vegetação ribeirinha. No caso das áreas baixas, inutilizam-se os terrenos mais férteis para a agricultura, bem como se aniquila vegetação ciliar. No caso das encostas, deixam-se crateras e amontoados de detritos que comprometem quaisquer formas de ocupação posterior da área. Todas essas modalidades de garimpo implicam igualmente o consumo e o descarte de combustíveis e lubrificantes necessários ao funcionamento de motores e bombas de sucção. Para aumentar seu valor, isola-se o ouro em pó e em pepita por banho de mercúrio aplicado ao material residual que permanece em *caixas e máquinas resumidoras*. (SANTILLI, 2001: 10)

Além da extração de minerais raros há também a extração de minerais em abundância, como o granito para uso na construção civil, proporcionada pelos próprios indígenas ou com o consentimento destes a terceiros. A alteração na paisagem e o risco ao patrimônio cultural

arqueológico decorrente dessa atividade econômica, aflige lideranças e comunidades indígenas contrários a essa atividade, relacionada a falta de opção ou conhecimento de alternativa para obtenção de recursos financeiros. A retirada de granito em Terra Indígena foi constatada por este pesquisador em dois momentos: primeiro em conversas com indígenas de diferentes comunidades que compõe a Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol; e em um segundo momento ocorrido no dia 18 de dezembro de 2012 quando IPHAN/RR, Ministério Público Federal e Fundação Nacional do Índio (Funai), realizaram visita a Comunidade Indígena Internacional, na Terra Indígena do Anaro⁴⁷, a remoção de granito foi constatada na vicinal que conduz a Comunidade Indígena Internacional, a poucos quilômetros da BR 174, por amontoados de blocos graníticos provavelmente de um pequeno inselberg recentemente destruído (blocos de coloração clara sem formação de pátina). Entendimento de pátina a partir da descrição da arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire sobre estudo de indústria lítica na América do Sul:

Pátina (Patine): É comum no estudo das indústrias líticas reservar a palavra córtex à camada de alteração de uma rocha pelos agentes atmosféricos, produzida antes de sua utilização pelo homem, e a palavra pátina à camada de alteração produzida sobre as partes trabalhadas ou utilizadas pelos homens e que se formou depois da fabricação ou da utilização. Em um mesmo objeto lítico, pode-se observar o córtex nos lugares em que este não foi retirado, no processo de fabricação, e uma pátina, que se formou posteriormente à fabricação. Em certos utensílios reutilizados com intervalos de muitos séculos ou muitos milênios, pode-se às vezes observar uma dupla pátina, sendo que a mais espessa corresponde à primeira fabricação e a menos espessa afeta as partes posteriormente retalhadas ou reutilizadas. (LAMING-EMPERAIRE, 1967: 24-25)

Segundo Fernando Walcacer (2009)⁴⁸, o grande desafio da preservação e proteção do Patrimônio Cultural e Ambiental frente à ameaça dos interesses econômicos, está relacionado na dificuldade de atribuir valor sentimental diante da visão monetária, o que tende a ser agravado com a aceitação de valores da política dominante pela coletividade. A parceria entre poder público e coletividades, ressaltada pelo professor em sua palestra, seria uma proposta de solução na defesa desses bens.

No caso do Estado de Roraima, mais especificadamente relacionado à Pedra Pintada (RR-UR-01), a parceria entre a coletividade e poder público seria uma forma de desenvolver prática

47 Na oportunidade lideranças indígenas e autoridades discutiram sobre as frequentes invasões realizadas por fazendeiros não indígenas, além da ameaça de dano ao patrimônio arqueológico proporcionado pelas criminosas invasões. O local da remoção de granito fica há poucos quilômetros do sítio arqueológico Pedra Pintada.

48 Palestra realizada nas Oficinas de Vassouras (Rio de Janeiro) aos estudantes do curso de Especialização em Patrimônio Cultural do Iphan (PEP), em 2009.

econômica mais duradoura, em relação a breve período de extração de recursos naturais. Em nossa opinião o tombamento do referido sítio arqueológico seria importante iniciativa, uma vez o aumento de sua visualização pela população, em seguida, com a implantação das imprescindíveis instalações de infraestrutura para garantir a integridade do bem cultural e aproveitamento pelos visitantes. As lideranças indígenas da Terra Indígena São Marcos, localidade onde está situado a Pedra Pintada, tem o interesse em favorecer o acesso ao local desde que sejam respeitadas as exigências indígenas, e que as visitas ocorram de maneira organizada. A prática de turismo cultural em terras indígenas acontece de maneira bem sucedida na Venezuela, conforme será apresentado mais adiante neste capítulo.

3.2. Conflitos regionais e diferentes pontos de vista que ameaçam o patrimônio cultural arqueológico

Cabe então ao IPHAN, como o órgão responsável pela preservação dos bens arqueológicos, pensar nas questões geradas pelo tombamento de bens dessa natureza. Existem bens arqueológicos merecedores de receberem a chancela de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, um assunto que deve ser discutido enquanto política institucional, independente da proteção já garantida em legislação específica. (BARRETO 2007: 39)

Anteriormente à demarcação da Reserva Raposa/Serra do Sol, em 2005, esse território indígena era retalhado por fazendas de não indígenas, condicionando os povos indígenas dessa localidade em depender de favores de grandes empreendedores agrícolas e dificultando o contato entre os “parentes”⁴⁹, além de dificultar práticas culturais e econômicas pela falta de espaço. A Raposa/Serra do Sol é a maior reserva indígena do país, ocupando parte considerável do estado de Roraima, o que deixa os fazendeiros que perderam suas propriedades e interessados na extração mineral, inconformados pelo que eles consideram como “mal uso” da terra. É muito comum presenciarmos pedidos de revisão dos limites desse território indígena, gerando ainda mais o preconceito pelos povos indígenas por parte da sociedade civil e algumas lideranças políticas (não indígenas). Os contrários a causa indígena, difundem a ideia de que somente os povos isolados na selva seriam de fato indígenas, ao adotar elementos culturais externos, estes perderiam sua identidade e os direitos exclusivos. Relatos sobre destruição de evidências arqueológicas por parte de garimpeiros e fazendeiros também são frequentes, uma vez o receio de serem novos motivos

49 O termo Parente é utilizado entre os indígenas para se referir a outros membros da mesma etnia ou não, considerando este(s) seja(m) indígena(s).

para demarcação de novos territórios.

Pelo brasão do Estado de Roraima podemos constatar a tentativa de minimizar a influência indígena. De autoria Antônio Barbosa Melo, escolhido por meio de concurso público⁵⁰, são destacados elementos como o arroz (produto de exportação), o garimpeiro (em homenagem às riquezas minerais), o Monte Roraima (serra que originou o nome do estado), a ave Garça (típica da região), e as Armas Indígenas (homenagem às etnias do estado). A falta de maior evidência dos elementos culturais indígenas sugere a pouca atenção em apresentar o potencial etnográfico e relevância cultural desses povos⁵¹.



Figura 2 – brasão do estado de Roraima

Entre os indígenas as opiniões também se dividem quando se trata de exploração dos recursos naturais e realização de empreendimentos em seus territórios, é o que ocorre em alguns momentos entre as organizações indígenas Conselho Indígena de Roraima (CIR) e a Sociedade de Defesa dos Índios Unidos do Norte de Roraima (SODIUR)⁵², esta última, por exemplo, foi contra a demarcação da Reserva Raposa/Serra do Sol e favorável a criação de “ilhas indígenas”, a continuidade do território retalhado para essa instituição favoreceria a comodidade dos povos indígenas dessa região, pelo fato da proximidade comercial e melhoramento logístico⁵³.

Outro exemplo da falta de entendimento entre essas organizações ocorreu no calor dos debates sobre a construção de hidrelétrica nas corredeiras do Bem Querer. Atualmente o Estado de Roraima compra energia elétrica fornecida pela Venezuela, que chega através da rede de transmissão Linha de Guri, cruzando parte do território indígena, sem favorecer-lhes desse benefício. A SODIUR é favorável a construção de mini hidrelétricas nas Terras Indígenas, conforme declaração de seu presidente Lupedro Abel Mesquita, em entrevista ao jornal Folha de Boa Vista realizada no dia 15 de fevereiro de 2013⁵⁴, que rejeita a proposta apresentada pelo Projeto Cruviana, criado pelo Conselho Indígena de Roraima em parceria com o Instituto Sócio Ambiental (ISA), para implantação de equipamento de captação de energia solar ou eólica (em abundância na região) e

50 WIKIPÉDIA, verbete: Brasão de Roraima. http://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o_de_roraima

51 Interpretação realizada por este pesquisador ao se mudar para Roraima em julho de 2010.

52 Segundo comunicação pessoal com o estagiário do Iphan RR e estudante do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), Elder Silva Marques (da etnia macuxi), ao falar da criação dessa organização, ressalta que sua origem está vinculada a iniciativa de donos dos arrozaes com o propósito de utilizar desta instituição para realização de assistencialismo aos funcionários indígenas das plantações e ao mesmo tempo influenciar nos discursos destes em favor dos interesses de fazendeiros.

53 <http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL733738-16021,00-RAPOSA+SERRA+DO+SOL.html>

54 http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=146236

transformá-las em energia elétrica.

Diante de desentendimentos e empreendimentos, o patrimônio cultural arqueológico que poderia ser fator favorável ao bem comum, está ameaçado pela falta de valoração coletiva e intervenção governamental. Pinheiro da Silva (2007) acentua a importância em investir mais em ações preventivas sobre o contexto ambiental de sítios arqueológicos, para garantir a continuidade das demais intervenções técnicas:

Assim, a compreensão do patrimônio arqueológico inserido na condição de patrimônio ambiental tende, segundo nos parece, a uma visão reducionista desses bens, deslocando-os para uma esfera relacionada primeiramente ao meio ambiente, e não mais as fontes da cultura nacional, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Meio ambiente passa então a ser o foco principal e esse, no que se refere à arqueologia, não está necessariamente relacionado ao momento das ocupações pré-históricas que mascaram nosso território em períodos remotos. (PINHEIRO DA SILVA, 2007: 69-71)

A falta de responsabilidade e abuso contra o patrimônio cultural arqueológico de Roraima pôde ser constatado no dia 23 de outubro de 2012, quando, através da Emenda Constitucional nº 30⁵⁵, da Assembleia Legislativa do Estado de Roraima, foi retirado o tombamento do sítio arqueológico Bem Querer⁵⁶ para facilitar os tramites da construção da hidrelétrica. Em contrapartida, organizações ambientais, a sociedade civil, pescadores, comerciantes e empresários que dependem do equilíbrio do ecossistema do Rio Branco, agiram contrários à realização desse empreendimento, exigindo providências dos órgãos responsáveis pela tutela do patrimônio arqueológico. O IPHAN/RR, por sua vez, na tentativa de aplicar meios para dificultar o desaparecimento desse bem cultural, solicita o pedido de tombamento a nível federal, negado pelo órgão competente, alegando o já existente acautelamento pela Lei 3.924/61.

Diante da falta de compromisso com o patrimônio arqueológico de Roraima por parte de algumas lideranças políticas, nosso trabalho é uma tentativa de chamar a atenção para que essas ações não voltem a acontecer. Mesmo diante da opinião contrária de considerável parte da população, não somente pelo fato de agredir o bem cultural, mas pelo impacto ambiental que uma hidrelétrica proporcionaria para essa região, as ações governamentais muitas vezes visam somente a realização de seus projetos independente das consequências. Dessa maneira, a intervenção governamental

55 Referência incompleta desta Emenda Constitucional no Diário da Assembleia Legislativa, publicado em 30 de outubro de 2012, Edição 1450.

56 Sítio arqueológico caracterizado por ter sido grande polo de indústria lítica em tempos pré-coloniais, às margens do rio Branco, foi tombado pelo Território Federal de Roraima em 1985.

federal no fomento para uso de patrimônio cultural para fins econômicos seria uma iniciativa mais concreta de desenvolvimento para essa região.

3.3 Turismo Cultural como alternativa para proteção e preservação do Patrimônio Cultural Arqueológico

A proposta deste trabalho em adequar o sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01) para fins turísticos a partir do ato administrativo do tombamento nacional, é uma tentativa de aproveitar economicamente uma das principais rotas turísticas do estado de Roraima, que dá acesso à Venezuela pela BR 174, onde, não há empreendimentos turísticos que possa favorecer efetivamente no desenvolvimento social e econômico dos habitantes dessa região (indígenas e não indígenas). A partir da ideia inicial de turismo, como forma complementar na formação dos indivíduos, acreditamos que esse espaço de lazer e informações possa se tornar uma referencia na educação patrimonial envolvendo o bem cultural e os saberes locais dos povos indígenas.

O turismo da maneira que conhecemos tem sua origem por volta do século XIX, no contexto em que a Revolução Industrial começa formar grandes centros urbanos e a influenciar significativamente no modo de vida de seus habitantes. A rotina proporcionada por esses núcleos fez com que a procura por diferentes habitats aumentasse. O termo “*tourist*” surge na Inglaterra, em 1800, referindo-se aos viajantes que procuravam conhecer locais emblemáticos de diferentes regiões da Europa, o chamado “*grand tour*” fazia parte da educação de muitos jovens de classe média alta. Essas viagens antes limitadas à aristocracia passam a ser democratizadas com a expansão das ferrovias e consequentemente a diminuição de tempo nos trajetos e custos financeiros. Ao perceber as vantagens em realizar viagens em grupos de pessoas, essa maneira de lazer passa ser pensada e preparada por interessados em lucrar com esse tipo de atividade, como é o caso de Thomas Cook, considerado o pai do turismo moderno, em 1941 tratava o turismo como ciência na Inglaterra.

Os países que objetivam usufruir do Patrimônio Cultural para fins educativo e lazer, segundo as sugestões das Normas de Quito (1967), devem oferecer condições adequadas de tutela para esses bens, conforme constam no capítulo IX os quesitos fundamentais para o aproveitamento econômico dessa categoria de riqueza:

- 1) A adequada utilização dos monumentos de principal interesse histórico e artístico

implica primeiramente a coordenação de iniciativas e esforços de carácter cultural e econômico-turísticos. Na medida em que esses interesses coincidentes se unam e identifiquem, os resultados perseguidos serão mais satisfatórios; 2) Não pode haver essa necessária coordenação se não existem no país em questão as condições legais e os instrumentos técnicos que o tornem possível; 3) Do ponto de vista cultural, são requisitos prévios a qualquer propósito oficial dirigido a revalorizar seu patrimônio monumental: legislação eficaz, organização técnica e planejamento nacional. (NORMAS DE QUITO, 1967)

A base legislativa patrimonial brasileira faz parte da nossa realidade, exercendo o acautelamento de maneira geral através do Decreto Lei 25/37, e de maneira específica ao patrimônio arqueológico pré-colonial pela Lei 3.924/61. Os instrumentos técnicos mencionados, compreendidos como a formação acadêmica de arqueólogos, tiveram início somente a partir da segunda metade do século XX, mas mesmo com esse recém-início de instrução profissional, a produção de conhecimento arqueológica brasileira se faz cada vez mais presente no cenário científico mundial. Sendo assim, nossa proposta em realizar o turismo na Pedra Pintada estaria de acordo com as sugestões propostas nas Normas de Quito, com alguns ajustes, uma vez a falta de arqueólogos em Roraima. O aproveitamento do fluxo turístico existente por este estado brasileiro resultaria no pretendido amplo reconhecimento por todos sobre essa categoria de bem cultural, o que poderia favorecer a realização da Arqueologia de Contrato nos empreendimentos, o que não ocorre devido a falta de visibilidade e sensibilização dos bens arqueológicos por parte dos governantes locais.

Ressaltando que não há somente nosso objeto de pesquisa na região, havendo outros sítios arqueológicos similares a serem utilizados como atrativo. Também há o ambiente natural agradável e livre de poluição que poderia estar fazendo parte do roteiro turístico, proporcionado além de práticas de educação patrimonial, atividades de educação ambiental, importante na conscientização dos habitantes dessa região que é objeto de interesse de muitos empreendedores. A utilização do meio ambiente natural para realização do ecoturismo, segundo Michael Kent (2003), favorece a preservação de meio ambientes ameaçados e fragilizados pela ação humana, além, de contribuir para o desenvolvimento de regiões isoladas:

As funções do ecoturismo como um claro catalisador de mudança, no sentido de que ele incorpora novos ambientes em economias de mercado. Isto implica uma mercantilização e reformulação simbólica de uma variedade de características naturais, a fim de extrair o uso valor de troca deles. No processo, a qualidade dos ambientes podem se deteriorar com a construção de infraestrutura turística e sobre-exploração de atrações. Ainda assim, o ecoturismo tem a pretensão de contribuir para a preservação de paisagens naturais ou ecossistemas frágeis, em outras palavras, para garantir a continuidade do meio ambiente. Além disso, a estratégia

de auto-definição e comercialização do setor de ecoturismo evolui precisamente em torno desta pretensão. Simultaneamente, é também uma necessidade básica de ecoturismo que os ambientes que explora permanecem inalterados, a fim de preservar a base recorrente directa do qual ele depende e para garantir a rentabilidade de longo prazo de investimentos. Como resultado deste paradoxo, o ecoturismo tem muitas vezes vêm de mãos dadas com a nova legislação ambiental, o estabelecimento de áreas protegidas ou a regulação do acesso aos recursos naturais através de planos de gestão ambiental. Tais intervenções visam mitigar os impactos ambientais do turismo. No entanto, na prática, eles também servem para restringir concorrentes formas de uso dos recursos naturais que possam deteriorá-los. (KENT, 2003: 185-186)⁵⁷

Ao tratar da relação entre turismo e arqueologia, Scatamacchia (2005) ressalta a fundamental importância em incorporar nos roteiros turísticos informações arqueológicas e de seus antigos habitantes, além de mencionar o mérito de suas contribuições para humanidade presente no modo de vida atual. A realização dessas atividades pelas comunidades indígenas de Roraima poderia ser uma maneira de conectar passado e presente, proporcionando a valorização das antigas tradições para gerações vindouras indígenas e não indígenas. Esse sentimento de posse pode ser percebido nas comunidades indígenas que administram o Parque Canaima na Venezuela, conforme será abordado mais adiante.

Enfrentando o fenômeno da globalização, que acaba massificando muitos fenômenos culturais, o patrimônio arqueológico fica à margem desse processo pela sua singularidade. O turismo fundamentado nele tem a faculdade de revelar a identidade do território e das qualidades de uma cultura local, fixando imagens e mensagens em experiências, por meio de objetos e vestígios que testemunham o modo de viver e de trabalhar da comunidade no passado.

A diversidade cultural, nesse sentido, possui um papel importante na valorização do turismo cultural, que inclui a arqueologia no seu projeto. (SCATAMACCHIA, 2005: 15)

Podemos constatar que muitas vezes o conceito modernidade é tratado como algo de recusa aos testemunhos do passado, mas quando a função social do patrimônio é exercida, o bem cultural desenvolve a função de “ponte” que liga a tradição e o moderno, possibilitando o progresso social⁵⁸. Para realização do turismo é necessário o planejamento de diferentes setores, tanto de infraestrutura como científico, para Moraes (2003), o turismo utilizando o patrimônio arqueológico, as ações conjuntas entre governo e sociedade são fundamentos planejamento dessa atividade:

O turismo, se entendido como opção de desenvolvimento social e econômico, só pode acontecer sob o respaldo do planejamento previsto nas políticas públicas geradas pela União, pelos estados e pelos municípios. E, em se tratando do uso do patrimônio arqueológico para fins turísticos, há de se considerar dois

⁵⁷ Tradução nossa.

⁵⁸ SCATAMACCHIA (2005: 80)

desdobramentos: as expectativas da comunidade que detém o patrimônio do seu território e a imposição das normas legais vigentes que intervêm na interface arqueológica/turismo. (...) O pleno comprometimento de seus diversos segmentos estimulará posturas de preservação, valorização e divulgação do patrimônio arqueológico como fator de atração turística. (MORAIS, 2003: 98)

A partir do desenvolvimento do turismo cultural na Pedra Pintada (RR-UR-01), acreditamos na possibilidade de autonomia econômica aos detentores do bem cultural, evitando, por exemplo, o interesse dos povos indígenas em deixar empresas especializadas na extração mineral agirem em seus territórios. O garimpo de minerais em Terras Indígenas está sendo previsto pelo Projeto de Lei nº. 1.610/96, que dispõe de autorização para dar início a retida dos minerais com consentimentos das comunidades indígenas, a criação desta Lei está prevista pelos artigos 176, parágrafo 1º, e artigo 231, parágrafo 3º, da Constituição Federal brasileira de 1988⁵⁹. O aval para exploração mineral está sendo ansiosamente aguardado por empresários do ramo e algumas lideranças políticas da região, que agem de maneira clandestina e tem, em alguns momentos, funcionários e maquinários apreendidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), juntamente com o Exército Brasileiro e a Polícia Federal, conforme apresentado em noticiários jornalísticos.

3.4 Parque Nacional Canaima (Venezuela): um exemplo a ser seguido

Em Roraima podemos encontrar com certa frequência pessoas exaltando as políticas públicas culturais da Venezuela e dentre as atividades favorecidas lá está o incentivo ao desenvolvimento turístico que acontece em todo país, até mesmo em Terras Indígenas. Provavelmente pelo fato dos povos indígenas viajarem muito dentro de seus territórios visitando “parentes” de diversas localidades, essa influência cultural fez com que os venezuelanos também desfrutassem muito das famosas belezas do país. Um exemplo bem sucedido de incentivo as

59 Art. 176. As jazidas, em lavra ou não, e demais recursos minerais e os potenciais de energia hidráulica constituem propriedade distinta da do solo, para efeito de exploração ou aproveitamento, e pertencem à União, garantida ao concessionário a propriedade do produto da lavra.

§ 1º A pesquisa e a lavra de recursos minerais e o aproveitamento dos potenciais a que se refere o caput deste artigo somente poderão ser efetuados mediante autorização ou concessão da União, no interesse nacional, por brasileiros ou empresa constituída sob as leis brasileiras e que tenha sua sede e administração no País, na forma da lei, que estabelecerá as condições específicas quando essas atividades se desenvolverem em faixa de fronteira ou terras indígenas.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

práticas turísticas, que se tornou um dos principais pontos de visitação da Venezuela é o Parque Nacional Canaima, localizado na região da Gran Sabana, próximo à fronteira com o Brasil. No livro *Pemonton Karamanimnam: turismo como alternativa*, de Shirley Rodrigues (2000), resultado de trabalho de conclusão de curso da pós-graduação em Relações Fronteiriças, sua abordagem trabalha como os indígenas Pemón, da comunidade Salto Kamá-Meru (próxima ao território) desenvolvem de maneira sustentável o turismo, sem necessitar de isolamento ou adaptação de suas tradições. Ao mesmo tempo em que são realizadas as atividades econômicas, são transmitidas e preservadas as tradições culturais para as futuras gerações, nesse local que recebe turistas de toda parte do mundo.

O Parque Nacional Canaima foi criado em 1962 com aproximadamente um milhão de hectares e em 1975 foi ampliado passando a ter três milhões de hectares, se tornando maior que muitos municípios venezuelanos e o quarto maior parque nacional do mundo⁶⁰. Em 1994 foi declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO⁶¹. Devido seu extenso território o Parque foi dividido em dois setores: Ocidental e Oriental – sendo o Instituto Nacional de Parques (IPARQUES) o órgão governamental venezuelano responsável pela fiscalização das atividades, por editar leis e realizar treinamento e orientação aos guias turísticos. Pelo fato de ser somente acessível por via aérea, o setor Ocidental geralmente recebe turistas estrangeiros em seu aeroporto, que realiza conexão com qualquer cidade do mundo e tem a companhia aérea venezuelana Servivensa instalada em suas dependências, ofertando voos diários; já o setor Oriental, com maior número de atrativos turísticos e por ser de fácil acesso, recebe maior número de turistas. A partir desse último setor mencionado, é possível, por exemplo, ter acesso ao Monte Roraima, o que não acontece do lado brasileiro. O Plano de Ordenamento e Regulamentação, criado em 1991, tem em seu Primeiro Capítulo (Objetivos do Parque), as seguintes resoluções:

Artigo 4: O objetivo fundamental do Parque, é preservar e conservar os importantes valores ambientais apresentados nos ecossistemas que compõem o Parque, mediante o cumprimento dos seguintes objetivos específicos:

- 1-Preservar a estrutura dos ecossistemas, evitando modificações irreversíveis na vegetação dominante das diferentes unidades de paisagens: savanas, bosques, florestas, vales e montanhas.
- 2-Conservar os recursos genéticos representativos de flora e fauna silvestres, assegurando a sobrevivência das espécies autônomas, endêmicas, ameaçadas ou em perigo de extinção.
- 3-Manter os níveis naturais das comunidades vegetais e animais, assim como a biológica.
- 4-Preservar a qualidade da paisagem da Gran Sabana e os valores cênicos excepcionais que a caracterizam, tais como: montanhas, saltos, cataratas, vales, savanas ondulantes e formações vegetais.
- 5-Resguardar os valores culturais da etnia Pemón, suas áreas de assentamento e

60 RODRIGUES (2000: 24)

61 WIKIPEDIA, verbete: Parque Nacional Canaima. http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Nacional_de_Canaima

O fato do meio ambiente ser o maior atrativo procurado pelos turistas, as atividades turísticas por sua vez foram desenvolvidas em equilíbrio com o sistema socioambiental, respeitando as diversas dimensões do território da nação Pemón, como a não visitação a lugares sagrados, o modo de vida que gira em torno da família, as tradições e a preservação da língua nativa. Entre os Pemón não há interesse no acúmulo de riquezas, por isso planta-se, caça e pesca somente o necessário, sem o intuito de vender o excedente. Por viajarem muito e estarem acostumados a transitar pela região, os indígenas se tornaram os melhores guias turísticos e atualmente muitos falam o espanhol, alguns o inglês ou alemão, mas todos, desde crianças a anciãos comunicam-se somente pela sua língua de origem. Em relação ao ensino tradicional, a educação escolar é trabalhada através da língua materna e somente depois é introduzido à língua nacional (o espanhol).

Apesar do compromisso com as práticas turísticas, os membros das comunidades continuam viajando dentro de seu território, visitando os “parentes” de outros povoados e mantendo as antigas relações que seus ancestrais exerciam antes da implantação da nova prática econômica, em algumas oportunidades o momento de excursão turístico serve para visitar seus familiares distantes. A prática do turismo não faz parte da tradição desses povos, porém, ao perceber que seria possível através dela realizar a manutenção de suas comunidades, os vários povos que habitam o parque decidiram se beneficiar com o ecoturismo. Apesar do contato com outras culturas, as comunidades indígenas conseguem manter suas tradições. As distribuições das atividades dentro do núcleo familiar continuam a fazer parte do exercício das práticas turísticas, as mulheres tomam conta dos restaurantes e lanchonetes, os jovens rapazes ficam incumbidos de realizar excursões com os turistas, os mais fortes e ágeis realizam passeios de canoa, já os mais velhos produzem artesanato ao mesmo tempo em que transmitem seus conhecimentos às crianças.

A beleza cultural e física dessa gente, principalmente dos jovens é algo admirável. As crianças são visivelmente saudáveis, os adolescentes sorridentes, os adultos receptivos, os velhos tranquilos. Cada ancião transmite um aspecto mágico de sabedoria, homens e mulheres ao se comunicarem com sua língua nativa deixam transparecer um ar de mistério, sobriedade e orgulho de seus antepassados, de suas origens. (...) Ao ver crianças e jovens Pemón encarando os não índios em pé de igualdade, constata-se que os Pemóns da Gran Sabana conseguiram livrar-se da incômoda situação de paternalismo a que outros indígenas vivem subjugados, e conquistaram a tão importante independência financeira, religiosa e cultural. (RODRIGUES, 2000: 74)

62 Tradução do espanhol para o português realizado por RODRIGUES (2000: 26)

O período de alta temporada é o momento de atender as atividades atrativas vinculadas ao ecoturismo, e lucrar muito com a venda de artesanato, já nos momentos de baixa as comunidades trabalham menos, concentrando suas atividades na produção artesanal. Por se transformar em uma espécie de ponto de para dos visitantes de municípios vizinhos, restaurantes e lojas de artesanatos sempre estão abertas, mesmo em períodos de baixa temporada. Nos finais de semana há muitos venezuelanos e brasileiros desfrutando do local, assim como europeus aproveitando ofertas de pacotes turísticos fechados - esses são os que mais compram artesanatos.

Mas de modo geral, os índios da Gran Sabana, canalizando seus dotes de artesãos e usando sua tradição milenar de excursionar por seu território, fizeram do turismo, primeiro uma alternativa de sobrevivência, e depois, a opção pela melhoria da qualidade de vida em suas comunidades, diante da nova realidade imposta em seu território. Eles conseguiram manter aspectos importantes de sua cultura como a língua; o trabalho em comunidade; tradição oral de seus mitos e lendas e, como já frisamos anteriormente, souberam utilizar a prática de fabricação adornos artesanais e seu conhecimento da região, por conta da tradição das viagens, e transformá-los em atividades rentáveis. (RODRIGUES, 2000: 47)

Vemos a experiência do Parque Canaima como um exemplo de como as comunidades indígenas podem melhorar sua condição de vida, os Pemón do lado brasileiro através da organização não governamental indígena TWM (Taurepang, Wapichana, Macuxi), em contato com os indígenas venezuelanos, em diversos procurou realizar essa prática no Brasil com intuito de obter os mesmos resultados, mas até o presente momento não foi possível concretizá-lo.

3.5 Parque Nacional da Pedra Pintada (RR-UR-01): proposta de unidade de preservação aos elementos cultural e ambiental.

As paisagens dos parques são fotografias belas, mas vazias quando descontextualizadas. São os relatos dos moradores que acabam dando vida, denominando os lugares. São as pessoas que tornam os lugares dos parques realmente excepcionais (D'ANTONA, 2003: 94)

Os parques nacionais brasileiros são unidades criadas pelo governo federal e fiscalizados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama), a conservação ambiental proporcionada por esses locais restringem as atividades humanas em relação à exploração

de recursos naturais. Uma das características desses espaços é a relação entre o natural e cultural, favorável ao desenvolvimento de atividades turísticas, adequando o local de maneira adequada para o uso recreativo, influenciando a conduta humana a partir de suas estruturas. Álvaro de Oliveira D'Antona (2003) atribui os parques nacionais como lugares de usufruto social, tendo a partir dessa função o despertar para preservação:

Parques nacionais resultam de um modo de vida hegemônico, “ocidental”, assentado numa primazia sobre a natureza que se traduz em pares opostos: degradação x preservação; urbano x não-urbano; conturbado x idílico; construído (artificial) x natural; humano x selvagem. No passado, e hoje, o lugar do parque está coordenado ao espaço de atividade econômica e social, é o lugar da não-produção, do lazer, a preservação. É por reservarem características naturais cada vez mais distantes do cotidiano humano, parques são destinos turísticos por excelência. (D'ANTONA, 2003: 82)

A distribuição de parques nacionais pelo país garante a riqueza da biodiversidade, a partir do Programa de “Uso Público e Ecoturismo em Parques Nacionais – Oportunidade de Negócios”. Por este, o Ibama procura padronizar o uso dos parques com objetivo de cumprir as metas preservacionistas ao mesmo tempo em que é realizado o aproveitamento turístico, gerando empregos, diminuindo gastos públicos e aumentando a arrecadação, retornando esse investimento para a educação, a pesquisa ambiental e ao turismo. Caso houvesse interesse na criação Parque Nacional onde se encontra o sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), acreditamos que seria importante instrumento de proteção e preservação de sistema arqueológico mais complexo. A Pedra Pintada não é o único sítio arqueológico com alto potencial científico e cultural na região da Terra Indígena São Marcos, através dos estudos realizados na década de 1980 pela equipe do professor Mentz Ribeiro foram identificados outros sítios arqueológicos próximos ao patrimônio em questão, são eles: a Pedra do Pingo (RR-UR-03), Pedra da Perdiz (RR-UR-04), Pedra da Diamantina (RR-UR-05), Pedra do Pedro (RR-UR-06), Pedra do Belém (RR-UR-08), Pedra do Lacrau (RR-UR-11), Pedra do Peixe (RR-UR-12) e a Pedra do Pereira (RR-UR-12). Todos estes sítios arqueológicos de tradição semelhante a Pedra Pintada, porém em todos os casos quase não há informação a respeito destes e do complexo que os envolvem.

Acreditamos que a criação desse relevante espaço de lazer, informação e consumo cultural possa ser uma maneira de incentivar e escoar a produção artesanal das comunidades indígenas que compõe a Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol. Benefícios que abrangeriam os prestadores de serviços fora do território indígena, como transporte, alimentação e hospedagem. O investimento na ideia de aproveitamento econômico da Pedra Pintada possibilitaria reverter a situação de abandono do Estado de Roraima, uma vez falta de atrativos que atraiam visitantes a região.

Capítulo 4:

Pedra Pintada (RR-UR-01): da formação geológica ao patrimônio cultural

A proposta inicial deste capítulo em expor o processo de formação rochosa dos inselbergs⁶³, tem o intuito de apresentar a condição favorável para realização de intemperismo físico sobre as inscrições rupestres. Essa ação erosiva natural que resulta no deslocamento de placas graníticas pode ser apressada dependendo da exposição aos elementos atmosféricos (luz solar, chuva, poluição), cabendo a realização de ações preventivas para retardar os danos em sítios arqueológicos. As informações sobre o ecossistema⁶⁴ de lavrado (savana/cerrado), que será demonstrado em seguida, tem o objetivo de demonstrar o possível motivo para a ocupação humana relativamente recente, se comparada com outras ocupações mais antigas da região amazônica, a essa região de vegetação esparsa que está sendo substituída pela densa floresta (segundo interpretação deste pesquisado). Por fim, as características do sítio arqueológico Pedra Pintada do Estado de Roraima, a partir da publicação dos resultados da única pesquisa arqueológica realizada na década de 1980, pela Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), de Santa Cruz do Sul – RS (1987-1989), assim como o valor simbólico para indígenas e não indígenas.

Lavrado é o termo local para a região das savanas de Roraima. Trata-se de um ecossistema único, sem correspondente em outra parte do Brasil, com elevada importância para a conservação da biodiversidade e dos recursos hídricos. Esta paisagem faz parte do grande sistema de áreas abertas estabelecido entre o Brasil, a Guiana e a Venezuela com mais de 60.000 km². O lado brasileiro é quase que totalmente restrito à Roraima, detendo mais de 70% (43.358 km²) de todo este complexo. Dentro da divisão de biomas e ecorregiões que o Brasil adota, esta grande paisagem é definida como a ecorregião das “Savanas das Guianas”, inserida no Bioma Amazônia. Apesar de seu importante contexto ecológico, toda esta região está sob a ameaça da expansão do agronegócio e ainda não possui nenhuma unidade de conservação de proteção integral ou uso sustentável. Diversos fatores apontam para um crescimento acelerado na ocupação do Lavrado em curto prazo, exigindo uma resposta rápida dos órgãos ambientais. Entre os principais vetores deste crescimento estão as grandes obras de infra-estrutura, os incentivos oficiais e

63 Característica da formação da Pedra Pintada (RR-UR-01) - “O termo *inselberg*, do alemão, “monte ilha”, foi introduzido pelo geólogo alemão Friedrich Wilhelm Conrad Eduard Bornhardt em 1900 para caracterizar montanhas pré-cambrianas, geralmente monolíticas, de gnaiss e granito que emergem abruptamente do plano que as cerca.” WIKIPEDIA, verbete: Inselberg. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Inselberg>

64 Conjunto dos relacionamentos mútuos entre o meio ambiente e a flora, fauna e os microrganismos que nele habitam, e que incluem fatores de equilíbrio geológico, atmosférico, meteorológico e biológico; biogeocenose. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

investimentos privados, o repasse das terras da União para o Estado e o aumento da demanda por alimentos e biocombustíveis. (CAMPOS, PINTO & BARBOSA: 2008)

Na maioria das vezes a característica predominante de vegetação densa da Amazônia é generalizada para todo o território, o que não corresponde com a vegetação esparsa ao nordeste do estado de Roraima. A explicação para essa peculiaridade ambiental poderia nos oferecer maiores informações sobre a recente ocupação humana no período pré-colonial, se comparada a ocupações de períodos mais remotos em território amazônico. A confirmação dessas informações através de pesquisas arqueológicas e geológicas poderia nos dizer se os povos ameríndios presenciaram ou não as remanescentes ações do período glacial na região amazônica.

4.1 Os testemunhos geológico/arqueológico contidos na Pedra Pintada

Podemos dizer que magma é a rocha em estado líquido, sua fusão ocorre devido à alta temperatura do seu local de origem: o manto terrestre. A sua pouca densidade proporcionada pela grande quantidade de calor, favorece o fluxo do elemento líquido pela crosta terrestre em direção à superfície através da



passagem entre de falhas e Figura 3 – Pedra Pintada (RR-UR-01). Foto de Enderson Dias.

fraturas. A rocha líquida quando expelida por erupções vulcânicas recebe o nome de lava, mas nem esse processo ocorre dessa maneira, quanto mais viscoso o magma, maior a dificuldade em passar pelas brechas. Segundo Szabó e Babinski (2009), os magmas graníticos ou riolíticos são demasiados viscosos devido o grande teor silicático (cerca de 66%), substância predominante na crosta e no manto terrestre, juntamente com a queda de temperatura, o fluxo da rocha líquida tende diminuir, formando bolsões de magma semelhantes há grandes “gotas invertidas” ou “balões”, chamados de diápiros de magma. Com a cristalização dos magmas ainda nas profundezas da crosta, os diápiros se transformam em corpos magnéticos intrusivos, ou seja, grandes volumes de corpos

rochosos que somente depois de milhões de anos de terem se consolidado, poderão ser presenciado por nós após quilômetros de crosta terrestre ter sido removida por erosão. O lento processo de resfriamento/cristalização da substância líquida granítica resulta no crescimento/inchaço da massa rochosa, obtendo a partir dessa vagarosa consolidação composição de granulação mais grossa, o que tende a se esfolhear com maior facilidade depois de solidificado e exposto a atmosfera. A ação erosiva de intemperismos físico (deslocamento de placas rochosas), contribuindo para o processo de formação do solo (a pedogênese), resultante do intemperismo químico. A imagem a seguir ilustra o processo fusão e formação dos corpos magmáticos intrusivos, presenciados por nós na forma de inselbergs:

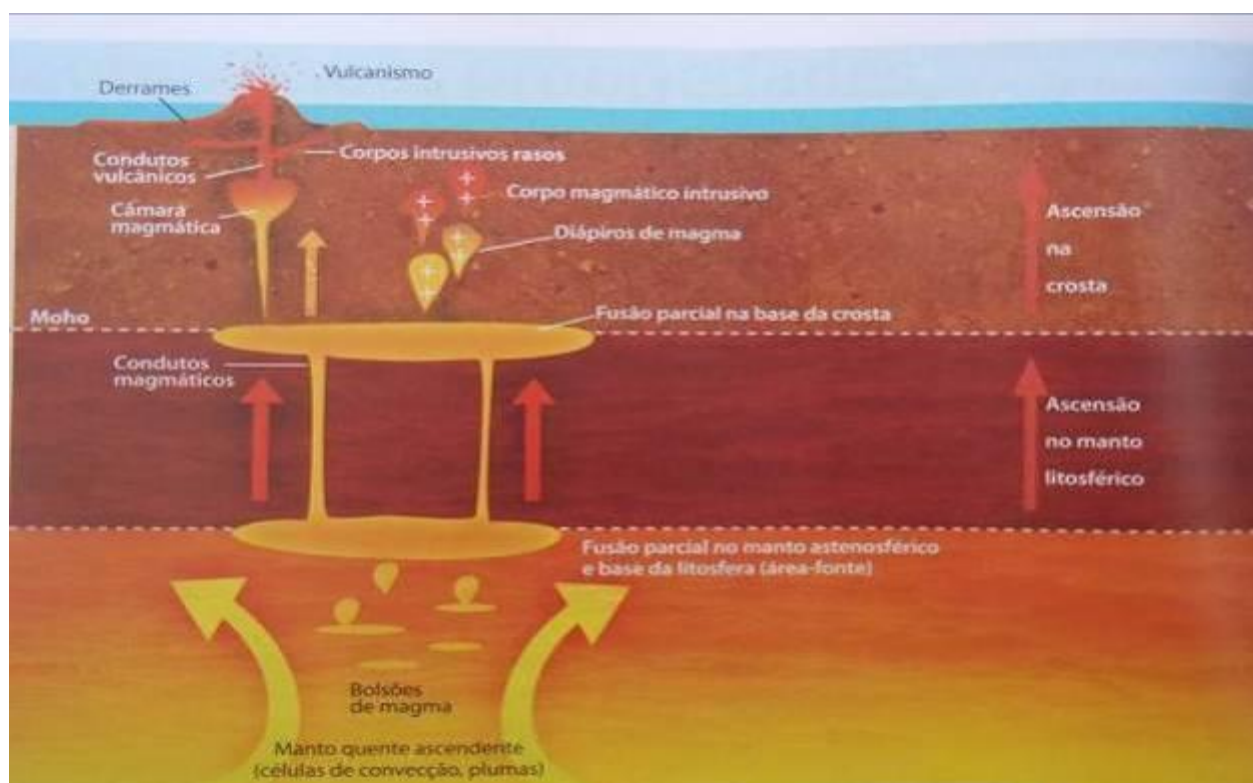


Figura 4 – processo de formação de corpos magmáticos.

O inselberg denominado Pedra Pintada, se enquadra na característica de corpo intrusivo denominado *stock* (menor a 100 km²)⁶⁵. O testemunho do processo geológico sobre a região de savana roraimense pode ser constatado cientificamente no artigo *Pedra Pintada, RR: Ícone do Lago Parimé*, de Reis, Schobbenhaus e Costa (2009), onde são expostos termos técnicos geológicos juntamente com informações de acontecimentos históricos. A relação entre esse sítio arqueológico com o grande lago extinto na Amazônia é abordada pelos pesquisadores como sendo a possível comprovação de que esta seria a região onde os acontecimentos da lenda do *El Dorado* (O Dourado

65 SZABÓ & BABINSKI, (2009)

em português), teriam acontecido. A morfologia da Pedra Pintada, assim como os inselbergs da região, sugere a ocorrência de intenso processo erosivo, ressaltado pelos autores conforme citação abaixo:

Do ponto de vista da morfologia da Pedra Pintada, sua feição monolítica é proveniente de uma prolongada ação de intemperismo. A forma arredondada está relacionada a um processo de esfoliação esferoidal, quando a superfície da rocha sofre desgastes pela ação do tempo e forma lascas à semelhança de casca de cebola, expondo-se sob forma de grandes blocos ou boulders perfeitamente arredondados. (REIS, SCHOBENHAUS & COSTA, 2009)

Para exemplificar a formação e o atual processo de transformação da região de savana em Roraima utilizaremos as abordagens de Ranzi (2000), a partir da obra *Paleoecologia da Amazônia: Megafauna do Pleistoceno*⁶⁶. A abordagem de Ranzi trata da ocupação de megafauna (mamíferos pastores), a partir da remoção da vegetação densa e substituição por vegetação esparsa na região amazônica. Com o ressecamento do clima proporcionado pela ação das geleiras do Hemisfério Norte no período Pleistoceno⁶⁷, os habitats de savana avançaram sobre a região de floresta devido a diminuição pluvial, com o fim do período glacial e o derretimento das geleiras pelo o aquecimento do clima, o nível dos rios amazônicos aumentou favorecendo o retorno da vegetação densa. Os animais que não conseguiram se adaptar tiveram que viver de maneira restrita nas ilhas de savana (refúgios florestais), a ocorrência de fósseis de megafauna na região de floresta é apresentado por Ranzi como antigas regiões campais no período glacial.

O que nos faz acreditar que esse seja o motivo da existência de sítios arqueológicos recentes ao nordeste de Roraima, em comparação aos demais, mais antigos, no entorno dessa área, dentro dos próprios limites da região amazônica. O grande volume de água teria sido o fator que impossibilitou a ocupação humana anterior, ao contrário da ideia desse ter sido um território abandonado, pouco explorado pelos povos pré-coloniais.

A origem e evolução das diversas bacias sedimentares situadas na Amazônia ocidental estão ligadas estruturalmente ao levantamento do franco oriental dos Andes (Miura, 1972) (...) O principal soerguimento da Cordilheira Andina é considerado de ocorrência do Mioceno. Haffer (1981) indica que a Amazônia ocidental continuou a receber ingressões marinhas até o Terciário médio, quando a

66 Resultante de doutorado pela Universidade da Florida (Wildlife Ecology), nos Estados Unidos, entre 1987-1991.

67 O Quaternário é dividido em Pleistoceno e Holoceno, e faz parte das divisões dos tempos geológicos do Cenozóico (período ao qual se consolidou a geografia, animais e plantas que conhecemos, iniciou há aproximadamente 65 milhões de anos perdurando até os dias atuais). O Pleistoceno vai desde o início do quaternário até aproximadamente há 10 mil anos atrás, período caracterizado pelo crescimento das geleiras que cobriram um quarto da superfície do planeta, essa época é também conhecida como a era do homem por acreditar que os primeiros seres humanos terem evoluído neste contexto; o holoceno é também conhecido como período pós-glacial, teve início a dez mil anos, o aquecimento proporcionado nessa época ocasionou no aumento do nível do mar em 30 metros. (fonte: Enciclopédia Encarta)

ligação Pacífico-Amazônia através do Golfo de Guayaquil finalmente se fechou. Quando os principais rios do Cenozóico médio perderam sua saída livre para o Pacífico, a região central da América do Sul pode ter se transformado num enorme ecossistema lacustre. Persiste em aberto uma questão para muitas indagações. O que se formou foi apenas um gigantesco lago, uma série de lagos temporais com águas salobras ou ainda uma sucessão de alagados e savanas (...) (RANZI: 2000, 35-6)

Com a elevação da Cordilheira dos Andes e impossibilidade de transposição oceânica, nasce a partir desse novo ecossistema grande complexo hidrográfico denominado Bacia Amazônica, por onde circulam 20% das águas doces do planeta. Atualmente o ecossistema de cerrado/savana é cortado diagonalmente pela densa floresta, tendo o rio Amazonas⁶⁸, contribuindo para influência do biosistema andino até sua foz no Oceano Atlântico. Segundo Ab'Saber, o do sistema hidrográfico amazônico, “nasce em plena cordilheira dos Andes, através de três braços onde existem precipitações nivais e de gelo de primavera, a mais de quatro mil metros”⁶⁹, ao longo da gigantesca depressão topográfica dessa região. Ranzi levanta a questão sobre qual teria sido o destino dos ambientes salubres que sobraram com a extinção da passagem oceânica:

A origem e evolução das diversas bacias sedimentares situadas na Amazônia ocidental estão ligadas estruturalmente ao levantamento do franco oriental dos Andes (Miura, 1972) (...) O principal soerguimento da Cordilheira Andina é considerado de ocorrência do Mioceno. Haffer (1981) indica que a Amazônia ocidental continuou a receber ingressões marinhas até o Terciário médio, quando a ligação Pacífico-Amazônia através do Golfo de Guayaquil finalmente se fechou. Quando os principais rios do Cenozóico médio perderam sua saída livre para o Pacífico, a região central da América do Sul pode ter se transformado num enorme ecossistema lacustre. Persiste em aberto uma questão para muitas indagações. O que se formou foi apenas um gigantesco lago, uma série de lagos temporal com águas salobras ou ainda uma sucessão de alagados e savanas (...) (RANZI, 2000: 35-36)

Difundida na Europa a partir da década de 1530, a lenda de uma liderança indígena que cobria o corpo com pó de ouro e mergulhava nas águas de um grande lago em oferenda aos deuses, nas proximidades da cidade de Manoa (ou Manoa del Dorado), a beira do lago salubre Parimé (ou Parima), resultou na vinda de muitos exploradores europeus pelos Andes, foz do Rio Amazonas e Venezuela pelo rio Orinoco. A partir de cartografia do final do século XVI, elaboradas por Thomas

68 Em seu percurso, o Amazonas recebe quase 7.000 afluentes, que em conjunto ocupam uma área de quase 4 milhões de quilômetros quadrados. Os sedimentos arrastados pelas águas totalizam 800 milhões de toneladas por ano, e esses fragmentos de montanhas andinas são carregados pela correnteza até 200 km dentro do Atlântico, indo depositar-se na costa da Guiana Francesa, frente a Caiena. (Enciclopédia Encarta 1993-2001)

69 Ab'Saber (2000: 67)

Hariot (1595) e Henricus Hondius (1599)⁷⁰, são apresentadas referências sobre grande volume de água nas proximidades da atual savana de Roraima, tendo ao norte a Serra de Pacaraima (entre Brasil e Venezuela), como limite norte do lago.

A pesquisa realizada pelo artista plástico chileno Roland Stevenson (1994), inicialmente sobre a possível influência incaica na etnia indígena Yanomami (trabalho de origem artístico), resultou em aprofundamento até chegar a referida lenda do *El Dorado*. Fundamentando-se em artefatos arqueológicos incaicos encontrados em local de garimpo de Roraima (Serra do Tepequem), dentre outras evidências, o artista chileno acrescenta a sua obra informações embasadas em depoimentos de geólogos, ecólogos e dados contidos no projeto RADAM⁷¹ sobre a região nordeste do Estado de Roraima. A partir de imagens aéreas contidas no referido projeto, é possível perceber ao norte da linha do Equador a existência de grande área escurecida (região depressiva), com aproximadamente 400 quilômetros de diâmetro (com 40% localizado na Guiana), ilustrada por Stevenson apresentando os possíveis limites do Lago Parimé, destacando a Ilha de Maracá (complexo de ilhas a noroeste do lago), e a capital Boa Vista (sudoeste):

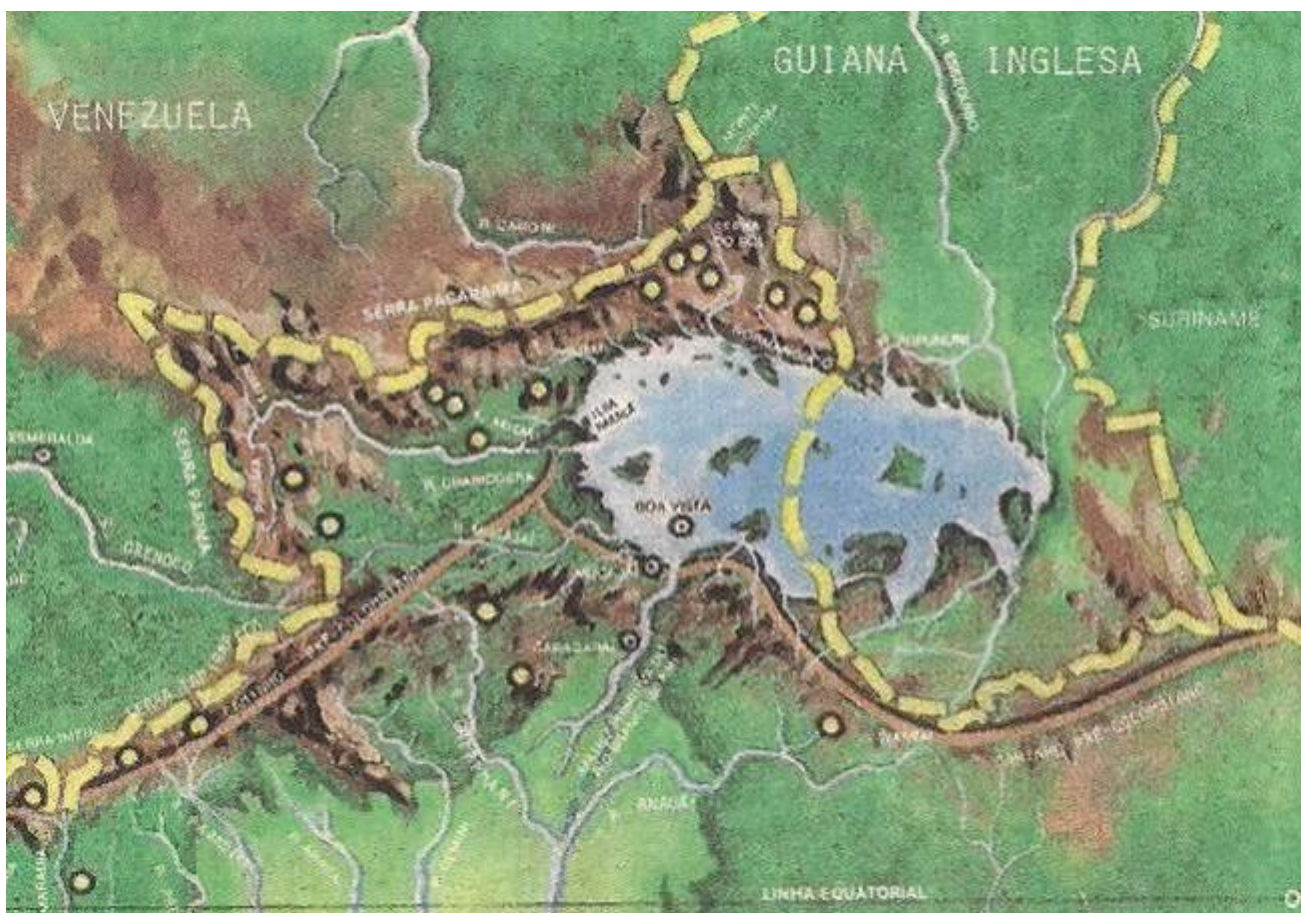


Figura 5 – região depressiva ilustrada por Stevenson.

70 Ver Anexo I

71 Stevenson (1994: 138-148) apud Projeto RADAM Brasil (1975)

Dentre os depoimentos de geólogos recolhidos pelo artista chileno, o de Gert Woeltje (1991)⁷², da Universidade do Amazonas, que realizou pesquisas *in loco* na Pedra Pintada, apresenta resultados que indicam a submersão da Pedra Pintada há aproximadamente 700 anos, para ele sendo provável que as inscrições rupestres há mais de dez metros do solo teriam sido confeccionadas por artesão sobre canoa. Conforme o nível da água ia abaixando novas inscrições foram sendo dispostas nos painéis do inselberg. Antes mesmo de sugerida ideia, sobre a elaboração das inscrições, esta já poderia ser desconsiderada uma vez as pesquisas arqueológicas da década de 1980 atribuírem as pinturas aos caçador-coletores (pré-ceramistas), há mais de quatro mil anos, mas o fato da recente existência do lago pode estar relacionado a essa relativa recente ocupação na região de savana de Roraima.

Na pesquisa de Stevenson (2004), foram constatadas histórias da tradição oral macuxi relatos sobre o lavrado ter sido um grande mar, o que acabou sendo atribuído ao dilúvio bíblico da Arca de Noé. Atualmente, é possível constatar em algumas comunidades indígenas a existência de pequenos lagos salubres⁷³

4.2 As características da produção cultural no sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01)

As poucas informações que temos sobre a Pedra Pintada de Roraima, associadas aos dados gerais de sítios arqueológicos pré-coloniais, serão tratadas nessa parte do texto com o propósito de trabalhar a valoração do referido patrimônio arqueológico. Informações relevantes presentes em nosso objeto de pesquisa, como a ocupação contínua dessa parte do território do Maciço das Guianas⁷⁴ desde o período dos caçadores-coletores até os ceramistas, assim como grande concentração de inscrições rupestres em locais de difícil acesso e práticas. Estas são algumas informações que poderiam estar contribuindo para história da humanidade, mas que, continuam restritas ao seu local de origem.

Segundo Eduardo Goés Neves (2006), a região amazônica é demasiadamente antiga com exceção da formação mais recente dos Andes, as ações climáticas tropicais desse ecossistema oferecem ciclos e chuvas torrenciais que proporcionam a lixiviação do solo, enfraquecendo-o em

⁷² STEVENSON (1994:160) apud WOELTJE (1991)

⁷³ Relato sobre esses pequenos lagos salubres em comunidades indígenas através de Elder Silva Marques, da Comunidade Indígena Camararé.

⁷⁴ Região caracterizada por planaltos tabulares denominados por *tepuyes*, que abrange desde o leste da Colômbia, atravessa o sul da Venezuela, o norte do Brasil, a Guiana, o Suriname e o leste da Guiana Francesa (cerca de 2.000.000 de km²). Fonte: Enciclopédia Encarta.

nutrientes. A ocupação humana teria ocorrido há pelo menos onze mil anos, dentre as grandes contribuições dos povos indígenas para humanidade foi à domesticação de diversas espécies de plantas, consumidas em diferentes partes do planeta. A agricultura adotada por algumas etnias teria resultando em unidades familiares, assentamentos que em alguns casos foram densamente povoados. O acúmulo de material orgânico desses antigos povoados ameríndios, resultado de longa e contínua ocupação, apresenta terra enegrecida e fértil que se distingue quando encontrados do solo típico amazônico exaustivamente lavado a cada ano.

As terras pretas talvez sejam o melhor indicador de que os ambientes amazônicos foram modificados pelas populações indígenas que ocupavam a região antes da conquista. (...) Ainda não se sabe, porém, o que levou à formação das terras pretas. A hipótese mais provável é que elas resultem do acúmulo contínuo de restos orgânicos – ossos de peixes e outros animais, cascas de frutas e raízes, fezes, urina, carvão etc. – em aldeias sedentárias ocupadas durante muitos anos ou décadas. Sob essa perspectiva, sítios com esse tipo de solo seriam locais de habitação no passado. (NEVES, 2006: 52-53)

A terra preta faz parte da característica do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), no relatório produzido pelos arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi, Daniel Florêncio Fróis Lopes e Ana Lúcia Maroja Kalkmann⁷⁵, em 1982, esse indício de ocupação contínua foi ressaltada. Em dezembro de 2012, na ocasião em que o IPHAN/RR instalou placa de identificação deste sítio arqueológico, a equipe de técnicos constatou além da terra preta, caco de cerâmica nos aproximadamente 70 centímetros de profundidade no local de instalação.

Neste momento vale a pena fazer uma descrição do sítio. De acordo com Mentz Ribeiro, que pesquisou o sítio, ele seria definido da seguinte forma:

RR-UR-1: Pedra Pintada – Sítio cerimonial de fase a ser determinada, localizada cerca de 800m da margem esquerda do rio Parimé, em terras da área indígena de São Marcos (FUNAI), distando aproximadamente 143km ao norte da cidade de Boa Vista. Compreende um grande inselbergue de granito com cerca de 60m de diâmetro por 30 a 40 de altura, contendo pinturas rupestres (vermelhas) na fase externa e uma caverna na base, medindo aproximadamente 5m por 2,5m de altura na entrada e afunilando gradativamente para o interior da pedra numa extensão aproximada de 12m. Apresenta 3 grandes áreas ou locais com pinturas: ao leste ou área da caverna, ao sul, ou painel principal e ao sudoeste-oeste ou “Mesa de Pedra”

75 Ocasião em que foram averiguadas as denúncias de danos intencionais contra a Pedra Pintada.

(Esta fica em nível mais elevado da base do inselbergue, mais ou menos 15m). A última é um bloco de granito com 1,50 x 1,00 x 0,60m, assentado sobre outros menores, mostrando em sua lateral sinalizações vermelhas. Tem o nome local de “Pedra do Sacrifício”. A 7,5m da boca da caverna fez-se um corte experimental de 2x2m, em níveis artificiais de 10m. O refugio chegou a 1,51m até tocar na rocha. Encontram-se fragmentos cerâmicos, restos de alimentação (peixe, animais silvestres, aves, conchas), objetos de adorno (contas e pendentes), artefatos líticos e um sepultamento. A cerâmica ocorre até o nível 60-70 cm. A partir daí, só aparecem líticos e restos de alimentação, estes últimos até os 120 cm. (MENTZ RIBEIRO, 1987: 11)

A especificação atribuída a Pedra Pintada a partir das siglas “RR”, “UR”, “01”, elaborada no período da realização da primeira pesquisa científica arqueológica, tem os seguintes significados: “RR” refere-se o Território Federal de Roraima, atual Estado de Roraima; “UR” corresponde à bacia hidrográfica do rio Uraricoéra⁷⁶ a qual este patrimônio cultural está localizado; e o número “01” por ser o principal motivo da intervenção de salvaguarda arqueológica em Roraima na década de 1980.

Os resultados da pesquisa arqueológica publicado em Mentz Ribeiro (1987), constataram na Pedra Pintada dois tipos distintos de ocupação no local, a de grupo de caçador-coletores (pré-ceramista), e outra ocupação de grupo ceramista, as contas de vidro e faiança encontrados nas camadas superiores de corte experimental (etapa de análise de material não realizada), foram atribuídas aos primeiros contatos entre os povos indígenas com o colonizador europeu.

76 O rio Uraricoera ao se encontrar com o rio Tacutu dá início ao rio Branco, principal afluente do rio Negro que, por sua vez, é o principal afluente do rio Amazonas.



Figura 6 – Áreas para cadastro de sítios arqueológicos em Roraima. (MENTZ RIBEIRO, 1989: 33)

A breve complementação de algumas dessas informações, apresentadas a seguir, faz parte das etapas cumpridas da pesquisa, ressaltando que outras não foram devidamente realizadas conforme estabelecido no projeto de pesquisa, devido à corte de verbas e cancelamento dos estudos⁷⁷.

Antes de continuarmos com a Pedra Pintada, vamos tratar sobre a abordagem adotada pelo arqueólogo estadunidense Lewis R. Binford (1931-2011)⁷⁸, com base na teoria do antropólogo estadunidense Leslie White (1900-1975)⁷⁹, que trabalha com analisar de gasto energético humano para realização de algumas atividades, informações contidas em sítios arqueológicos que apresentam o valor simbólico das manifestações culturais para coletividade⁸⁰.

Preocupado em abordar o processo evolutivo cultural humano dentro de parâmetros mais objetivamente mensuráveis do que os empregados pelos evolucionistas do século XIX, White define como eixo central de sua análise da história humana dois parâmetros principais: energia e tecnologia. Aliás, dois parâmetros centrais em qualquer das análises materialistas que se seguirão ao seu tempo, embora,

77 Informações colhidas por pessoas envolvidas direta ou indiretamente nas pesquisas arqueológicas em Roraima na década de 1980.

78 Um dos fundadores da corrente teórica Nova Arqueologia.

79 Elaborador da teoria antropológica Neo Evolucionista, que procura explicar a evolução das sociedades padrões regulares. WIKIPÉDIA, verbete: Neoevolutionism. en.wikipedia.org/wiki/Neoevolutionism.

80 RIBEIRO (2007: 46-47)

naturalmente, analisados sob nuances distintas suas. (NEVES, 2002: 24)

Segundo Luciana Pallestrini, com quem concordamos, na obra *Pinturas Rupestre Brasileira* (1969)⁸¹, as improváveis interpretações devem ser substituídas por associações, a falta de continuidade na elaboração de alguns signos pode está relacionado a ocupação de diferentes culturas na região próxima ao sítio arqueológico, as técnicas utilizadas para confecção e as difíceis condições em locais com pinturas, apresentam a preocupação do artesão expor o valor simbólico das imagens. Ao presenciarmos as inscrições dos três painéis do sítio arqueológico abordado neste trabalho, locais que oferecem perigo para seus elaborados e que proporcionam a visualização dos símbolos a muitos metros de distância, podemos imaginar o valor das representações nos paredes para os povos que os confeccionaram.

Considerando a característica da produção cultural do patrimônio arqueológico que tratamos no presente trabalho, como inscrições rupestres em locais de difícil alcance, realização de diferentes etapas no sepultamento de um mesmo indivíduo (sepultamentos primário e secundário) e o início de ocupação contínua a partir de caçador-coletores – ceramistas pré-coloniais chegando aos povos indígenas. Consideramos ser possível através do foco sobre gasto energético para determinadas atividades (mencionado acima), analisar essas característica da Pedra Pintada com o propósito de valoração do bem cultural.

A partir da pouca informação disponível e a não compreensão de atividades culturais não passíveis de interpretação, podemos levantar as seguintes questões sobre a Pedra Pintada do Estado de Roraima: O que teria motivado caçador-coletores a realizar inscrições há mais de dez metros de altura do solo e qual o papel social dos indivíduos sepultados em urnas funerárias?

Essas questões talvez nunca sejam respondidas, mas de qualquer maneira, o valor simbólico cultural deste sítio arqueológico ultrapassa as gerações.

4.2.1 As inscrições rupestres

A antiquíssima amizade entre alma e pedra é fundamental para a história da humanidade. Uma é toda substância; outra, imaterial. A pedra guardou para a posteridade o registro das primeiras imagens da alma. A pintura rupestre e os artefatos líticos são a certidão de nascimento da imaginação. (GAMBINI, 2006: 231)

81 Informações retiradas de fotocópia, sem mais dados sobre a identificação desta bibliografia.

Segundo Madu Gaspar (2003), a estrutura dos sítios arqueológicos deve ser levada em consideração, as dimensões dos painéis confeccionados com pinturas rupestres apresentam o gasto energético para produzi-los, e assim, o valor simbólico cultural para o(s) grupo(s) elaborador(es). Em se tratando de signos geométricos, como é o caso da Pedra Pintada (RR-UR-01), a autora ressalta a importância espacial em que os signos foram distribuídos, assim como a repetição de desses elementos, a pigmentação e as sobreposições de inscrições, esta última indicando possíveis ocupações de diferentes grupos culturais.

As interpretações realizadas fora do contexto da criação das pinturas resultam em sentidos “externos”, conforme propõe Steven Mithen (2002), os significados “internos” dos símbolos estão contidos na cultura que elaborou as inscrições, o que torna essas manifestações não passíveis de interpretação pela ausência de referências. Estudos sobre os símbolos abstratos realizados por caçador-coletores australianos (contemporâneos) apresentam diferentes significados para um mesmo símbolo geométrico, tendo seu entendimento a partir da associação com outros elementos⁸².

Os resultados da pesquisa arqueológica na Pedra Pintada do Estado de Roraima concluíram que não houve influência de nenhum ponto cardeal ou colateral nas disposições das inscrições rupestres, a partir de corte experimental constataram-se vestígios de hematita (óxido de ferro) em placas graníticas deslocadas do painel, entre 40-50 até 100-110 cm de profundidade, obtendo as seguintes interpretações: as pinturas foram confeccionadas por grupo pré-ceramista (material situado abaixo de 70 cm da superfície) ou pelos primeiros ceramistas (objetos encontrados entre os níveis 40 e 70 cm), a confirmação dessas duas hipóteses poderia explicar a ocorrência de algumas sobreposições. As pontas dos dedos teriam sido o instrumento para elaboração das pinturas, estas, de pigmentação mineral e coloração vermelha e carmim pardacento, supondo-se que a realização de pinturas em locais de difícil acesso teria sido realizada com ajuda de escadas ou andaimes⁸³.

Segundo interpretação de André Prous, as pigmentações encontradas em placas graníticas retiradas de corte experimental durante a pesquisa arqueológica poderiam estar relacionadas a outras práticas, e não necessariamente para realização das pinturas:

Sabe-se muito pouco sobre a primeira ocupação humana na Amazônia. (...) A oeste do estado de Roraima, os pigmentos encontrados no pé da Pedra Pintada têm pouco mais de 3.000 anos. No entanto, em nenhum desses casos há prova definitiva de que essas tintas enterradas tenham sido efetivamente utilizadas para pintar figuras rupestres, nem que as figuras que ornaram a parede desses abrigos sejam tão antigas. De fato, é bem provável que a maioria dos grafismos amazônicos ainda visíveis, pinturas e gravuras feitas sobre um suporte arenítico muito friável e sujeito a uma

82 MITHEN (2002: 256) apud FAULSTICH (1992)

83 Informação retiradas da primeira publicação sobre os resultados da pesquisa, em MENTZ RIBEIRO (1987: 13-44).

Não com o propósito de levantar dúvidas sobre a pesquisa arqueológica de Mentz Ribeiro, mas caso a hipótese abordada por André Prous na citação acima fosse confirmada, então seria possível que as pinturas da Pedra Pintada e região não teriam seus significados “internos”⁸⁴ perdidos por completo. Conforme mencionado por Mentz Ribeiro (1987: 44) e observado diretamente nos relatos do etnólogo alemão Theodor Koch-Grunberg, sobre a semelhança das pinturas corporais dos indígenas Taulipang⁸⁵ com as inscrições rupestres, presentes na região de savana amazônica, poderia de alguma maneira oferecer maiores informações sobre esses elementos não passíveis de interpretação:

Manda que os moradores se pintem festivamente, pois eu disse que queria tirar algumas fotos. Manda todo o seu povo se alinhar. Algumas moças vestiram saias europeias de chita. Dou-lhes a entender que não acho isso nem um pouco bonito. Imediatamente, deixam as saias cair e mostram as bonitas tangas de miçangas que estavam usando por baixo da “civilização”.

A pintura se manifesta pelo corpo todo em desenhos geométricos e figuras de pessoas e animais, e os jovens de ambos os sexos esforçam-se para encontrar sempre novas combinações. O efeito é especialmente original quando há um desenho diferente em cada lado do rosto. Uma menininha Taulipáng tem o corpo e os braços pintados com grandes quantidades de figuras humanas primitivas, as mesmas que encontramos em tão grande número entre os antigos desenhos rupestres. Também há figuras de escorpiões entre elas. Para a pintura empregam-se tintas vegetais; para o corpo, normalmente o sumo negro-azulado o jenipapo, que permanece muito tempo na pele, para o rosto, a tinta vermelha e muito oleosa encontrada na semente de urucu. Essa gente vaidosa sente uma certa satisfação quando registro suas pinturas em meus esquemas, e eles aguentam com paciência. (KOCH-GRUNBERG, 2006: 59)

Caso as inscrições rupestres não tenham sido elaboradas por caçador-coletores, mas sim por povos ameríndios em período mais recente, as etnias dessa região do Planalto das Guianas poderiam contribuir cientificamente para compreensão da simbologia geométrica, presente em diversos sítios arqueológicos. Para nós, portanto, a Pedra Pintada de Roraima é uma importante referência na observação dessas manifestações, uma vez a grande concentração de signos e a sobreposição destes em alguns locais.

Para muitas etnias indígenas, assim como a macuxi⁸⁶, a cor vermelha das pinturas

84 Conforme referido por MITHEN (2002: 256)

85 Etnia indígena de tradição linguística caribe (assim como a macuxi do lado brasileiro), predominante em território venezuelano próxima a fronteira com o Brasil.

86 Etnia indígena de tradição linguística caribe predominante no Estado de Roraima.

corporais tem o objetivo de afastar maus espíritos⁸⁷. Não que acreditamos haver uma ligação direta com os elaboradores das inscrições rupestres com as contemporâneas pinturas corporais dos povos indígenas, mas o significado atual do pode ter tido influência com o passado remoto dos primeiros habitantes ameríndios.

Nos sítios arqueológicos na República Federativa da Guiana (antiga Guiana Inglesa), não são constatadas muitas inscrições rupestres e a pouca semelhança com os sítios de Roraima pode ser observada somente em alguns elementos, como nas recorrentes “duas linhas zigzagueadas se entrecruzando formando losangos; retângulos na vertical com paralelas verticais; linhas serpentiformes; paralelas na horizontal”⁸⁸. Consideramos mais uma vez a Pedra Pintada como uma importante referência, desta vez devido a apresentação de informações sobre a autonomia cultural dos povos que ocuparam a Pedra Pintada em relação a influência do país guianense.

4.2.2 A produção ceramista

De maneira geral, a produção ceramista é associada a práticas agrícolas, armazenamento e preparo de alimentos, segundo Eduardo Góes Neves (2006), a singularidade dessa manufatura na região amazônica está relacionada ao seu grande uso nas práticas funerárias. A introdução dos utensílios de barro ao norte da América do Sul é atribuída a povos que não haviam optado em adotar plenamente a agricultura, não havendo indícios de ruptura econômica na aquisição de insumos.

A característica das urnas funerárias encontradas em abrigos sobre rocha a



Figura 7 – urnas funerárias retiradas do sítio Pedra Pintada em 1958.

87 Em conversa com a professora de língua macuxi, Lavina Pereira Xavier, natural da comunidade indígena Uiramutã, (2010)

88 MENTZ RIBEIRO (1987: 45) apud WILLIAMS (1985).

savana, território predominante da Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol⁸⁹, apresenta característica morfológica a princípio simples, devido a falta de elementos decorativos, mas impressiona pela habilidosa homogeneização na forma e fina espessura do casco. O material cerâmico encontrado nos sítios arqueológicos de Roraima é classificado como sendo da fase Rupununi⁹⁰, da Guiana, existindo divergências entre os tipos de sepultamentos encontrados entre o lavrado guianense e brasileiro⁹¹. As urnas fazem parte de ritual fúnebre, que consiste na exumação dos esqueletos humanos (sepultamento primário) e posterior acondicionamento dos ossos nos recipientes de barro (sepultamento secundário), tendo por fim sua deposição no interior de gruta.

A imagem cima apresenta possíveis urnas funerárias retiradas da Pedra Pintada (RR-UR-01), em 1958, por Marcel Homet e levadas para Europa⁹².

A introdução da produção ceramista no continente americano teria ocorrido em aproximadamente em 3500 a. C.⁹³, tendo havido a multiplicação de sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos na região amazônica no início da Era Cristã⁹⁴. Segundo Carlos Fausto (2010), as evidências arqueológicas indicam a existência de cacicado, como é o caso de diferença no tamanho das habitações, bens de prestígio, obras públicas e práticas de sepultamento.

O estudo sobre as práticas mortuárias realizado por Marily Simões Ribeiro (2007), aborda em determinado momento, a maneira empregada pelo arqueólogo L. Binford em compreender o posição social do indivíduo a partir do seu sepultamento, ou seja, o gasto energético utilizado para realização do rito funerário teria o propósito de eternizar os feitos ou descendência de linhagem familiar relevante para o grupo, sendo possível a partir dessa prática a possibilidade de analisar a complexidade da sociedade.

(...) O *status* social do morto, cuja manifestação, nesse momento, se encontra na variáveis associadas ao momento da deposição (tratamento dado ao corpo, local de deposição do corpo e mobiliário funerário) indicam sua posição social e econômica dentro do grupo. Quanto maiores as relações sociais (que caracterizam pessoas de alta camadas), maior o envolvimento no tratamento dado ao corpo e maior o grau de ruptura nas atividades normais do grupo para viabilizar tal tratamento mortuário (RIBEIRO, 2007: 73)

De maneira geral, a cerâmica analisada na pesquisa arqueológica do professor Mentz

89 Maiores informações sobre a Raposa/Serra do Sol do terceiro capítulo deste trabalho.

90 Nome originado de rio do mesmo nome, na Guiana, onde foram encontradas e é predominante.

91 MENTZ RIBEIRO (1997: 19) apud EVANS & MEGGERS, 1960)

92 HOMET (1959)

93 NEVES (2006:44)

94 PROUS (2006:112)

Ribeiro é tida como simples por apresentar em 99% dos casos estudados, a ausência de decoração (perfuração e apliques para suspensão), não se sabe ao certo se o desenvolvimento da produção ceramista ocorreu de maneira evolutiva (influência econômica de caçador-coletor para ceramista), ou se é resultado de processo migratório.

No caso da terra preta presente no sítio arqueológico Pedra Pintada indique ocupação contínua e prolongada de suposto assentamento populacional, e a constatação de número não elevado de sepultamentos (primários e secundários) no local, podemos interpretar com o cruzamento dessas informações, que os indivíduos sepultados tivessem *status* social elevado para cultura ceramista, ressaltando o gasto energético para o enterramento e exumação dos ossos, assim como, na produção dos utensílios de barro.

As pesquisas arqueológicas até o presente momento, segundo Neves (2006: 22), apresentam o início da ocupação humana na região amazônica há pelos menos onze mil anos, se compararmos a referida datação com os quatro mil anos de ocupação inicial por caçador-coletores na Pedra Pintada (RR-UR-01)⁹⁵, teríamos uma ocupação relativamente recente na região de lavrado roraimense, o que poderia servir argumento para acreditar que as condições ambientais proporcionada pelo grande volume de água (do extinto lago), teria influenciado na ocupação não tão antiga povos ameríndios em Roraima. O propósito de levantar essa questão é apresentar uma dentre muitas intrigantes histórias que envolvem essa região amazônica, potencial não aproveitado para o desenvolvimento do Turismo Cultural em Roraima, situação que poderia ser revertida conforme acreditamos, com o destacamento maior do sítio arqueológico Pedra Pintada: a valoração a partir do tombamento nacional deste Patrimônio Cultural Arqueológico.

95 MENTZ RIBEIRO (1989:27)

4.2.3 Suposições em relação a Pedra do Sacrifício

Na direção do lado esquerdo do painel central, há aproximadamente 20 metros adiante e 15 metros de altura do solo está localizada a Pedra do Sacrifício, ou a “Mesa de Pedra como foi referido por Mentz Ribeiro⁹⁶. Para chegar ao local onde está esse “bloco granítico assentado sobre outros menores⁹⁷” é necessário percorrer subida íngreme na parte traseira do matacão, tendo como frente do inselberg o painel central com inscrições, ou acessando por dentro de pequena e estreita caverna localizada abaixo dessa estrutura rochosa. Ao lado esquerdo da referida mesa e ao alto, encontra-se outro grande painel com inscrições rupestres com muitas das sinalações com pigmentações enfraquecidas devido a constante ação dos raios solares.



Figura 8 - Podemos observar na imagem acima, a estrutura da Pedra do Sacrifício como a única formação diferenciada em comparação com as demais rochas do local.

A reflexão do som ocorre em algumas localidades do grande inselberg onde há formato de abrigo (semelhante à concha), no relato de Homet é mencionado em determinado momento a impressionante acústica proporcionada pelo local, o que de fato podemos presenciar quando estivermos no local, especialmente onde está localizada a Pedra do Sacrifício. De acordo com Gaspar (2003), esse elemento dentre outros fatores conjunturais, podem ter sido importantes

⁹⁶ MENTZ RIBEIRO (1987: 11)

⁹⁷ idem

influências na escolha para as manifestações culturais pré-coloniais.

Eu já ia sair dali quando ouvi sons cristalinos muitas vezes repetidos... Era minha mulher! Ela estava batendo com uma pedrinha num determinado lugar do Dólmén que casualmente descobrira.

-Está vendo?..., disse, o eco parte exatamente daqui e de nenhum outro lugar!

Por isso é que aquele lugar tinha sido escolhido para o Dólmén, depois da descoberta do fenômeno! Essa circunstância teria sido de utilidade ao culto religioso daquele tempo, bem como, o som dos gongos de bronze que subiam a cada passo dado no chão da Pedra Pintada, aumentando o poder misterioso dos sacerdotes que guardavam aquele sêgrêdo. (HOMET, 1959: 17)

A posição horizontal ao qual se encontra o bloco granítico com sinalações (com dimensão de 1,50 x 1,00 x 0,60⁹⁸), sobre outros dois núcleos menores, dá a impressão que essa estrutura não elaborada ocasionalmente, mas sim intencionalmente pelos antigos habitantes. Ideia contrariada pela maioria das pessoas na atualidade, mas que muitas vezes parecem atribuir valores contemporâneos sobre as possíveis leituras de valoração do local pelos ameríndios do passado.

Sendo comprovado esse esforço energético em criar essa mesa de pedra, surgem as seguintes perguntas: qual a função do local em tempos pré-coloniais (mais precisamente na época da criação dessa estrutura), e o que teria motivado tantas manifestações culturais dessa localidade de difícil acesso do sítio arqueológico?

4.3 Breve histórico da pesquisa arqueológica na Pedra Pintada (RR-UR-01)

Com base na documentação anexada ao processo de tombamento do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01)⁹⁹, será apresentada a primeira intervenção governamental para realização de salvaguarda das informações contidas no referido bem cultural ameaçado.

No dia 29 de março de 1983, o então chefe do Parque de Exposição Agropecuária da Fundação Zoobotânica do Distrito Federal (P.E.A./F.Z.D.F.), o senhor José Carlos Souza Rodrigues Junot, através de documento enviado a Ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, alerta sobre o pouco investimento que o país dispensa as chamadas “marcas da pré-história brasileira”. Nesse documento Junot releva a necessidade de ações conjuntas entre o Ministério e governo do Território de Roraima em prol a proteção de sítios arqueológicos dessa região específica que, na ocasião estavam sendo danificados intencionalmente. Dentre a relação de sítios ameaçados

98 MENTZ RIBEIRO (1987: 11)

99 Número CPROD 01419.000251/2012-97, de maio de 2012.

e danificados está o expressivo e imenso bloco granítico com escrituras rupestres denominado Pedra Pintada que, segundo denúncias suas inscrições estavam sendo arrancadas por “criminosos” e “turistas inescrupulosos”.

Através do Ofício nº. 57 de 03 de maio de 1983, a Fundação Nacional pró-Memória atendendo ao pedido do Gabinete da Ministra da Educação e Cultura, solicitou ao Museu Paraense Emílio Goeldi que fosse tomada providência em relação à preservação das informações dos sítios arqueológicos do Território Federal de Roraima (nos termos da Lei 3924/61), enviando dois arqueólogos a região para realização de inspeção aos patrimônios relacionados na denúncia. O Museu atendendo ao pedido da Fundação envia os dados dos profissionais responsáveis pela vistoria ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)¹⁰⁰, os relacionados foram os arqueólogos Daniel Florêncio Fróis Lopes e Ana Lúcia Maroja Kalkmann.

Após realização da vistoria, foi redigido o Relatório de Inspeção Arqueológica no Sítio “Pedra Pintada” (RR), de 23 de junho de 1983, as considerações apresentadas pelos pesquisadores detalham as ações realizadas durante a estadia no Território Federal de Roraima, como informações disponibilizadas pelos habitantes locais, a existência de outros sítios arqueológicos relevantes também ameaçados, descrição da estrutura física da Pedra Pintada e seu entorno. Neste último tópico os pesquisadores chamam a atenção para a composição do solo escuro (húmus), o acelerado processo de degradação do patrimônio arqueológico por agentes naturais e ação humana (subtração de lâminas rochosas contendo inscrições rupestres e utilização dos signos como alvos para armas de fogo). Constatada a veracidade das denúncias, os arqueólogos sugerem a urgência no tombamento do sítio arqueológico Pedra Pintada¹⁰¹, ameaçado pelos seguintes ações descritas no documento:

O exame superficial do painel de sinalações rupestres, com muitas destas já descoradas, mostra nítidos vestígios de perturbação. O córtex do matacão granítico por efeitos térmicos e de hidratação vem se esfoliando (desagregação cortical) e se afastando gradualmente da matriz em lâminas, terminando por soltar-se completamente. No caso do painel com as sinalações rupestres, as lâminas são ainda arrancadas por visitantes, acelerando assim o processo de destruição do painel. (LOPES e KALKMANN, 1983)

A Fundação Nacional pró-Memória sugeriu, a partir do Relatório dos arqueólogos Lopes e Kalkmann, a realização de cadastramento intensivo dos sítios arqueológicos do Território Federal de Roraima em ação conjunta entre o Governo Federal, o SPHAN, a Fundação Nacional do Índio

100 Órgão responsável pela tutela do patrimônio histórico e artístico nacional, criado em 1937 pelo Decreto lei nº 25 (FONSECA, 2009: 97).

101 Grifo nosso

(FUNAI), a Delegacia do Ministério de Educação e Cultura (MEC) em Roraima, Departamento de Assuntos Culturais, a autarquia Patrimônio Histórico do Território e o Conselho Territorial de Cultura. Em relação ao pedido de tombamento, a Fundação se pronunciou contrária alegando não ser a solução adequada naquele momento para preservação da Pedra Pintada, a solução mais apropriada seria a realização de fiscalização e manutenção ao patrimônio arqueológico ameaçado.

Acreditamos que a apropriada recusa ao tombamento da Pedra Pintada a nível federal nesse momento, esteja vinculada a falta de recursos humanos e financeiros para realização de fiscalização e investimento em infraestrutura para oficializar o turismo nesse local. Lembrando que na década de 1980 o Território Federal de Roraima era bem menos habitado que atualmente; a região roraimense dependia de ações de tutela ao patrimônio arqueológico de órgãos dos estados do Amazonas e Pará, que certamente priorizavam as demandas de seus territórios; além do impasse político entre a demarcação das fronteiras nacionais, que somente seriam solucionados com a constituição de 1988, assim como na falta de ações efetivas administrativas nessa região, que somente foram percebidas com a demarcação da Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol em 2005, dando voz ativa aos indígenas sobre essa área.

Por sua vez, o Governo do Território Federal de Roraima através do Decreto n.º 59 de 31 de agosto de 1983, dispõe sobre a criação da Comissão Mista de Preservação e Aproveitamento do Sítio Arqueológico “Pedra Pintada” de Roraima. Este documento assinado pelo governador do Território Federal de Roraima, Major Brigadeiro Vicente de Magalhães Moraes, propõe ainda a criação de legislação de tombamento da Pedra Pintada, assim como a adequação do local para o aproveitamento turístico, juntamente com a realização de pesquisas.

A Minuta do Termo de Cooperação e Criação da “Comissão de Preservação dos Sítios Arqueológicos” cadastrados no Território de Roraima estabeleceu a composição de equipe para estudos arqueológicos, sendo um (01) arqueólogo coordenador dos trabalhos indicados pelo órgão Patrimônio Histórico do Território, a partir do aval do SPHAN; um (01) consultor técnico indicado pela Fundação pró-Memória; um (01) antropólogo indicado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), além da colaboração de outros servidores desta autarquia; o SPHAN exercendo função fiscalizadora durante os trabalhos da Comissão nos sítios arqueológicos (conforme prerrogativas da Lei 3924/61); o Conselho Territorial de Cultura auxiliaria na fiscalização e nas atividades de campo; e a Delegacia do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em Roraima colaborando na fiscalização juntamente com o SPHAN, além de dinamizar os trabalhos através da divulgação de resultados com o propósito de sensibilizar a comunidade sobre o bem cultural arqueológico. O MEC em Roraima também estaria responsável por elaborar inventários dos materiais arqueológicos dispersos em coleções particulares.

As medidas legislativas regionais foram criadas visando à proteção do patrimônio arqueológico da região, como o Decreto Lei nº. 01 de 02 de janeiro de 1984, que dispõe da Proteção de Patrimônio Histórico, Arqueológico e Artístico do Território Federal de Roraima, e o Decreto Lei nº. 02, de 02 de janeiro de 1984 especificando a proteção pelo ato de tombamento do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), a nível territorial. Este último determinou que o Memorial Descritivo desse importante sítio arqueológico fosse inscrito em livro próprio, ato que se realizaria em 13 de abril de 1984¹⁰². A descrição da Pedra Pintada no livro tombo do Território Federal de Roraima apresenta as seguintes informações:

(...) O Sítio Arqueológico da Pedra Pintada está localizado à margem esquerda do rio Parimé, distante 150 km ao norte da cidade de Boa Vista em Roraima. O complexo compreende uma área de aproximadamente 42 km quadrados. A vegetação dominante é complexa, predominando gramíneas intercaladas de arbustos e árvores esparsas estando estas concentradas em torno dos matacões rochosos. O solo é arenoso, rico em húmus e solto e o clima é tropical. O monumento principal está localizado a cerca de oitocentos metros da margem esquerda do rio Parimé, em terras da área indígena São Marcos, compreendendo um grande “boulder” arredondado de granito com cerca de vinte e cinco metros de diâmetro por trinta e cinco de altura, contendo sinalações abrange a parede que vi de leste a sudoeste, com maior concentração na parte sul, exibindo principalmente grafismos geométricos. Na parte externa do painel, a sudoeste e junto à parede, encontra-se um bloco de granito com um metro e meio de comprimento por um metro de largura e sessenta centímetros de altura, assentada sobre outros menores, mostrando também em sua face superior sinalações vermelhas e é denominada Pedra do Sacrifício. (...) Os achados arqueológicos mais frequentes na área constituem-se de cacos de cerâmica e artefatos líticos. (RORAIMA, 1984)

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em resolução executiva, delega ao diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, José Seixas Lourenço, a função de cooperar na área técnico-científica da pesquisa arqueológica. No pré-projeto *Salvamento Arqueológico na Área de Boa Vista (RR)*, a Divisão de Arqueologia do Museu apresenta as etapas da pesquisa a serem executadas em outros sítios arqueológicos, além da Pedra Pintada, com duração de três anos, dois dos quais destinados à pesquisa de campo e o último à interpretação geral das informações.

A Minuta do Convênio de Cooperação entre o Governo do Território Federal de Roraima e o Comando de Fronteira de Roraima (do exército), com intervenção da Secretaria de Educação e

102 Percebe-se através dos documentos que havia a preocupação em relação ao tombamento do sítio arqueológico por parte do governo territorial, como mais uma maneira de proteção emergencial, porém, em algum momento é sugerido o não tombamento pelo SPHAN para não agravar mais os danos com a maior popularização do local. Mesmo assim a Pedra Pintada foi tombada pelo território acreditando que, com isso, o próximo passo seria o reconhecimento nacional.

Cultura, sugere que seja realizado na área do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR) a demarcação, preservação e o aproveitamento do local para fins de lazer e visitação turística. O Comando de Fronteira contribuiria com recursos humanos para segurança do local e o Governo do Território cuidaria da acessibilidade e divulgação das informações sobre o valor simbólico do sítio arqueológico e a importância de sua preservação para população local.

Por fim, após a realização da pesquisa arqueológica pela equipe do professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro ao longo da década de 1980, é apresentado no relatório do Projeto de Salvamento Arqueológico na Área de Boa Vista (RR), os métodos utilizados para preservação das informações do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), além de outros patrimônios arqueológicos pesquisados. Os dados foram armazenados em registros fotográficos, cópias (decalques) em plásticos transparentes dos signos em tamanho natural, coleta de artefatos arqueológicos em superfície e em camadas estratigráficas, preenchimento de fichas, amostra de solo e datação através de Carbono 14. O relatório também apresenta informações sobre as atividades de educação patrimonial para autoridades e pessoas vinculadas a educação e cultura, além de sugestões oferecidas para o retardamento de danos sobre o bem arqueológico da região.

O arqueólogo Mentz Ribeiro (1997) faz importantes considerações ao potencial arqueológico de Roraima, o fato de o estado ser pouco habitado favoreceria a maior integridade as informações contidas nos sítios arqueológicos da região, fator que possibilitaria interpretações mais confiáveis pela pouca intervenção humana:

Em estados brasileiros com maior volume de expansão humana, como por exemplo o Rio Grande do Sul, onde dedico minha pesquisa arqueológica há mais de 30 anos, a maioria dos sítios encontrados estão destruídos ou parcialmente destruídos em 90% dos casos ou mais. Em Roraima ainda acontece o contrário. Entretanto, na medida em que o estado for crescendo econômica e populacionalmente, paralelamente ocorrerá a ocupação dos espaços. Isso ocasiona a descoberta, normalmente acidental, dos locais com vestígios da passagem do homem. (...) Por esta razão, Roraima ainda apresenta as condições ideais nas quais o arqueólogo aspira desenvolver sua pesquisa. Não tanto pelo aspecto psicológico do prazer que reflete “o achar”, “o encontrar” uma quantidade relativamente grande de locais com pinturas, gravados, depressões ou, especialmente, abrigos e cavernas com urnas funerárias. O importante mesmo reside em, encontrando essa quantidade de sítios arqueológicos intactos ou quase sem perturbações, proporcionar um maior número de respostas com resultados mais confiáveis. O arqueólogo não procura peças e sim informações. Os sítios e os vestígios neles constantes são os meios para se obter informação e reconstituir, assim, a cultura humana e sua história, especialmente quando não há o domínio da escrita. Em síntese, para Roraima, há pressa na continuidade e aceleração da pesquisa arqueológica. (MENTZ RIBEIRO, 1997: 22)

A segunda etapa da pesquisa, nunca realizada, estaria voltada a interpretação dos artefatos arqueológicos recolhidos em superfície e em cortes experimentais. Durante muitos anos os artefatos ficaram mal acondicionados e na década de 1990 o material arqueológico sofreu um grave ato de vandalismo: na ocasião as estantes onde estavam acondicionados os objetos arqueológicos foram viradas ao chão, danificando urnas funerárias de cerâmica e misturando identificações e artefatos de diferentes sítios arqueológicos e livro Tombo nos quais os bens culturais foram inscritos. Acredita-se que os conflitos de terra tenham motivado a invasão do local que foi propositalmente danificar os bens: além de proporcionar a quebradeira, os vândalos fizeram necessidades fisiológicas sobre os artefatos.

A danificação da ponte que cruza o rio Parimé e dá acesso a Pedra Pintada para quem vem da BR 174, ainda na década de 1990, contribuiu para diminuição das ações antrópicas, devido o acesso restrito a canoas em períodos em que o volume de água aumenta. Com a demarcação da Reserva Raposa/Serra do Sol, a Pedra Pintada ganhou mais outra proteção contra ações antrópicas com o acesso restrito a não indígenas em territórios indígenas. Os fatores antrópicos diminuíram graças às restrições, mas os fatores naturais continuam, atualmente com o crescimento populacional na capital Boa Vista e demais municípios da região, acredita-se que o aumento da poluição do ar pela eliminação de gases poluentes como o monóxido e dióxido de carbono pela queima de combustíveis fósseis, e gases fluoretos de carbono (hidrofluorocarbonetos) provenientes de centrais de ar ou aparelhos de ar condicionado, estejam favorecendo o processo de degradação das inscrições da Pedra Pintada. Através da comparação de fotografias antigas com as mais recentes, é possível constatar o clareamento das pigmentações¹⁰³ dos paredões. Em alguns depoimentos de pessoas que frequentavam o local com suas famílias no período de acesso livre, são presenciadas informações de locais com maior número de inscrições rupestres no monumental inselberg. O investimento em ações preventivas de monitoramento para identificação dos agentes danificadores, assim como a realização deles, é fundamental para longevidade das inscrições rupestres do nosso objeto de pesquisa.

É importante o entendimento do que são os impactos cumulativos. Bastos (2011) refere-se à acumulação de alterações nos sistemas arqueológicos ao longo do tempo e no espaço de forma aditiva ou interativa. Estes também podem ser divididos como estruturais ou funcionais. São estruturais os impactos que se referem basicamente as questões espaciais, como a fragmentação. A fragmentação espacial pode ser exemplificada pela alteração do tamanho, da forma e da integridade dos sítios arqueológicos. Esses são impactos que podem envolver ações naturais e antrópicas, entre elas as pesquisas arqueológicas interventivas.

103 Pigmentação de coloração avermelhada devido ao óxido de ferro obtido a partir de rocha hematita, material misturado a líquido ou gordura animal proporcionando maior durabilidade.

Caracterizam-se por impactos funcionais aqueles que se referem basicamente a alterações acumuladas em função do tempo. Podem ser concentrados no tempo ou em intervalos regulares ou não. BASTOS & SOUZA, 2011: 47-48)

A Pedra Pintada está próxima a uma propriedade rural, sendo comum o livre trânsito de caprinos e bovinos em suas dependências o que favorece a alteração da superfície do solo, devido o constante pisoteamento, mas também na poluição do local com a eliminação e concentração de gás metano decorrente do processo digestivo desses animais. Outra interferência animal ocorre com o elevado número de morcegos, cupins e abelhas, esta última espécie impossibilitando cada vez mais a visita grupos de estudantes em vista do perigo oferecido pelas colmeias em diferentes localidades do inselberg.

Alguns compostos orgânicos são simplesmente combinações de carbono e hidrogênio. O mais simples entre ele é o metano, ou gás dos pântanos, formado na natureza pela decomposição bacteriana de matéria orgânica embaixo das águas. Misturado com o ar nas proporções adequadas, o metano se transforma no temível grisú das minas de carvão. Sua estrutura é belamente simples, consistindo em um átomo de carbono ao qual quatro átomos de hidrogênio se ligam (...) (CARSON, 2010: 32)

Acreditamos que muitos desses impasses na Pedra Pintada (RR-UR-01), possam ser solucionados com a apropriação do sítio arqueológico para fins econômicos (turístico), alcançando assim a sustentabilidade local. As ações governamentais estariam cada vez mais centradas na fiscalização e monitoramento das informações arqueológicas, e menos voltadas a administração que, em grande parte, estaria a cargo das lideranças indígenas.

4.4 O valor simbólico da Pedra Pintada de Roraima para os povos indígenas e demais habitantes

A Pedra Pintada e o meio natural ao qual este patrimônio arqueológico está inserido são considerados locais sagrados para algumas culturas indígenas de Roraima. Não foi possível neste trabalho apresentar contos mitológicos envolvendo este bem cultural na oralidade macuxi e waipishana (etnias indígenas predominantes em Roraima) por diversos motivos, dentre eles a desconfiança por algumas lideranças indígenas em relação as intervenções do IPHAN/RR, mas principalmente por haver poucas pessoas que conhecessem as histórias envolvendo a Pedra Pintada. Na ocasião da visita realizada ao referido sítio arqueológico e a comunidade indígena Internacional¹⁰⁴, o tuxaua¹⁰⁵ desta comunidade, o senhor Cícero¹⁰⁶, relatou uma história que ouvia

104 Conforme mencionado no tópico 3.1 deste trabalho.

quando criança envolvendo a Pedra Pintada, mas atualmente não se recordava por completo da história, que se passava da seguinte maneira:

Havia um tigre¹⁰⁷ que vivia nas serras próximas a Pedra Pintada que se alimenta dos povos que ali viviam, várias tentativas de caçar o predador haviam falhado e consequentemente a novas perdas de guerreiros. Até que um dia foi anunciado o nascimento de um menino especial capaz de acabar com a fera, a criança nasceu e desde pequena recebeu treinamento de guerreiro, suas pernas eram sangradas para se tornarem cada vez mais fortes¹⁰⁸, o tempo passou e havia a necessidade de saber se o rapaz já estava preparado para a caça. O teste seria feito caçando um tuiuiú, esta ave antes de levantar voo dá três saltos para que ai sim ganhe os céus, na primeira tentativa o tuiuiú deu dois saltos sendo atingido no terceiro, as lideranças indígenas não satisfeitas acharam prudente maior tempo de treinamento para melhorar a agilidade e velocidade do jovem guerreiro. No segundo teste o rapaz mais ágil e veloz atingiu o tuiuiú antes mesmo do primeiro salto, porém, esta ainda conseguiu levantar voo. Ferida a ave pousou sobre a Pedra Pintada e ali ficou (...)

A história foi contada aproximadamente dessa maneira, perguntado se há alguma influência do tuiuiú com as inscrições ou qualquer outra manifestação cultural, o tuxaua não soube dizer, mas nos disse que alguns dos sítios arqueológicos da região com inscrições rupestres são atribuídos ao mito de Macunaima, como sendo locais por onde essa liderança passou e deixou registrados seus ensinamentos. A partir da coletânea de mitos registrados pelo monge beneditino Dom Alcuíno Meyer, entre 1926 e 1948, apresentamos o que seria o início da trajetória de Macunaima:

Os irmãos Inxikiran e Anike encontram-se com Macunaima. Eles estavam rachando cocos de mucajá. Macunaima os achou entretidos em tal trabalho.

-Sobre o que é que os estais quebrando? - perguntou.

-Nós os quebramos sobre nossos joelhos. Espera, vamos quebrá-los sobre os teus joelhos também.

Aí puseram os cocos de mucajá em cima dos joelhos dele. Depois, os quebraram sobre os joelhos dele. Macunaima desfaleceu. Eles o sepultaram com pedras. Nesta cachoeira de Turu, à margem do Rio Contigo, à altura do boqueirão do Contã, eles o sepultaram. A seguir os Inxikiran fugiram. O irmão mais velho, Inxikiran, dizia:

-Eu vou meter-me dentro d'água.

Ao passo que o mano mais novo, Anike, afirmava:

-E eu vou pela serra e trepo numa árvore.

Então fugiram os dois. Anike trepou numa árvore e Inxikiran foi dentro d'água.

Ressuscitou Macunaima. Gritou para Inxikiran caído n'água e para Anike trepado

105 Liderança representante da comunidade indígena, escolhido por votação.

106 da etnia waipishana

107 Possivelmente uma onça, segundo o próprio tuxaua.

108 Segundo o tuxaua, esse é o mesmo procedimento realizado em cavalos de corrida para deixar suas pernas mais resistentes, de qualquer maneira, sabe-se que os povos indígenas dessa região utilizam dos cortes para ajudar na circulação do sangue nas pernas com intuito de favorecer nas longas caminhadas.

na árvore. Para eles é que Macunaima gritou.
-Vira peixe pacamu! - disse Inxikiran para Anike, que ainda havia ficado gente.
-Sobe a serra feito macaco ou veado ou cupim! Disse Anike.
À ordem de Macunaima, eles se transformaram. Anike virou peixe e Inxikiran, fugindo para a serra, se mudou em macaco ou em veado. E Macunaima foi embora.
NB: O nome do herói Makunimî [makunaimî] é pronunciado “Macunaima” no português de Roraima; o autor Mário de Andrade adotou a pronúncia “Macunaíma” na sua obra de 1928. (MACDONELL, 2011: 128)

Em entrevista com o senhor Genival de Moraes, coordenador da Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos (APIT)¹⁰⁹, foi observado algumas preocupações em relação à visita à Pedra Pintada, mostrando insatisfação na ocasião em que alguns estudantes da Universidade Federal de Roraima (UFRR) pouco se importaram com as explicações oferecidas pelos indígenas, se atentando mais em recolher objetos no chão (fragmentos de cerâmica) ou mantendo contato físico com as inscrições, além de realização de piquenique em locais inapropriados (próximo a caverna onde foram constatados sepultamentos e inscrições rupestres). A insatisfação e desconfiança frente ações governamentais na Pedra Pintada foram apresentadas em dois momentos: em relação ao local onde IPHAN/Roraima instalou placa informativa (próxima a caverna), em dezembro de 2012, tendo sua remoção posterior e instalação da mesma definidas pela APIT; e na outra ocasião em que a superintendente do IPHAN/Roraima, anunciou em entrevista a emissora de televisão local algo parecido como: “a Pedra Pintada será tombada e aberta ao público” - o que espantou o senhor Moraes pela falta de participação da APIT nas decisões quanto ao acesso ao local. Durante a entrevista parte do mal entendido sobre o pronunciamento da servidora do IPHAN/RR foi esclarecido, mas continua sendo esperado o pronunciamento dos técnicos desta superintendência sobre a proposta de adequação e usufruto turístico do referido sítio arqueológico.

O que foi percebido nas falas de lideranças indígenas em relação a Pedra Pintada, é a preocupação em proporcionar visitas ao sítio arqueológico sem oferecer riscos a integridade deste bem cultural. O respeito dado ao território indígena e exigido pelos seus visitantes, se assemelha a maneira de se portar no interior da casa de quem se deseja visitar, no caso de não cumprimento, o visitante é convidado a se retirar. A exemplo dos indígenas Taurepang¹¹⁰ que alcançaram a sustentabilidade¹¹¹ local com o desenvolvido do turismo no Parque Nacional Canaima, em território venezuelano (conforme será abordado no terceiro capítulo deste trabalho), é tentado por algumas

109 Entrevista realizada em dia 27 de maio de 2013.

110 Tradição linguística caribe, assim como os macuxi, predominantes em Roraima

111 “Sustentabilidade também pode ser definida como a capacidade do ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras. É um conceito que gerou dois programas nacionais no Brasil. O Conceito de Sustentabilidade é complexo, pois atende a um conjunto de variáveis interdependentes, mas podemos dizer que deve ter a capacidade de integrar as Questões Sociais, Energéticas, Econômicas e Ambientais.” Em: WIKIPEDIA, verbete: Sustentabilidade. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade>.

comunidades do lado brasileiro como é o caso dos Ingarikó, localizados próximo a fronteira entre os dois países aos pés do Monte Roraima.

Os sítios arqueológicos, para serem passíveis de visitação, devem abrigar um projeto de musealização a fim de que os vestígios possam ser observados e as informações apreendidas por meio da elaboração de uma sinalização adequada. No Brasil, onde não possuímos construções arquitetônicas monumentais relacionadas ao período pré-cabralino, os sítios arqueológicos de maior visibilidade são aqueles com pinturas e gravuras rupestres, e os construídos com conchas e outros recursos faunísticos, denominados sambaquis. (SCATAMACCHIA, 2005: 30-31)

Em relação ao valor simbólico da Pedra Pintada aos não indígenas, quando se trata de Patrimônio Cultural do estado Roraima, este sítio arqueológico é um dos ícones emblemáticos mais utilizados para representar a região, sua imagem é influência artistas plásticos, músicos, matérias jornalísticas¹¹², além de ser o bem cultural mais procurado por escolas, universidades e pelos os poucos turistas que cruzam pela região. A ex-servidora do Iphan/Roraima, a técnica em arqueologia Alessandra Spitz Alcorovado de Lourenço¹¹³, apresenta trechos da entrevista realizada com o senhor Rio Branco Brasil¹¹⁴, que na oportunidade, comenta sobre o uso da localidade do sítio arqueológico pelas famílias de Boa Vista e região como área de acampamento e lazer, os chamados “banhos”.

A singularidade da Pedra Pintada já fez com que alguns de seus visitantes ligados ao trabalho com o patrimônio arqueológico, considerarem este sítio arqueológico não como Patrimônio Nacional, mas sim como da Humanidade. Os esforços realizados em confeccionar signos acima da linha cômoda dos olhos, alcançando mais de dez metros de altura, através da elaboração de escadas ou andaimes, certamente implicam que esse local era de grande relevância aos povos que confeccionaram tais inscrições.

112 Reportagens de caráter regional e nacional, a exemplo da ocasião em que a TV Roraima, G1 e IPHAN/RR realizaram visita ao local para gravações, em maio de 2013: <http://g1.globo.com/rr/roraima/fotos/2013/05/imagens-da-pedra-pintada-sitio-arqueologico-mais-importante-de-rr.html>

113 LOURENÇO, Alessandra S.G. Alcofora. *Roraima: a última fronteira da arqueologia brasileira*. In *MinC. Patrimônio: Práticas e Reflexões. Metodologia de pesquisa e multidisciplinaridade do IPHAN*. Rio de Janeiro: Copedoc DAF Iphan, 2010.

114 A família Brasil foi uma das primeiras famílias de colonos não indígenas a migrar para região do rio Branco. Natural do estado de Roraima, o Sr. Rio Branco Brasil é proprietário de terras e tem muito conhecimento das histórias e geografia roraimense.



Figura 9 – As imagens acima O sítio arqueológico Pedra Pintada de Roraima é uma das mais importantes representações do Estado de Roraima em se tratando de Patrimônio Cultural. Na fotografia acima o popular grupo musical da região, o Roraimeira, se apropriando das informações do sítio arqueológico na gravação de um de seus vídeos musicais. Outro valor simbólico atribuído ao relevante sítio arqueológico pode ser constatado na série de selo postal Turismo Brasileiro, editado em 06 de julho de 1991.

Sendo assim, podemos considerar que os povos indígenas e muitos não indígenas de Roraima compartilham do sentimento de posse e preocupação em relação à preservação da Pedra Pintada (RR-UR-01). O acesso controlado e organização das visitas poderiam, enfim, favorecer o usufruto de ambos sobre os benefícios proporcionados pelo referido sítio arqueológico.

Acreditamos que o tombamento deste Patrimônio Cultural a nível nacional, a maior visualização e a ação conjunta entre governo e comunidades indígenas na administração, possa tornar esse local um importante centro turístico e de sensibilização a arqueologia e produção cultural ameríndia do passado e presente. Conforme Oosterbeek (2007), a valoração está estreitamente ligada à acessibilidade e ação educativa:

A acessibilidade é o elemento mais importante neste contexto, já que o Patrimônio é uma realidade percebida e a educação nesta dimensão é essencial para o seu futuro. Também se deve mencionar que é uma sociedade com uma natureza de mudança que gera a expansão do Patrimônio. Sem acessibilidade a este Patrimônio, a sociedade pode perder o interesse e a médio ou longo prazo, o Patrimônio pode deixar de existir como tal. A acessibilidade implica estratégias didáticas e a capacidade de enfrentar diferentes tipos de exclusões potenciais, desde barreiras físicas a obstáculos económicos. (OOSTERBEEK, 2007: 142)

Segundo Pinheiro da Silva (2007: 71) “a preservação patrimonial não se faz somente com a aplicação das leis”, sendo necessário haver a elaboração de políticas públicas junto à comunidade para realização de atividades que estimulem o conhecimento e a valoração sobre o patrimônio cultural. Para o arqueólogo Luiz Oosterbeek, os estímulos devem ser diferenciados para cada público específico, para cientistas arqueólogos é esperado explicações a partir dos métodos técnicos arqueológicos (interpretações e dúvidas), já para os menos familiarizados com arqueologia, é necessário o envolvimento através de explicações não tão complexas, como histórias e curiosidades regionais:

Na verdade, a valorização é conferir um novo valor, e esse novo valor, dificilmente será significativo para o arqueólogo. De fato, o terreno em que nos movemos por imperativo de profissão, é o da dúvida, o da inquietação. Mas o que o visitante médio procura é, apenas, uma história, e não uma confusão. Procura um discurso coerente, mesmo se não simplista, e um espaço de contraposição ao quotidiano, mesmo se não uma fuga. Por isso, só vale a pena valorizar para novos públicos, para não profissionais. Porque qualquer valorização implica uma escolha por entre os muitos discursos possíveis, ou seja, uma amputação da pluralidade do sítio, e só é legítimo fazê-lo se tal tiver como consequência um alargamento da rede social em que o sítio se integra. (OOSTERBEEK, 2007: 86)

Para o arqueólogo português Vitor de Oliveira Jorge (2007), os espaços de fruição utilizando o Patrimônio Cultural necessitam da fundamental iniciativa governamental, assim como para a interação de localidades distantes com as demais regiões do país. A descentralização de recursos financeiros e humanos dos grandes centros econômicos para regiões pouco assistidas é

imprescindível, como é o caso de Roraima que, através dos órgãos competentes pouco consegue fazer pelos seus bens culturais. Há a necessidade de mudança na política de tratamento vertical de prioridades, onde as capitais do país são mais as favorecidas. Para Jorge, a superação da falta de investimento no “capital cultural” ou “capital de bens simbólicos” está vinculada a criação de políticas públicas efetivas para as regiões distantes, ao contrário da maneira que geralmente acontecem as ações de salvaguarda: emergenciais, corriqueiras e esporádicas. Por fim o autor português assemelha o profissional arqueólogo ao bombeiro por agir “em rede em todo território e possuir efetivos meios de atuação preventiva” (JORGE, 2007: 132).

4.4.1 Interpretações difusionistas em Roraima

Seiscentos metros quadrados de inscrições feitas num gigantesco rochedo polido é coisa bem rara, na verdade. Parece-me que cabe ao Brasil a honra de possuir o mais importante dos “Álbuns de Pedra”, entre todos os monumentos pré-históricos de granito inscrito no mundo inteiro. (HOMET, 1959: 08)

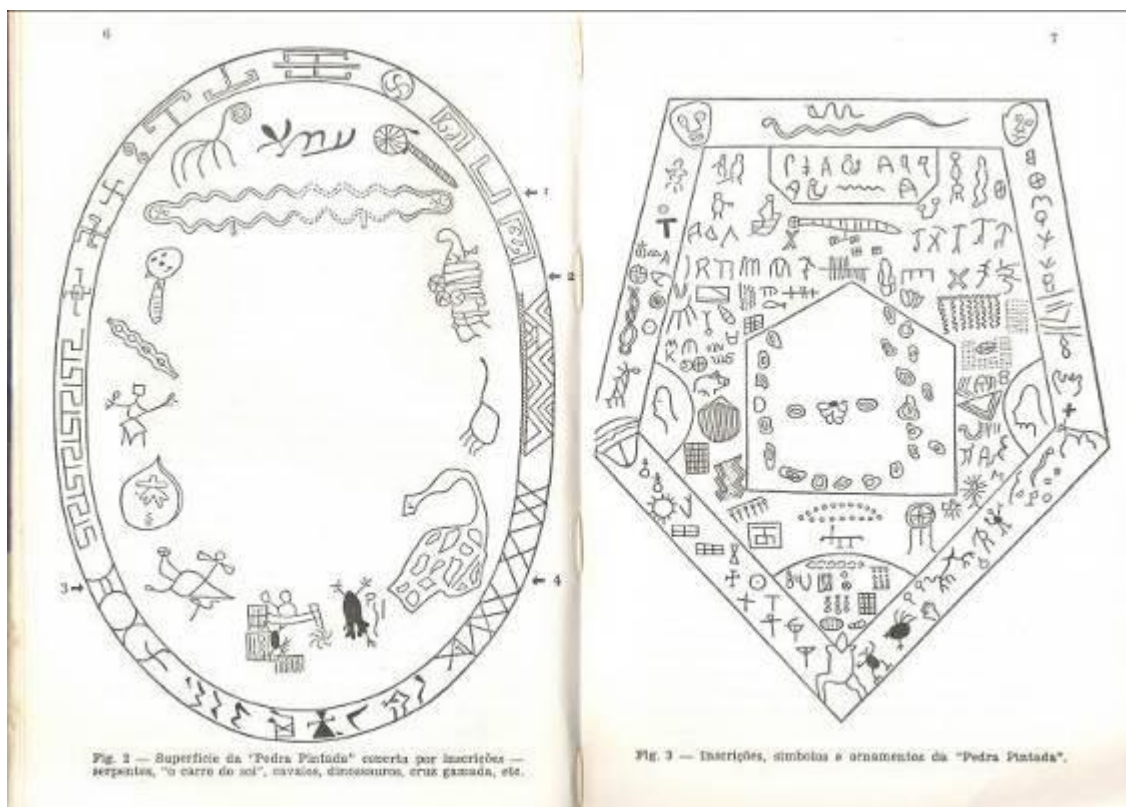
A região do extremo norte do Brasil, local compreendido atualmente como Estado de Roraima, recebeu a visita do naturalista francês Marcel François Homet, em 1958, que estava em expedição pela região amazônica. Ao se deparar com o sítio arqueológico Pedra Pintada¹¹⁵, atribuiu as inscrições rupestres do inselberg a culturas de origem mediterrânea, devida a tamanha complexidade das informações contidas nos signos e a disposição destes nos três painéis. As detalhadas descrições sobre as pinturas e as primeiras impressões sobre o local estão apresentadas na obra *Os Filhos do Sol: nas pegadas de uma cultura pré-histórica no Amazonas*, de 1959, interpretações, ao que parece, sofreram influências de outras expedições realizadas por Homet em diferentes localidades da Europa e África.

Examinando-se o conjunto das três fachadas, as dos lados e a do meio, tem-se a convicção de que o artista pré-histórico, quis fazer da serpente a parte principal do seu trabalho, pois o ofídio estilizado da fachada central está isolado, dominando milhares de inscrições e reproduções de caracteres e hieróglifos antigo-egípcios, semitas, hebraicos, sumerianos, celta, pré-irlandeses – a mais antiga escrita irlandesa – aquela que corresponde a civilização dos deuses de Danan. (...) Marcada está também a posição do monumento em relação ao firmamento. Os religiosos, portadores da antiga crença, orientavam seus templos, sem exceção, na

115 O sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), objeto de pesquisa dessa dissertação, será apresentado mais detalhadamente no segundo e terceiro capítulos deste trabalho, a partir das observações feitas pelos arqueólogos na década de 1980.

direção oeste-leste. As três fachadas da Pedra Pintada, mostrando três direções: a grande fachada está efetivamente na linha oeste-leste, enquanto que as menores dão para sul-sudeste e sul-sudoeste. Mesmo na parte externa a orientação desse monumento, com tôdas as suas inscrições e os seus símbolos, segue exatamente a regra geral da cultura das antigas regiões europeias do Mediterrâneo. (...) Sôbre êsse formidável “Álbum de Pedras das Amazonas”, se encontram além das serpentes e das clássicas tartarugas, cifras de uma regularidade sem mácula, que não se baseiam no sistema decimal. São encontradas sempre no ponto principal, de mistura com elementos religiosos, pertencentes à mais antiga cultura do Mediterrâneo oriental de que se tem notícia e, em geral se caracterizam pelo emprêgo, com base, de “cifras sagradas” consideradas como provenientes dos semitas ou pré-semitas, de origem desconhecida. (...) Sôbre o nosso “Álbum de Pedra”, descobrem-se, por exemplo, em lugar da multiplicação por 10 (usada, sem dúvida, pelo homem da época, descendente dos post-colombianos) exemplos de contas baseadas nas cifras 3-5-7 ou 9 e 12. As linhas de pontos que formam êste quadro dão em geral, 3x9 ou 7x9 ou 5x7, 7x7, 12x12. Isso demonstra sem contestação, que de qualquer modo, numa era muito afastada, houve na América do Sul, ao menos, uma elite que sabia ler, escrever e contar. (...) Sem temer um engano, podemos depreender daí que os documentos da pedra que descobrimos na Pedra Pintada, são o testemunho de algum segredo pré-histórico. (HOMET, 1959: 5-8-9)

Diante da atual descaracterização do patrimônio arqueológico Pedra Pintada do Estado de Roraima, as descrições de Homet sobre as características físicas deste sítio arqueológico, possibilita-nos imaginar como deveria ser maior sua monumentalidade quando as pinturas das três fachadas estavam nítidas. A acelerada alteração das características físicas dos painéis, ocorrida nas últimas quatro décadas, impossibilita atualmente, visualizar muitos signos registrados pelo francês, conforme ilustração abaixo:

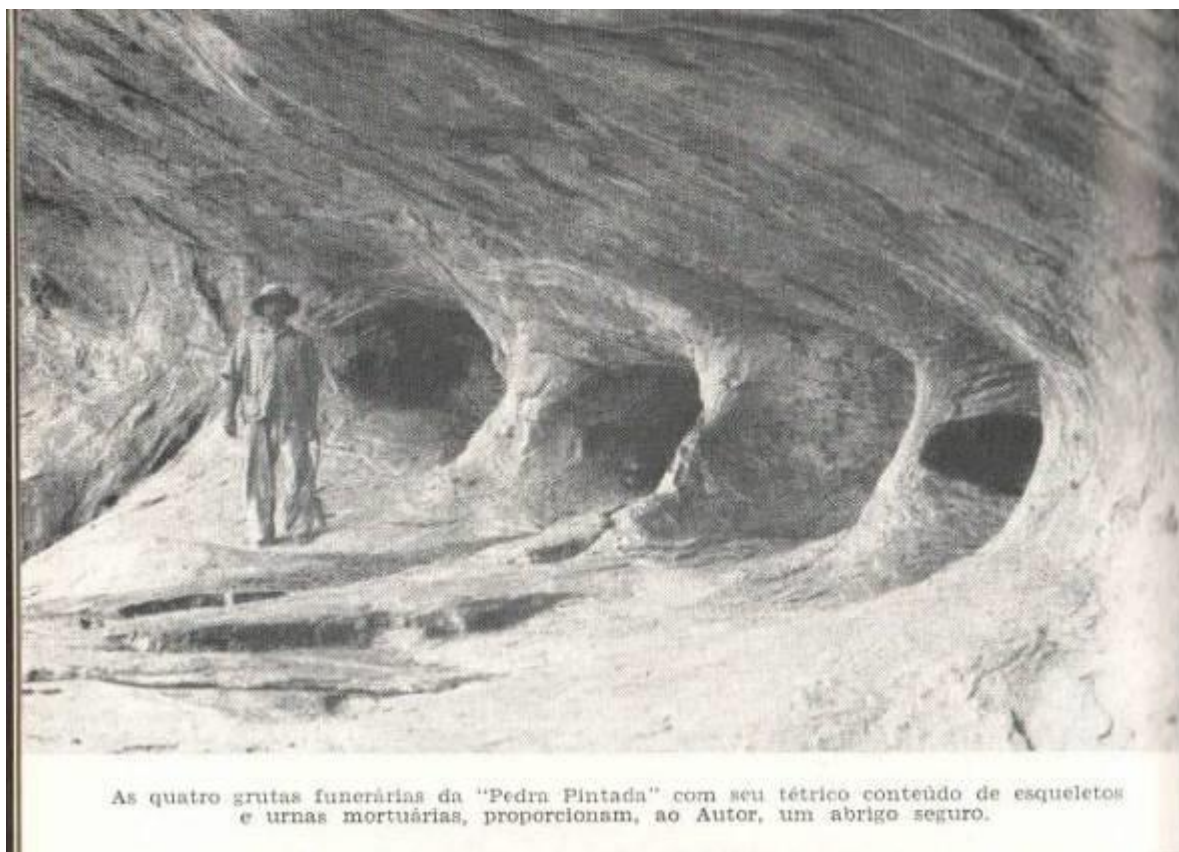


Com objetivo de nos esquivar das interpretações do pesquisador francês em relação a Pedra Pintada devemos dizer que seus registro sobre a estrutura física do referido sítio arqueológica são bastantes relevantes diante da atual situação de alguns painéis do nosso objeto de pesquisa. O fato de o pesquisador atribuir grande valor a este sítio arqueológico é muito importante para região roraimense, uma vez a possibilidade de reconhecimento ultrapassar os limites regionais e nacionais. Infelizmente, mesmo impressionando fora de suas fronteiras, nada está sendo feito para o retardamento do processo degenerativo.

Capítulo 5: sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01) em imagens

Com o propósito de contribuir na valoração do nosso objeto de pesquisa, as imagens desse capítulo apresentam suas principais características, assim como os problemas que deverão ser solucionados para garantir o maior usufruto dos privilégios oferecidos pelo bem cultural as futuras gerações.

5.1 A visita de Marcel François Homet em 1958



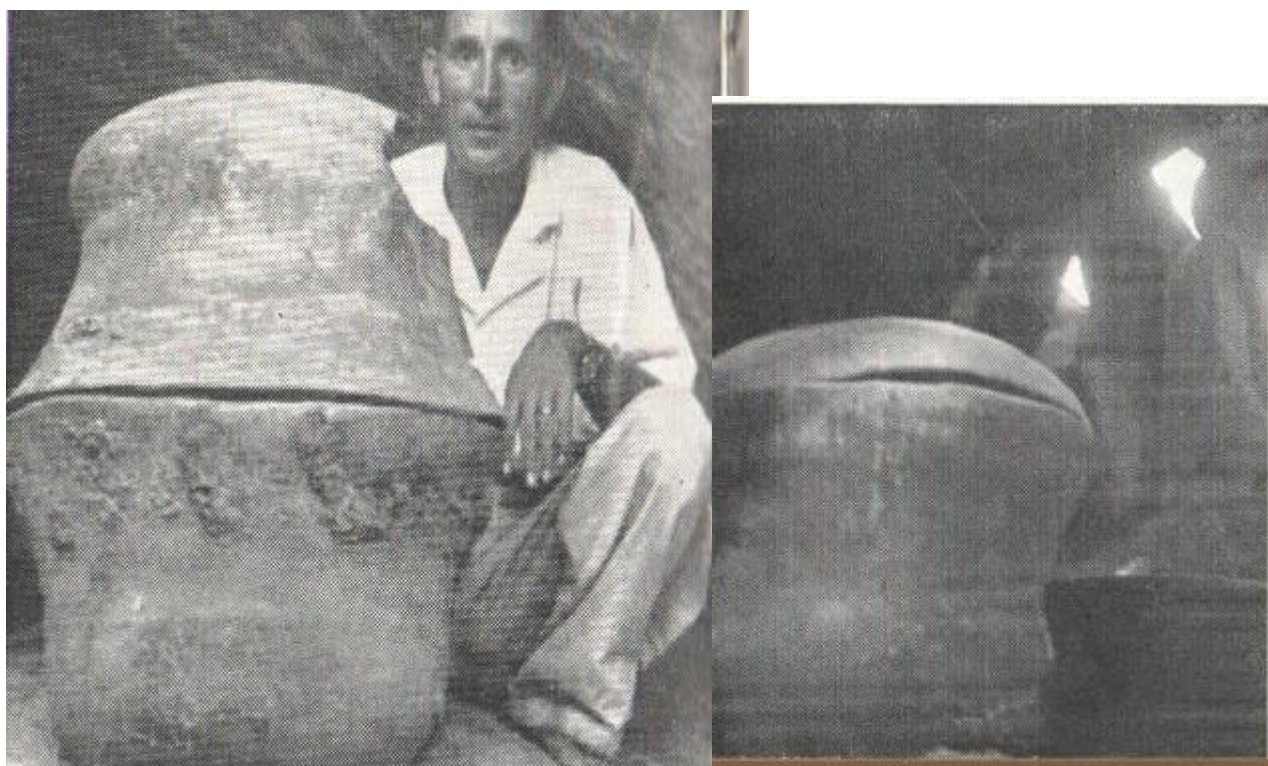


Figura 10 - Na fotografia acima são apresentadas as pequenas cavernas naturais que compõe a estrutura da Pedra Pintada, nas fotografias abaixo o modelo da cerâmica Rupununi. Os esqueletos dentro das urnas funerárias fazem parte do sepultamento secundário.

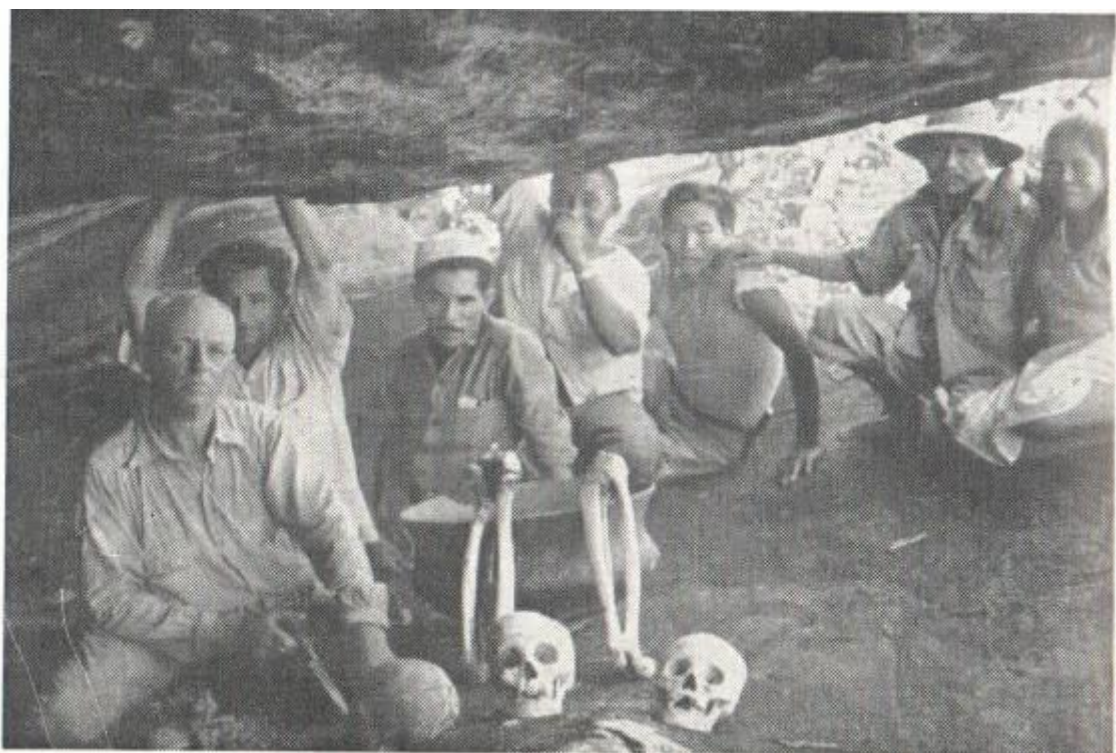


Figura 11 - Em alguns sepultamentos secundários uma urna funerária serve de “tampa” para outra, conforme podemos observar na fotografia acima. Abaixo, Homet a esquerda, fazendo pose para foto segurando uma faca, juntamente com sua equipe expedicionária, ao qual recrutaram indígenas para colaborar na exploração da região.

5.2 A primeira pesquisa arqueológica de caráter científico em Roraima

Nossas pesquisas arqueológicas foram as primeiras com cunho científico em Roraima. Da mesma forma, foram as únicas, até o presente momento, que redundaram em publicações (ver Mentz Ribeiro et al., 1986;1987;1989). Apesar de pouco mais de 50 dias de trabalho de campo, consideramos que os avanços no conhecimento dos primeiros habitantes de Roraima foram muito bons. No entanto, foi lamentável que a pesquisa tenha sido interrompida (desativada). Quando for retomada, esperamos que a destruição dos sítios arqueológicos tenha sido a mínima possível. (MENTZ RIBEIRO, 1997: 21)

A produção de conhecimento e o material arqueológico recolhido dos primeiros estudos científicos arqueológicos da região roraimense estão acondicionados no Museu Integrado de Roraima (MIRR), foram produzidos croquis, catalogos dos artefatos recolhidos, cópia em tamanho natural das inscrições rupestres em plásticos transparentes (não acessado por este pesquisador) e registros fotográficos coloridos e em preto e branco, assim como peneiras e ferramentas utilizadas nas escavações. As imagens a seguir foram captadas em novembro de 1987, na ocasião das escavações do sítio arqueológico Pedra Pintada, as fotografias originais fazem parte do acervo arqueológico do MIRR, juntamente com bibliografias arqueológicas doadas por Mentz Ribeiro.



Figura 12 - Rio Parimé e inselbergue semelhante ao sítio arqueológico Pedra Pintada (sendo possível ver a parte superior deste mais adiante), a ponte que dava acesso ao bem cultural para quem vem da BR 174 foi destruída na década de 1990, o acesso em períodos de chuvas somente é feito por canoa, na estiagem é possível cruzar o rio caminhando.



Figura 13 - Usufruto dos recursos naturais disponíveis do rio Parimé pela equipe de pesquisadores, o consumo e comercialização de tartarugas e seus ovos são historicamente realizados na região.

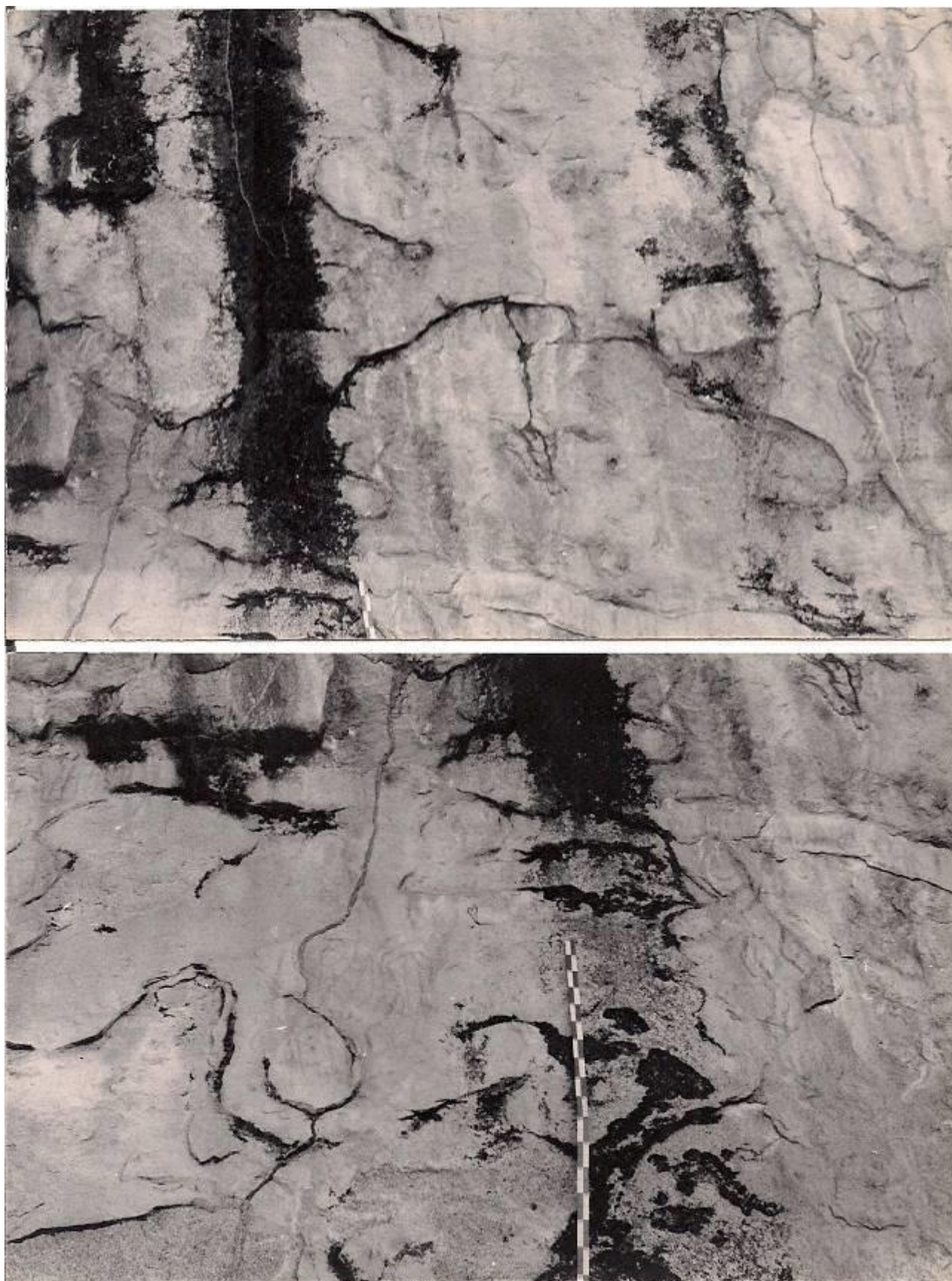


Figura 14 – Ameaça sobre as inscrições rupestres em decorrência do contínuo escoamento de água no local.

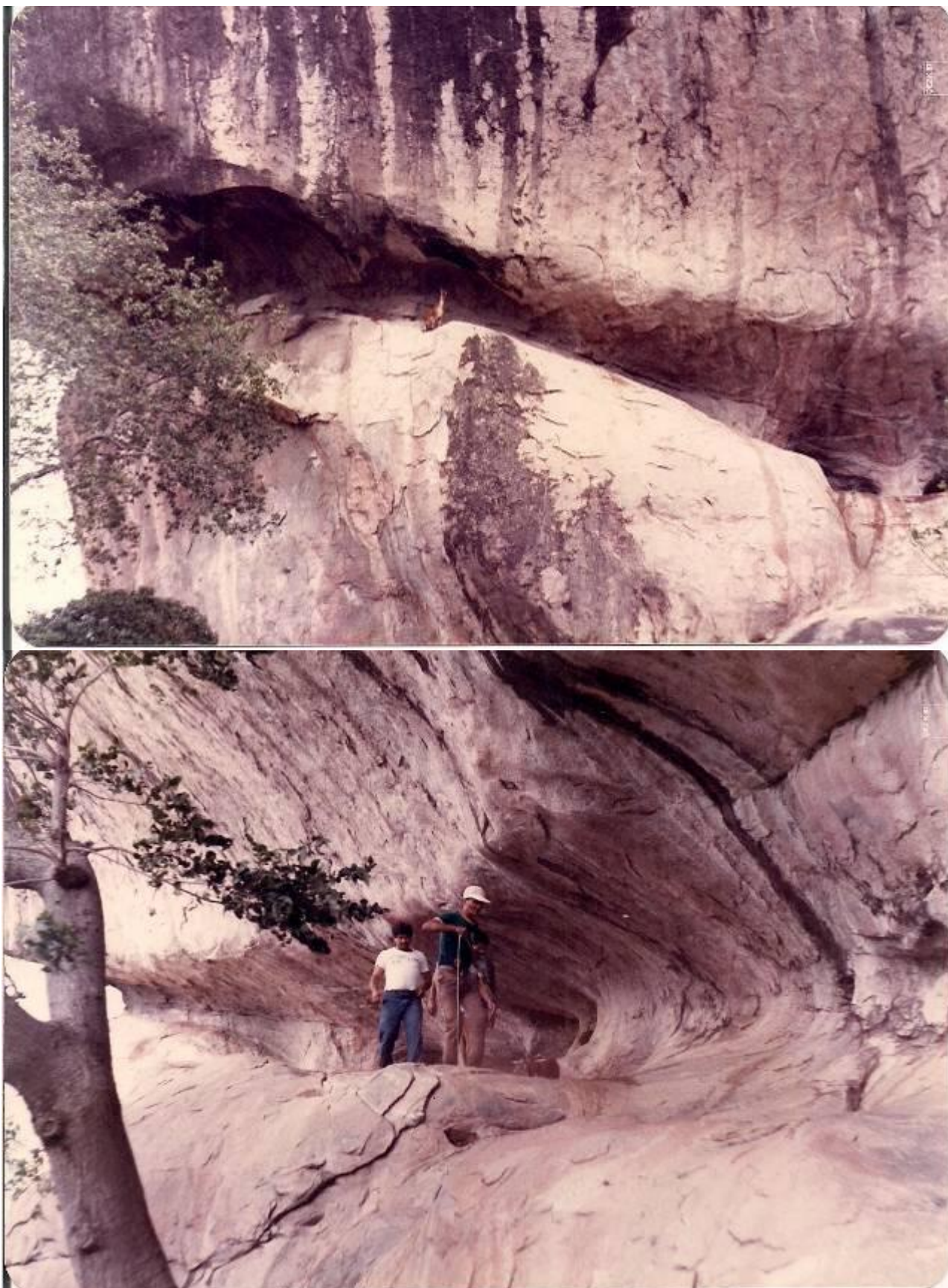


Figura 15 - Caprino localizado e retido por indígena e membros da equipe de pesquisadores, os animais da fazenda próxima a Pedra Pintada frequentam até os dias atuais a região que compõe esse sistema arqueológico, alterando a superfície com o contínuo pisoteamento.



Figura 16 - À esquerda, o paredão central que compõe o conjunto dos três painéis do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), próximo a base deste (onde se encontram pequenas cavidades). Podemos constatar a falta de inscrições rupestres retiradas como *souvenirs* pelos visitantes. No detalhe a direita, marcas de balas de arma de fogo (segundo Mentz, 1989).



Figura 17 - O processo natural de intemperismo físico resulta o deslocamento de placas rochosas da rocha matriz, em decorrência da movimentação proporcionada pelo aquecimento e resfriamento. No caso da Pedra Pintada lascas de granito com inscrições rupestres estão se soltando e descaracterizando cada vez mais a produção cultural do local. A fotografia acima corresponde a lateral direita do painel central (o mais bem preservado), região onde os raios solares se fazem presentes durante boa parte do dia.

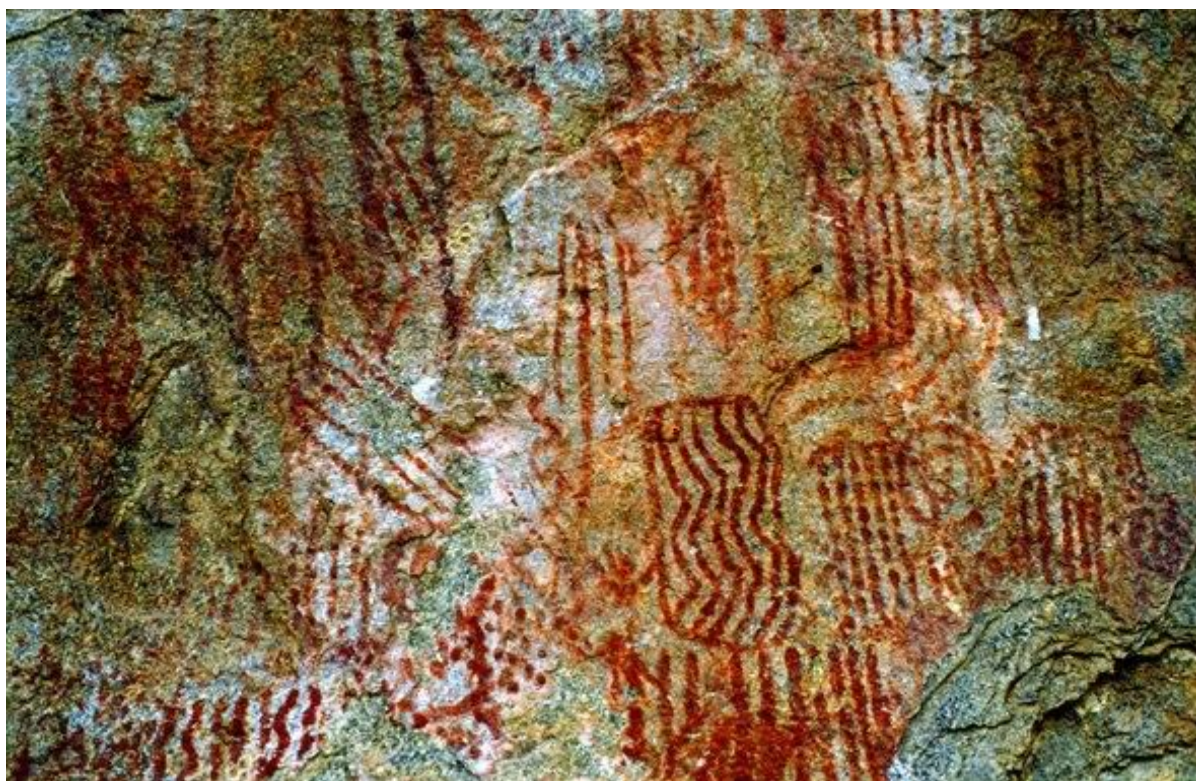


Figura 18 - Segundo relatos de frequentadores do sítio arqueológico no período entre as décadas de 1970-90, as inscrições rupestres eram mais visíveis nos painéis laterais (a direita próxima caverna e a esquerda acima da Pedra do Sacrifício). Podemos perceber na fotografia acima tirada em 1987, que corresponde ao painel central, forte pigmentação de óxido de ferro. Na foto abaixo, a equipe de arqueólogos realizando cópia das inscrições rupestres antes que mais informações se percam esse material não foi acessado para essa pesquisa.

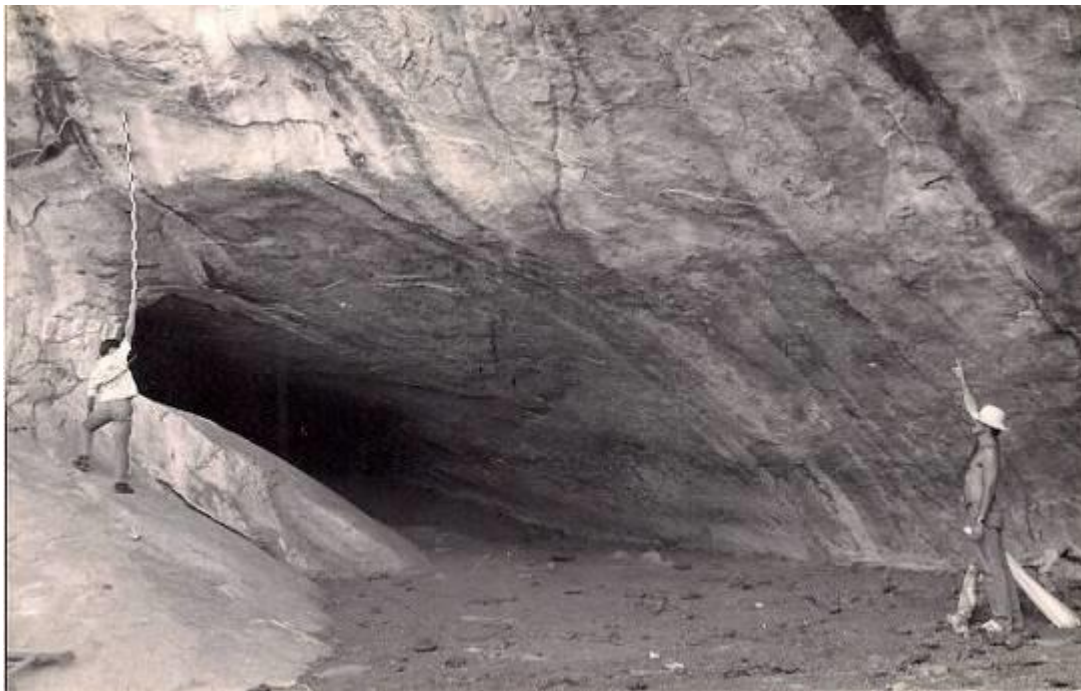


Figura 19 - Na fotografia acima temos a maior caverna do matacão. Nesse local, Marcel Homet em 1958 encontrou esqueletos humanos. A imagem abaixo apresenta o início do corte experimental próximo a entrada da caverna.

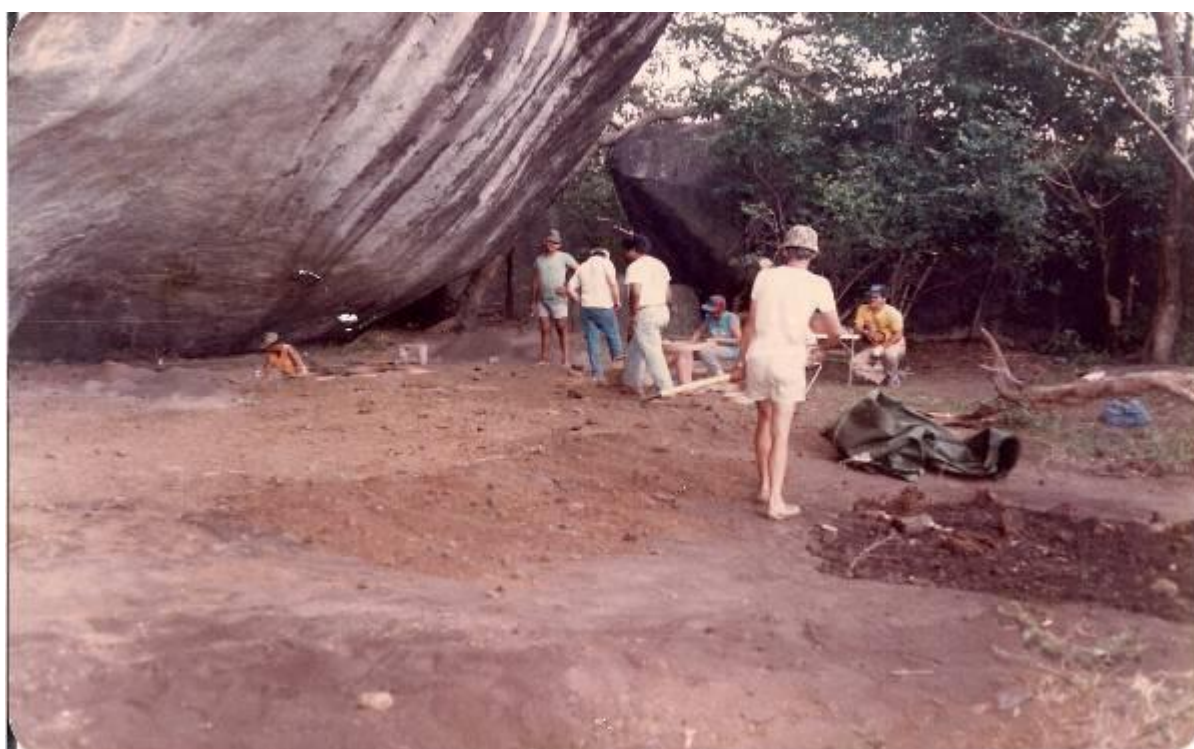


Figura 20 - Os cortes experimentais foram realizados próximos a caverna onde é possível encontrar atualmente grande quantidade de cacos de cerâmica. Relatos de antigos frequentadores do local afirmam que no paredão próximo aos pesquisadores (foto abaixo) havia grande quantidade de inscrições rupestres. Atualmente, a uma curta distância, podemos perceber leve sombreamento da pigmentação avermelhada. Na fotografia abaixo se constata manchas claras e escuras de escorrimento de líquido no painel, motivador da remoção do óxido de ferro.

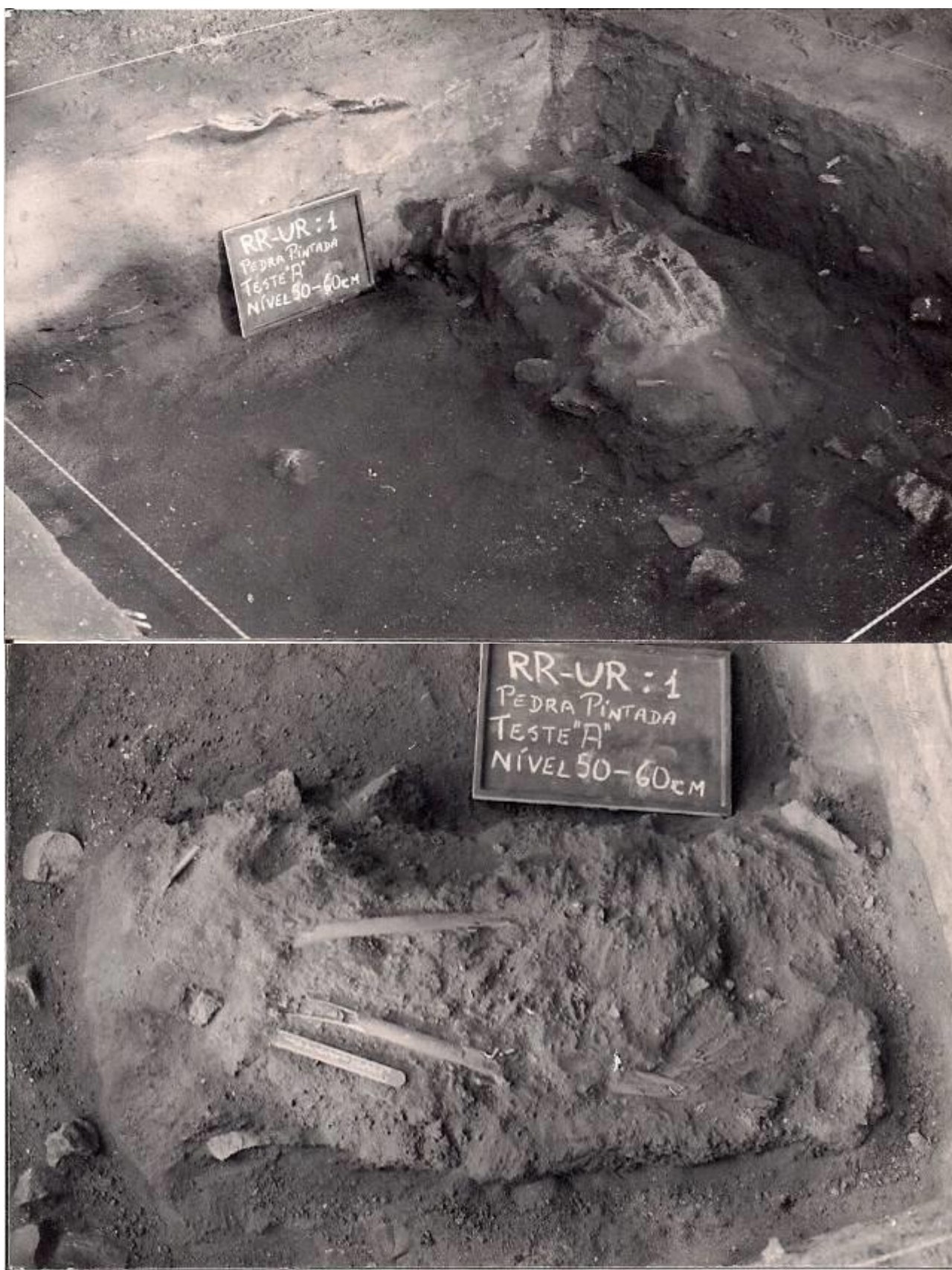
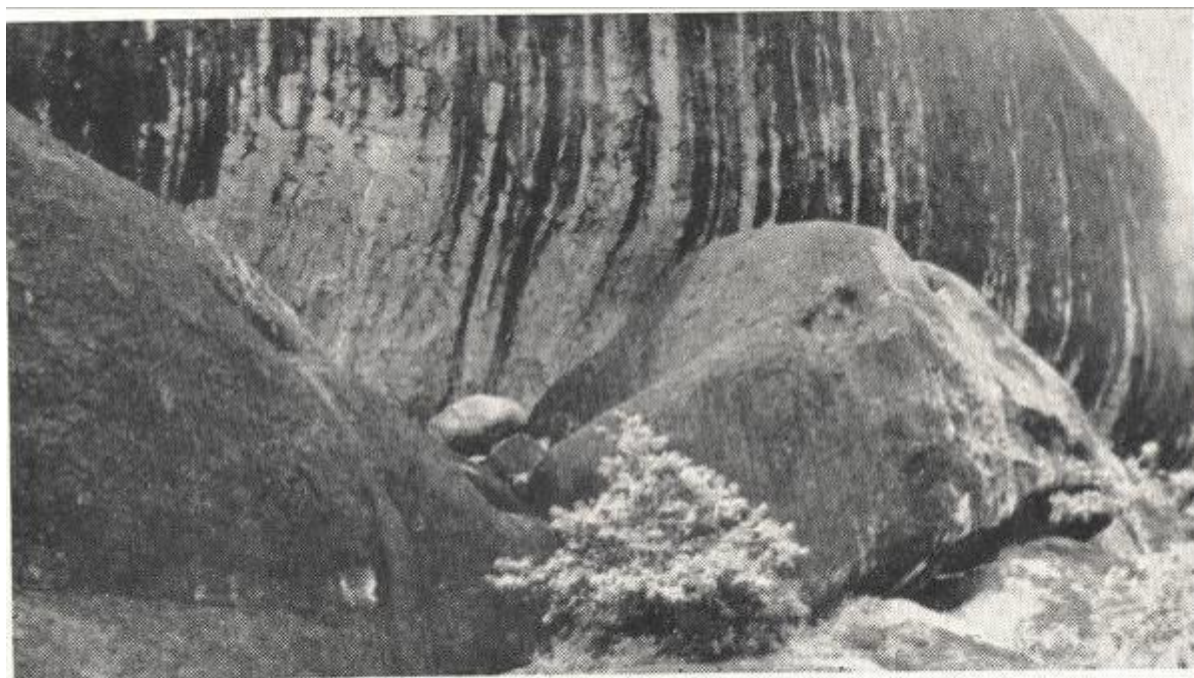
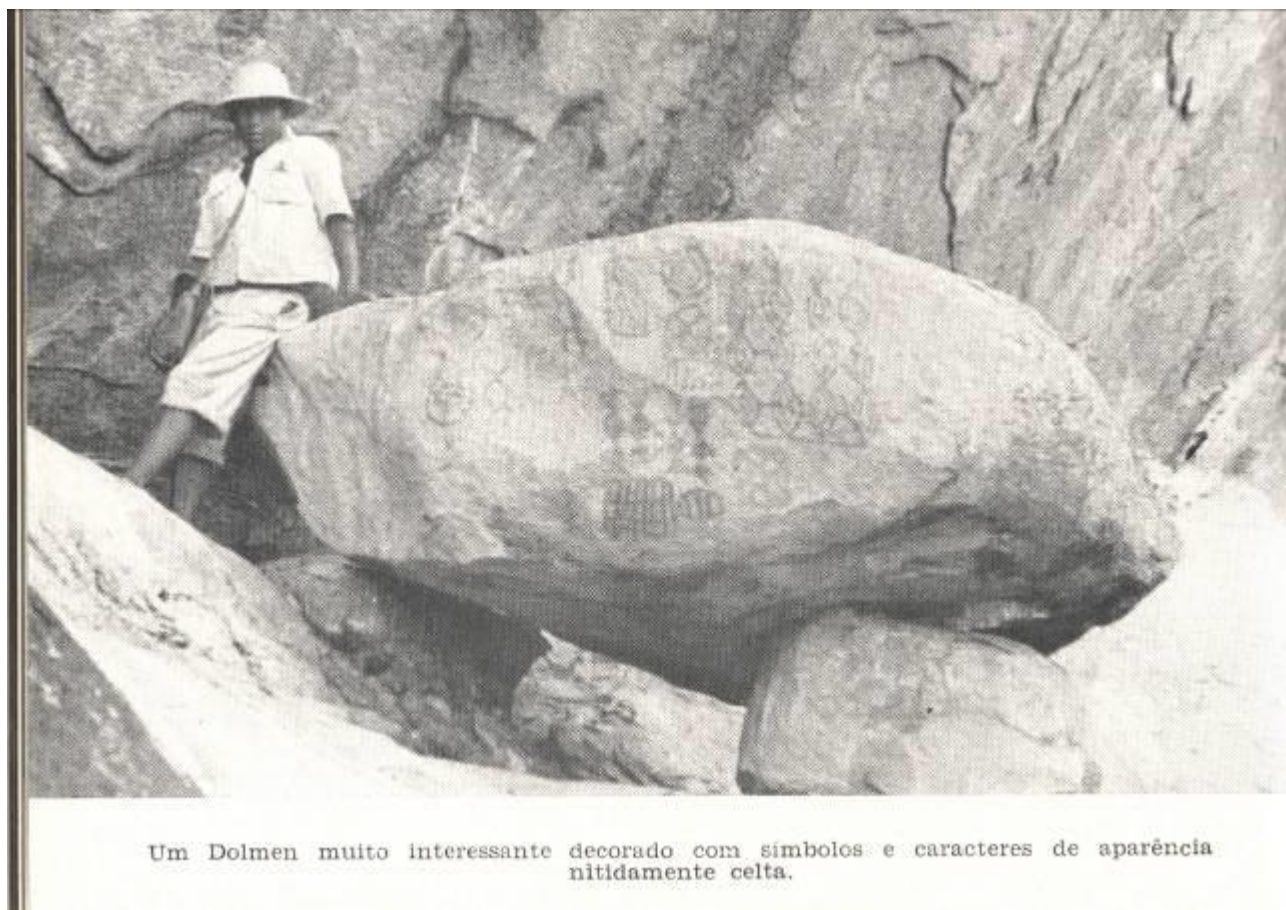


Figura 21 - Ossos humanos encontrados em corte experimental Segundo Mentz Ribeiro (1997: 13), refere-se a um “indivíduo, flectido e em decúbito lateral, crânio na vertical com a face voltada para o norte”.

5.3 A Pedra do Sacrifício



O subterrâneo da "Pedra Pintada".

Figura 22 -. Imagens de Marcel Homet (1959), na legenda da fotografia acima o autor atribui as inscrições aos celtas, abaixo a Pedra do Sacrifício destacada no centro da imagem.



Figura 23 - As imagens acima correspondem ao painel com inscrições rupestres sobre a Pedra do Sacrifício.



Figura 24 - Podemos perceber na fotografia acima a posição do painel e da Pedra do Sacrifício em relação aos raios solares, na fotografia abaixo de autoria de JPavani, o arqueólogo e técnico do IPHAN Roraima, Roberto de Oliveira, analisando a avaria sobre as inscrições.



Figura 25 –Detalhe da Pedra do Sacrício.



Figura 26 – Acesso a Pedra do Sacrifício pela parte traseira do inselberg. Foto JPavani.

5.4 A Pedra Pintada na atualidade



Figura 27 – Vistas aéreas do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01), imagens cedidas pelo jornalista JPavani.



Figura 28 – Imagens aéreas de JPavani.



Figura 29 – As imagens apresentam o topo do grande inselberg, no detalhe, marco fixado pelo Exército Brasileiro. As pedras acinzentadas presentes são compostas de cimento. Imagens JPavani.



Figura 30 – Detalhe das inscrições presentes no painel mais preservado do sítio arqueológico Pedra Pintada. Os signos estão aproximadamente há dez metros de altura. Imagens de JPavani.



Figura 31 – Imagens aéreas cedidas por JPavani.



Figura 32 – Na fotografia acima temos a vicinal Pedra Pintada, que dá acesso ao sítio arqueológico a partir da BR 174; abaixo é apresentada parte elevada do ponto de chega ao final da estrada vicinal, o matacão a direita é o denominado sítio arqueológico Pedra Pintada, tendo abaixo o rio Parimé. A região faz parte da Terra Indígena São Marcos que compõe a Reserva Indígena Raposa-Serra do Sol.



Figura 33 – As seguintes imagens apresentam a margem do rio Parimé nas proximidades da Pedra Pintada. Ao longo da margem próxima ao sítio arqueológico não foi constatada a existência de bacias de polimento para confecção de artefatos líticos, utensílios encontrados nas escavações de Mentz Ribeiro. A ponte que existia no local foi destruída por uma enchente na década de 1990.



Figura 34 – O objetivo das imagens acima é apresentar a posição do sol em relação ao painel com maior número de inscrições rupestres existentes. O lado direito do paredão, assim como o painel presente acima da Pedra do Sacrifício (local abordado mais adiante), apresenta grande número de signos com a pigmentação bem fraca.

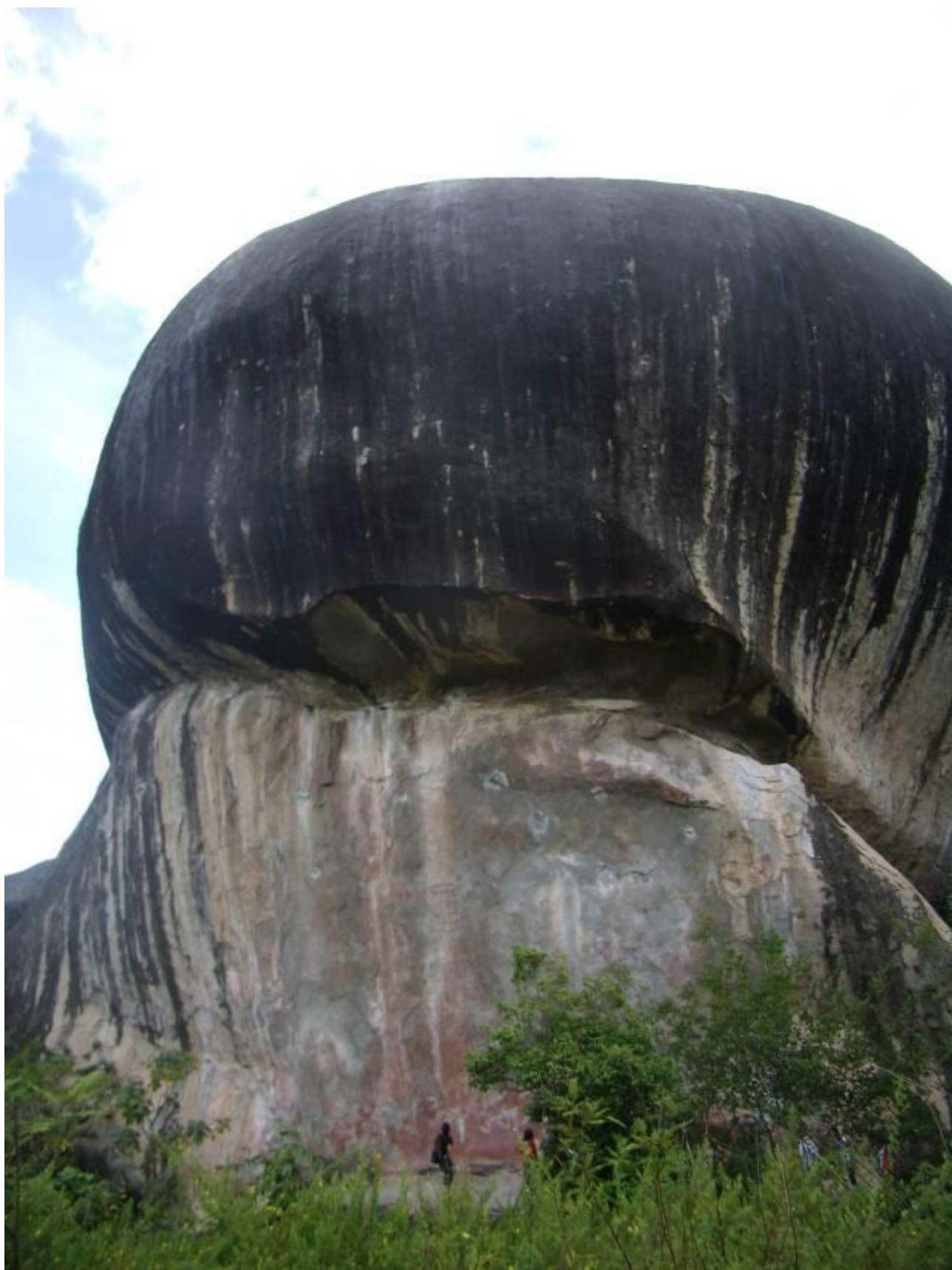


Figura 35 – Estudantes da Universidade Federal de Roraima em visita ao sítio arqueológico Pedra Pintada, em 22 de outubro de 2011.

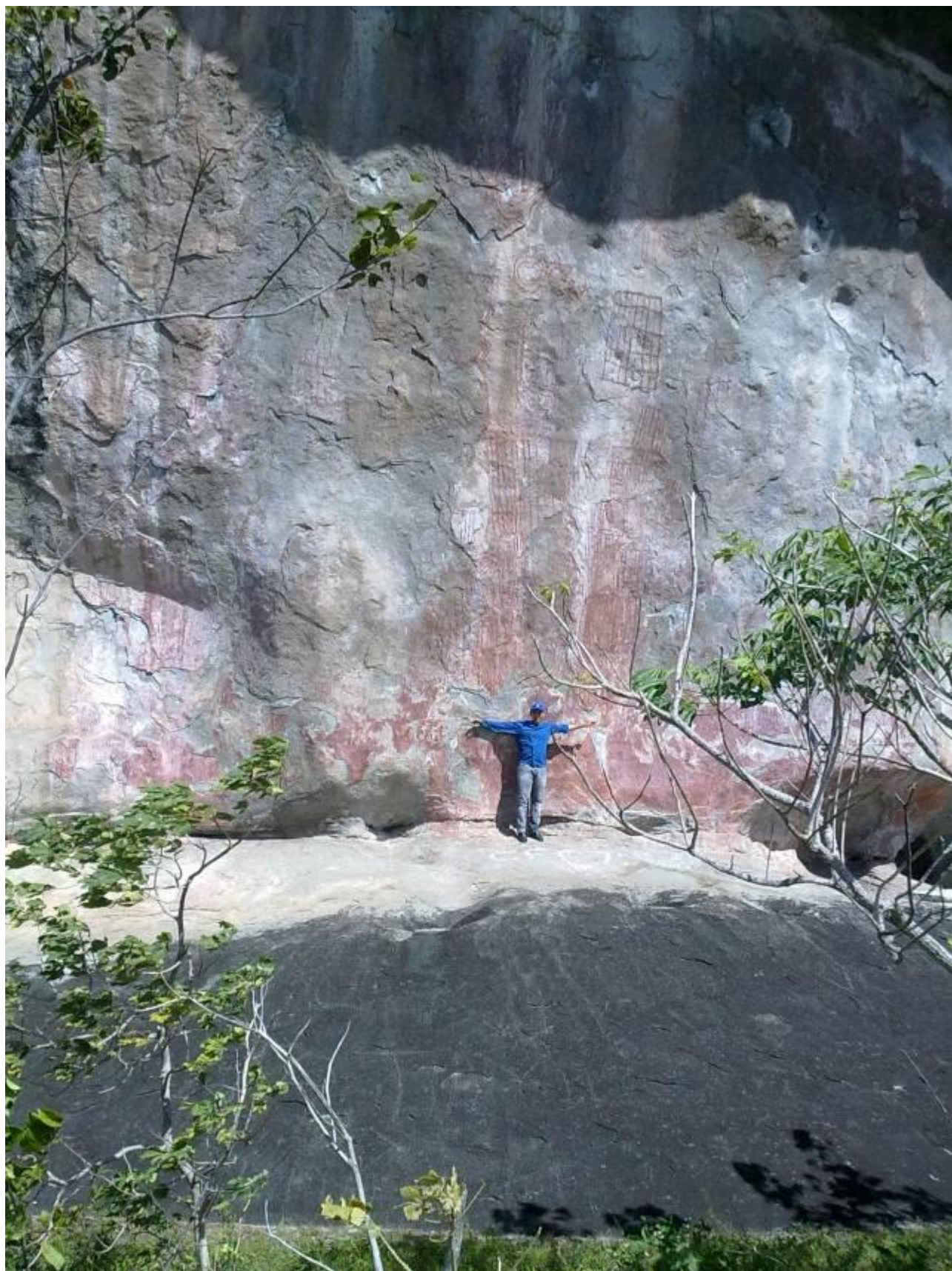


Figura 36 – É possível perceber com maior clareza nessa fotografia a grande quantidade de inscrições rupestres perdidas em decorrência do deslocamento de placas graníticas devido a fatores naturais (intemperismo físico) – acima do lado direito do indivíduo; e perdas na parte inferior do painel em grande parte pela ação humana (antrópico).



Figura 37 – Na fotografia acima, detalhe da perda de inscrições rupestres decorrente do deslocamento de placas graníticas, na imagem abaixo, placa deslocada com pigmentação avermelhada (lanterna usada como escala), encontrada próximo ao grande painel central. Imagens por JPavani, em 10 de maio de 2013.



Figura 38 – Detalhe do painel central da Pedra Pintada



Figura 39 – Detalhe do painel central da Pedra Pintada com perda parcial das inscrições devido ação erosiva (intemperismo).



Figura 40 – Painei central da Pera Pintada (RR-UR-01)



Figura 41 – Detalhe da base do painel central com inscrições rupestres, local caracterizado por cavidades e semelhante a pequenas cavidades naturais.



Figura 42 – Signos do painel central do sítio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01)



Figura 43 – Caverna sob abrigo do grande inselberg. Imagens JPavani



Figura 44 – Na primeira fotografia é apresentado o interior da caverna. Na ocasião foi detectado o processo de percolamento de líquidos. O local serve de abrigo para morcegos e é muito frequentado por caprinos, ao ponto do excesso de fezes desses animais fazer com que seja difícil respirar no interior da caverna. A foto abaixo apresenta fezes de bovino e ossos de animais destrinchados, provavelmente por onça próxima à caverna (a lanterna na imagem está servindo como escala).



Figura 45 – Na região do abrigo ainda é possível presenciar inscrições rupestres com pigmentação fraca, conforme apresentado na primeira fotografia. Abaixo, fragmento de cerâmica encontrado próximo a caverna, região caracterizado por apresentar grande número de material arqueológico semelhante. Por causa das visitas e falta de limitação de acesso em algumas localidades, além do pisoteamento de animais, os fragmentos de cerâmica são cada vez mais difíceis de serem encontrados.



Figura 46 – Na ocasião da instalação de placas de identificação do sítio arqueológico Pedra Pintada foi encontrado fragmento de cerâmica em um dos buracos abertos para fixação de uma delas, conforme apresenta a primeira fotografia. A instalação dessa placa não foi bem recebida pelos administradores da região, a Associação da Terra Indígena São Marcos, por ser considerado local sagrado pelas etnias locais, sendo anunciada sua remoção para próximo ao painel com inscrições.



Figura 47 – Próximo ao abrigo e a caverna do matacão existem pequenas cavernas naturais, segundo relatos essas cavidades abrigavam no passado urnas funerárias com esqueletos humanos em seu interior. Na fotografia abaixo é possível perceber próximo as pequenas cavidades acúmulo de terra e grande quantidade de fezes de caprinos.



Figura 48 – As pequenas cavernas naturais presentes no grande inselberg estão servindo de abrigo para alguns animais, além de morcegos. O grande número de abelhas está comprometendo não somente a camada finita do sítio arqueológico, mas também as visitas de estudantes.



Figura 49 – O Lago Encantado é o local com água mais próximo da Pedra Pintada, segundo o relatório de 1982 dos arqueólogos Daniel Florêncio Fróis Lopes e Ana Lúcia Maroja Kalkmann, do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ali não foram encontradas bacias de polimento ou qualquer vestígio de meios para confecção de material lítico. A concha na foto abaixo foi encontrada nas proximidades do Lago.

Conclusão

O presente estudo para fins de tombamento nacional do sítio arqueológico Pedra Pintada de Roraima é uma maneira de apresentar algumas peculiaridades dessa região de lavrado/savana amazônica, intrínseca em nosso objeto de pesquisa. Além das singulares características arqueológicas, o referido bem cultural pré-colonial apresenta informações geológicas que indicam a existência da grande quantidade de água salubre extinta nessa localidade, uma das remanescentes ações do período glacial e da travessia oceânica anterior à elevação da Cordilheira dos Andes ao norte da América do Sul. Para alguns pesquisadores e habitantes desse estado brasileiro esses são dados indicam a existência e a proximidade da cidade de Manoa, local onde teriam ocorrido os acontecimentos que inspiraram a lenda do *El Dorado*, que atraiu muitos exploradores europeus a partir do século XVI para o chamado Novo Mundo em busca do ouro desse território e que teria sido utilizado pelo povo inca para confecção de templo ao deus Sol.

A valoração da Pedra Pintada (RR-UR-01) por meio das manifestações culturais arqueológicas tem, através das disposições das inscrições rupestres (em locais de difícil acesso), uma forma de presenciar informação sobre a ocupação contínua de caçadores-coletores/ceramistas/povos indígenas, assim como através das práticas funerárias destinadas às dependências do inselberg e, através de artefatos recolhidos em cortes experimentais aos quais apresentam dados sobre os primeiros contatos entre os indígenas com os primeiros exploradores europeus a partir do século XVII. São informações de considerável valor ao meio científico arqueológico em um único sítio arqueológico. Ao entrar em contato com o referido bem arqueológico, um dos símbolos do estado de Roraima, com pinturas de signos geométricos há mais de dez metros de altura distribuídos em três painéis, se aguça a imaginação dos visitantes ao tentarem compreender o que motivou a realização de tais proezas, assim como o significado dos símbolos confeccionados. Seriam realmente os ensinamentos do herói mitológico dos povos indígenas Macunaima (Makunaimî)? De qualquer maneira, o referido patrimônio cultural assim como o meio ambiente natural que o envolve fomenta o interesse por esse passado imemorável, além de ser um belo convite à arqueologia.

O valor simbólico atribuído ao patrimônio cultural deste estudo, o qual acreditamos ultrapassar não somente os limites regionais, mas também nacionais, foi o motivo para a solicitação do tombamento deste sítio arqueológico pré-colonial pela superintendência do IPHAN/RR. A Pedra Pintada do estado de Roraima representa importante referência para os povos indígenas dessa região (religiosidade) assim como para os habitantes não indígenas (representação regional e lazer). A grande concentração de inscrições rupestres e a sobreposição ocorrida em alguns locais por caçador-

coletores (pré-ceramistas), assim como a deposição de urnas funerárias na caverna e pequenas cavidades do inselberg por ceramistas, são manifestações que sugerem a grande consideração pelo local dispensada por esses primeiros habitantes da região.

Conforme apresentado nos primeiro e segundo capítulos deste estudo, por muitos séculos a produção de conhecimento envolvendo as manifestações culturais pré-históricas/pré-coloniais sofreram com as interpretações arbitrárias de pesquisadores/conservadores, o que acreditamos ter sido uma forte influência na tardia valoração a essa categoria de bem cultural (dos primeiros habitantes), assim como no reconhecimento das contribuições dos povos ameríndios para a humanidade. No Brasil, os conflitos por território a partir do século XVI entre os colonizadores europeus e seus descendentes contra os povos indígenas, resultou na falta de interesse sobre os saberes desenvolvido pelos ancestrais destes últimos. Atualmente em Roraima, devido à recém-resolução territorial que favoreceu os povos indígenas com a demarcação da Reserva Indígena Raposa/Serra do Sol (no ano de 2005), é possível presenciarmos a continuação desses embates por espaço territorial, através do desprezo, destruição e omissão das manifestações culturais pré-coloniais, uma vez que os não indígenas acreditam ser isso um motivo para novas demarcações. Realidade presente não somente na região abordada neste trabalho mas, pelo que sabemos, também onde há situações semelhantes de delimitação.

A proposta deste estudo em realizar educação informal na Pedra Pintada de Roraima, atividade a ser oferecida pelos próprios indígenas, faz parte do processo de emancipação historiográfica desses povos. Com a maior valoração do patrimônio cultural pré-colonial pelas novas gerações (indígenas e não indígenas) estaria se contribuindo para minimizar os efeitos negativos causados pelos conflitos territoriais, assim como os danos oferecidos pela indústria cultural presente nos meios de comunicação de massa, que intervém na assimilação e valorização das tradições locais e regionais. Valores externos que acreditamos serem fatores de risco a continuidade e preservação das manifestações do passado imemorial, ausente dos textos escritos.

Nossa sugestão para realização de atividade turística na Pedra Pintada (RR-UR-01), o que acreditamos ser uma importante contribuição para o desenvolvimento socioeconômico desta distante região dos grandes centros econômicos, apresenta uma possibilidade de favorecer a preservação, não apenas deste referido bem cultural, mas aos demais bens pré-coloniais que poderiam estar sendo incluídos no roteiro turístico de Roraima. O uso do patrimônio cultural para realização de atividade turística dentro dos limites de território indígena muitas vezes causa desaprovação na opinião pública, entretanto, para algumas comunidades indígenas da região da tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e República da Guiana (antiga Guiana Inglesa), essa é uma alternativa viável para o desenvolvimento social e econômico para esses povos sem ter que alterar seu modo de vida.

Em palestra oferecida na Semana Tipiti, evento cultural realizado pelo IPHAN/RR e Universidade Federal de Roraima (UFRR), entre os dias 19 a 23 de novembro de 2012, uma liderança da etnia Ingarikó (povo indígena que vive próximo ao Monte Roraima), disse que em alguns momentos sua comunidade recebe os turistas do Parque Nacional Canaima (Venezuela), interessados em conhecer um pouco da cultura ameríndia brasileira. A valorização pelos visitantes, que normalmente provém de diferentes localidades do planeta, segundo o indígena ingarikó, é um grande incentivo para seu povo manter as tradições culturais uma vez a que a comercialização de produtos artesanais contribuir para a sustentabilidade, sem ter que mudar o estilo de vida. Ao final da fala, a liderança indígena ressaltou o interesse em continuar com as atividades turísticas, e que se fosse preciso, o investimento nessa atividade econômica seria realizado por conta própria, caso não haja auxílio dos governos local e federal.

Na mesma mesa de palestrantes da liderança ingarikó, uma professora de turismo de instituição federal, apresentou a ideia de Roraima como sendo um “local de passagem”, uma vez este ser somente local de abastecimento dos viajantes, não havendo o devido aproveitamento do fluxo turístico existente pela falta de investimento em atrativos turísticos. As viagens, muitas vezes originadas na capital do estado do Amazonas (Manaus), ou que têm que passar por ela, cruzam o estado de Roraima, usualmente com destino às regiões próximas de fronteira internacional com o Brasil e/ou em direção aos países caribenhos.

A partir desses dois pronunciamentos (indígena e não indígena), interessados no desenvolvimento turístico em Roraima, se fortaleceu a ideia deste trabalho de se criar um espaço turístico/cultural utilizando o patrimônio arqueológico Pedra Pintada (RR-UR-01) como elemento central. Esta, logisticamente bem situada na BR 174, entre o trecho Boa Vista (capital do estado) e a fronteira com a Venezuela, é muito procurada pelos habitantes locais, assim como por viajantes de outros estados brasileiros e países vizinhos. A realização da atividade turística que se pretende desenvolver em um dos ícones do estado de Roraima e objeto dessa pesquisa seria, em parte, a continuidade do usufruto ao local pela população, já realizado há décadas anterior à homologação do território indígena em 2005. Porém, nesse momento as visitas teriam limite de acesso ao sítio arqueológico, gestão compartilhada entre governo/povos indígenas e maior organização através da prestação de serviços para melhor usufruto por parte dos visitantes.

Para os povos indígenas da Reserva Raposa/Serra do Sol, assim como para as outras etnias fora dessa delimitação, a proposta de ação econômica mais duradoura através do turismo utilizando o patrimônio cultural, proporcionaria melhor qualidade de vida e afastaria a ideia de extração de recursos não renováveis, assim como os consequentes problemas socioambientais já conhecidos

nessa região. Conforme foi exemplificado através das atividades no Parque Nacional Canaima¹¹⁶ e na fala da liderança ingarikó (mencionada logo acima), as práticas econômicas envolvendo as manifestações culturais são incentivos à manutenção das mesmas, ao invés de prejudica-las. Portanto, a intervenção governamental através do ato administrativo do tombamento federal da Pedra Pintada (RR-UR-01) contribuiria para a continuidade das antigas tradições culturais indígenas, ao incentivo/facilidade no escoamento da produção artesanal e a sensibilização sobre arqueologia e a cultura material produzida em tempos remotos.

O investimento na produção de conhecimento arqueológico dos bens culturais de Roraima favoreceria a criação de curso de graduação ou especialização em arqueologia, proporcionando autonomia em relação às pesquisas arqueológicas nessa região. A dificuldade que esse estado brasileiro tem em relação à contratação de pesquisadores (arqueólogos) seria superada com a formação profissional local. Isso seria também uma possível solução para outro problema: em muitas ocasiões a posição geográfica longínqua em relação aos grandes centros urbanos, assim como o custo financeiro para acessar a região, desestimulam a vinda de empresas prestadoras de serviços arqueológicos, um fator que contribui para a contínua ausência de estudos de impacto cultural nos EIA/RIMA's nos grandes empreendimentos roraimenses.

Dessa maneira, acreditamos que a preservação, proteção e divulgação para continuidade das visitas turísticas na Pedra Pintada (RR-UR-01), um dos bens culturais mais relevantes do estado brasileiro menos assistido em arqueologia da região amazônica, seria favorável para reverter essa situação de isolamento e abandono dessa região no extremo norte do Brasil. A intervenção governamental pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional estaria, portanto, iniciando o desenvolvimento social e científico alvejado por muitos habitantes de Roraima.

¹¹⁶ Ver Tópico 3.4, acima.

Bibliografia

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BARRETO, Regiane Gambim. Tombamento de Sítios Arqueológicos: um velho desafio para o IPHAN. 2007. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- BASTOS, Rossano Lopes. BRUHNS, Katianne. & TEIXEIRA, Adriana. (orgs.) *A arqueologia na Ótica Institucional: IPHAN, contrato e sociedade*. Rio Grande do Sul: Habilis Editora, 2007.
- _____. *Preservação, Arqueologia e Representações Sociais: uma proposta de arqueologia social para o Brasil*. Rio Grande do Sul: Habilis Editora, 2007.
- _____. & SOUZA, Marise Campos de. Arqueologia Preventiva no Patrimônio Arqueológico Brasileiro. In: SOUZA, Marise Campos (org.). *Arqueologia Preventiva: Gestão e Mediação de Conflito. Estudos Comparativos*. São Paulo: Superintendência do Iphan em São Paulo, 2010.
- BELTRÃO, Maria C. M. Coutinho. & PEREZ, Rhoneds A.. Signos e símbolos: uma linguagem ancestral. In: CALLIA, Marcos. (org.). *Terra Brasilis: Pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BLASIS, Paulo de. Da era das glaciações às origens da agricultura: uma das mais antigas culturas do território brasileiro. In: *Brasil 50 mil anos: uma viagem ao passado pré-colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo & Museu de Arqueologia e Etnologia, 2001.
- BRASIL. *Decreto-Lei nº 25*, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.
- BRASIL. *Lei nº 3.924*, de 26 de julho de 1961. Dispões sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.
- CALABRE, Lia. *Políticas culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- CALLIA, Marcos. Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique. In: CALLIA, Marcos. (org.). *Terra Brasilis: Pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.
- CARSON, Rachel. *Primavera Silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.

- CAMPOS, Ciro. PINTO, Flavia. BARBOSA, Reinaldo Imbrozio. O Lavrado de Roraima: importância biológica, desenvolvimento e conservação na maior savana do Bioma Amazônia. Boa Vista: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA/RR), 2008.
- CHAGAS, Mario de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 3ª edição. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- CONSTITUIÇÃO Federal brasileira de 1988
- D'ANTONA, Álvaro de Oliveira. Turismo em parques nacionais. In: FUNARI, Paulo & PINSKY, Jaime. (orgs.) *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- DIÁRIO da Assembleia Legislativa, publicado em 30 de outubro de 2012, Edição 1450.
- ENCICLOPÉDIA Microsoft Encarta Enciclopédia, 2002 © 1993-2001. Microsoft Corporation.
- EVAN, Clifford. & MEGGERS, Betty Jane. *Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1970.
- FALCÃO, Joaquim Arruda. Política cultural e democracia: a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. In: MICELI, Sergio. *Estado e Cultura no Brasil*. São Paulo: Difusão editorial S.A., 1984.
- FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FIORILLO, Celso Antônio Pacheco. *Curso de Direito Ambiental Brasileiro*. São Paulo: Editora Saraiva, 10ª edição, 2009.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- FREITAS, Aimberê. *Geografia e História de Roraima*. Boa Vista: DLM, 2001.
- FUNARI, Pedro Paulo Funari. *Arqueologia e Patrimônio*. Rio Grande do Sul: Habilis Editora, 2007.
- _____. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GAMBINI, Roberto. Alma na Pedra. In: CALLIA, Marcos. (org.). *Terra Brasilis: Pré-história e arqueologia da psique*. São Paulo: Paulus, 2006.

- GASPAR, Madu. *A arte rupestre no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 2002.
- (GOURHAN, 2001: 32)
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.
- HOMET, Marcel F. *Os Filhos do Sol: nas pegadas de uma cultura pré-histórica no Amazonas*. São Paulo: IBRASA, 1959.
- ICOMOS. *Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – Carta Burra*. Austrália, 1980.
- ICOMOS. *Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – Carta de Veneza*. II Congresso Internacional de Arqueologia e técnicos dos monumentos históricos. Veneza, 1964.
- ICOMOS/ICAHM. *Carta para proteção e a gestão do Patrimônio Arqueológico - Carta de Lausanne*. Lausanne, 1990.
- JORGE, Vítor Oliveira. *Arqueologia, Patrimônio e Cultura*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- KENT, Michael. Ecotourism, environmental preservation and conflicts over natural resources. In: STEIL, Carlos Alberto (org.). *Horizontes Antropológicos: Antropologia e Turismo*. Porto Alegre: PPGAS, 2003.
- KOCH-GRUNBERG, Theodor. *Do Roraima ao Orinoco: Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913*. Vol. I. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 1967.
- LEROI-GOURHAN, André. *Os Caçadores da Pré-História*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- LIMA, Tania Andrade. O povoamento inicial do continente americano: migrações, contextos, datações. In: SILVA, Hilton P. (org.). *Nossa Origem: o povoamento das Américas, visões multidisciplinares*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.
- (LOPES, Daniel Florêncio F. & KALKMANN, Ana Lúcia Maraja. *Relatório de inspeção arqueológica no sítio “Pedra Pintada” (RR)*. Belém: 1983.

- LOURENÇO, Alessandra S.G. Alcofora. Roraima: a última fronteira da arqueologia brasileira. In MinC. *Patrimônio: Práticas e Reflexões. Metodologia de pesquisa e multidisciplinaridade do IPHAN*. Rio de Janeiro: Copedoc DAF Iphan, 2010.
- MAZOYER, Marcel. & ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- MACDONELL, Pe. Ronaldo B. (org.) *Mitos do povo makuxi registrados pelo monge beneditino Dom Alcuíno Meyer, O.S.B. Entre 1926 e 1948*. Boa Vista: Diocese de Roraima, 2011.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. *A Revista do CEPA*. Vol. 14. Nº 17. Santa Cruz do Sul (RS): Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 1987.
- _____. *A Revista do CEPA*. Vol. 16. Nº 19. Santa Cruz do Sul (RS): Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 1989.
- _____. Arqueologia em Roraima: histórico e evidências de um passado distante. Módulo 1. In: BARBOSA, R. I., FERREIRA, E. J. G & CASTELLÓN, E. G. (eds) *Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima*. INPA: 1997.
- MITHEN, Steven. *A pré-história da mente: Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MORAIS, José Luiz de. A arqueologia e o turismo. In: FUNARI, Paulo & PINSKY, Jaime. (orgs.) *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- NEVES, Walter. *Antropologia Ecológica: um olhar materialista sobre as sociedades humanas*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- OLIVEIRA, Roberto Costa de. Solicitação de tombamento nº. CPROD 01419.000251/2012-97, de maio de 2012.
- OLIVEN, Ruben George. A relação Estado e cultura no Brasil: cortes ou continuidade? In: MICELI, Sergio. *Estado e Cultura no Brasil*. São Paulo: Difusão editorial S.A., 1984.
- OOSTERBEEK, Luiz. *Arqueologia, patrimônio e gestão do território*. Rio Grande do Sul: Habilis Editora, 2007.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1992.
- _____. *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

- _____. *Arte pré-históricas do Brasil*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2007.
- RABELLO, Sônia. *O Estado na Preservação de Bens Culturais: O Tombamento*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2009.
- RAHTZ, Philip. *Convite à arqueologia*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A Danação do Objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó (SC): Argos Editora Universitária, 2004.
- RANZI, Alceu. *Paleoecologia da Amazônia: Megafauna do Pleistoceno*. Florianópolis, Editora da UFSC, 2000.
- SILVA, Regina Coeli Pinheiro da. Os desafios da proteção legal: uma arqueologia da Lei nº. 3.924/61. In: LIMA, Tânia Andrade (org.). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº 33. *Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação*. Brasília: IPHAN, 2007.
- REIS, Nelson Joaquim. SCHOBENHAUS, Carlos. COSTA, Fernando. Pedra Pintada, RR: ícone do Lago Parimé. In: WINGE, M. (Ed.) *et al. Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Vol. II. Brasília: CPRM, 2009.
- RIBEIRO, Marily Simões. *Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica*. São Paulo: Alameda, 2007.
- RIBEIRO, Renato Janine. O poder público ausente: a TV nas mãos do mercado. In: MOISÉS, José Álvaro (et. al.). Vol. 2. *Cultura e Democracia*. Rio de Janeiro: Edições Fundo Nacional de Cultura, 2001.
- RODRIGUES, Shirley. *Pemontom Karambanimnam: Turismo como alternativa*. Boa Vista: DLM, 2000.
- SANTILLI, Paulo. Pemongon Patá: território macuxi, rotas de conflito. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SECRETARIA do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Portaria nº 11*, de 11 de setembro de 1986.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. *Turismo e Arqueologia*. São Paulo: Editora Aleph, 2005.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

- SOARES, Inês Virgínia Prado. *Proteção Jurídica do Patrimônio Arqueológico no Brasil: fundamentos para efetividade da tutela em face de obras e atividades de impacto*. Rio Grande do Sul: Habilis Editora, 2007.
- SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. *Bens Culturais e sua proteção jurídica*. 3ª edição. Curitiba: Juruá Editora, 2005.
- STEVENSON, Roland. *Uma luz nos mistérios amazônicos*. Manaus: Grafima, 1994
- SZABÓ, Gergely Andres Julio., BABINSKI, Marly. & TEIXEIRA, Wilson. Magma e seus produtos. In: TEIXEIRA, Wilson. FAIRCHILD, Thomas Rich. TOLEDO, M. Cristina Motta de. TAIOLI, Fabio. *Decifrando a Terra*. 2ª edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.
- TALAVERA, Agustín Santana. Turismo cultural, culturas turísticas. In: STEIL, Carlos Alberto (org.). *Horizontes Antropológicos: Antropologia e Turismo*. Porto Alegre: PPGAS, 2003.
- THOMSON, John. Caraccas, *Guiana*. Dublin: John Cumming, 1817.
- TRIGGER, Bruce G. *A História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- UNESCO. *Recomendação de Nova Déli. Arqueologia. – Carta de Nova Déli*. 9ª sessão. Conferência Geral da UNESCO. Nova Déli, 1956.
- VIEIRA, Jaci Guilherme. *Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra - 1777 a 1980*. Boa Vista: UFRR, 2007.
- WALCACER, Fernando. *Os desafios do Patrimônio Ambiental*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2009.

Citações da Internet

- WIKIPEDIA, verbete: Lewis Roberts Binford. http://pt.wikipedia.org/wiki/Lewis_Binford
http://en.wikipedia.org/wiki/Lewis_Binford (acesso em março de 2014)
- WIKIPEDIA, verbete: Mecenato. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mecenato> (acesso em março de 2014).
- WIKIPEDIA, verbete: Raposa/Serra do Sol. http://pt.wikipedia.org/wiki/Raposa_Serra_do_Sol
(acesso em março 2014).
- WIKIPEDIA, verbete: Nacionalismo. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nacionalismo> (acesso em março de 2014).

WIKIPEDIA, verbete: Sustentabilidade. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade> (acesso em março de 2014).

WIKIPEDIA, verbete: Neoevolutionism. en.wikipedia.org/wiki/Neoevolutionism. (acesso em março de 2014).

WIKIPEDIA, verbete: Brasão de Roraima. http://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o_de_roraima (acesso em março de 2014).

WIKIPEDIA, verbete: Inselberg. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Inselberg> (acesso em março de 2014)

WIKIPEDIA, verbete: Parque Nacional Canaima. http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Nacional_de_Canaima (acesso em março de 2014).

<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL733738-16021,00-RAPOSA+SERRA+DO+SOL.html> (acesso em março de 2014).

<http://g1.globo.com/rr/roraima/fotos/2013/05/imagens-da-pedra-pintada-sitio-arqueologico-mais-importante-de-rr.html>

Portal IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montaPaginaSGPA.do> (acesso em outubro de 2012)

RODRIGUES, Tarsia. http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=146236 (acesso em março de 2014)

Anexo I

Foi brevemente citado no tópico 4.1 desse trabalho (*Os testemunhos geológico/arqueológico contidos na Pedra Pintada*), sobre a produção cartográfica apresentando grande volume de água na região compreendida atualmente como nordeste do estado de Roraima. Os mapas abaixo foram elaborados em diferentes períodos, sendo o primeiro no final do século XVI¹¹⁷ e o seguinte no início do século XIX¹¹⁸.



Figura 50- Mapa elaborado por Henricus Hondius, em 1599.

¹¹⁷ REIS, Nelson Joaquim. SCHOBENHAUS, Carlos. COSTA, Fernando. Pedra Pintada, RR: ícone do Lago Parimé. In: WINGE, M. (Ed.) et al. *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Vol. II. Brasília: CPRM, 2009.

¹¹⁸ THOMSON, John. *Caraccas, Guiana*. Dublin: John Cumming, 1817.



Figura 51 - Mapa elaborado por John Cumming, em 1817.

Anexo II

As informações transcritas abaixo é uma coletânea extraída das únicas publicações sobre os resultados da pesquisa arqueológica realizada na Pedra Pintada (RR-UR-01), presentes em Mentz Ribeiro (1987 e 1989).

CERÂMICA

Foram estudados 4507 fragmentos, 13 vasos inteiros e 3 a serem reconstruídos. Os inteiros são representados por urnas funerárias com suas respectivas tampas, com exceção de um pequeno vaso que possivelmente continha oferendas. O material é proveniente de coletas superficiais sistemáticas em 17 sítios e deles um com corte experimental. Este último, RR-UR-I, Pedra Pintada, forneceu 68,5% da cerâmica fragmentada.

Pasta: A técnica de confecção é o acordelado podendo-se observar as marcas dos roletes (positivo e negativo) em alguns fragmentos. Quanto ao antiplástico, encontramos 4 tipos:

- a) areia tempero grosso – é o mais importante, tanto no que se refere ao percentual em quantidade, quanto na frequência, pois é o único registrado em todos os sítios. Possui grãos de quartzo hilino e leitoso, variando de 2 a 5mm de espessura em sua maioria e distribuído irregularmente na pasta.*
- b) areia tempero fino – grãos de quartzo entre 1 a 4mm, a maioria entre 1 e 2mm; distribuição do antiplástico bem homogênea. Este tipo de antiplástico permite um melhor acabamento de superfície, sendo, daí, tanto externa como internamente alisada na maioria dos fragmentos. É o mais popular nas camadas inferiores do corte realizado na Pedra Pintada, e o segundo em quantidade no total da cerâmica e em frequência no total dos sítios.*
- c) areia rocha triturada – idênticas as duas anteriores, porém apresenta grãos de quartzo triturados (cantos vivos). É o terceiro em quantidade mas o quartzo em frequência no total dos sítios.*
- d) areia com mica – idêntica às duas primeiras, porém apresenta certa quantidade de mica no antiplástico, visível a olho nu, dando-lhe um certo brilho característico. Em quantidade é o último, porém o terceiro em frequência no total dos sítios. No corte realizado na Pedra Pintada não se observa uma tendência no mesmo, mantendo-se estável. Frequentes bolhas de ar e fendas nos roletes. Cor do núcleo: negro, pardacento-escuro, pardacento-violaceo-escuro; a maioria de oxidação incompleta; poucos fragmentos de oxidação completa apresentam a coloração pardacento-alaranjada, vermelho-alaranjado e carmim-pardacenta. Superfície: grosseira, áspera na maioria dos fragmentos, particularmente no tempero grosso, podendo-se observar a olho nu a distribuição irregular do antiplástico. Os que se encontram em sítios de campo aberto estão mais erodidos tornando-se, por isso, mais ásperos ao tato. 2,93% dos fragmentos possuem um tipo que foi classificado como “polido”. O acabamento da superfície é*

polido, em ambas as faces, e apresenta uma cor negra com certo brilho. Dureza: entre 3 e 4 da escala de Mohs.

O tipo simples representa 96,03% do total; tendo-se em conta que o polido é também sem decoração, temos 98,96%. Os demais tipos, decorados, foram assim divididos:

Vermelho: restos de pigmentação vermelha na parte externa, em pontos esparsos, encontrando-se bastante erodida a cerâmica.

Engobo branco: um fragmento com vestígios de engobo branco na superfície externa.

Incisa: linhas paralelas e perpendiculares ao eixo longitudinal do vaso, face externa.

Modelado: alças, asas e saliências modeladas na própria parede do vaso.

Aplicado: tiras de pasta fixadas sobre a superfície cerâmica, uma em forma de “V”, invertido e avertido em outra discoidal, circundando uma perfuração de suspensão, ambas na face externa.

Incisa ponteadado: um pequeno fragmento formado por 4 linhas incisais, paralelas entre si, duas a duas, e 3 faixas de ponteadado elipsoidal formando linhas paralelas; o ponteadado encontra-se entre as duas faixas incisais superiores e as duas inferiores; a decoração à perpendicular ao eixo do vaso. Borda ungulada, ponteadada, digitada e entalhada: bordas que apresentam um destes tipos de decoração, algumas atingindo o lábio mais ou menos equidistantes entre si. Todas com apenas um caso, exceto a última com duas ocorrências.

Em urnas inteiras e a reconstruir, observamos apliques em 4 casos. Forma mamilar, uma com extremidade achatada levemente, com 1,5cm de comprimento e 1,5cm de base; distâncias até o lábio: 1,0, 2,5 e 4,4cm (2). uma urna apresenta três perfurações (seriam 4 mas falta uma parte junto a uma das perfurações), uma de um lado e duas do outro, uma frontal à outra; medidas: 3mm de diâmetro; a superior a 1,2cm do lábio e 3,1cm entre si (de um mesmo lado); distância entre a perfuração de um lado ao lábio: 1,6cm.

Formas: carenada, meia esfera, meia calota, esférica e discoide (griddle). Uma forma característica é a em duas partes, divididas pela carena: na parte inferior, meia calota e na superior, hiperbólica (um caso duvidoso em que a parte inferior, de uma grande urna, se aproxima na cônica). As aberturas dos vasos estão entre 4 e 67cm, a maioria entre 12 e 20cm; entre as urnas, a maior frequência é entre 30 e 40cm. A espessura das paredes encontra-se entre 0,3 e 1,5cm, predominando a faixa de 0,6 a 0,9cm. Contornos: simples e compostos os mais frequentes, seguidos dos inflectidos. Lábios: arredondados e aplanados. Bordas: quanto à forma são diretas; segundo a posição: extrovertidas, inclinada externamente, diretas e introvertidas, as duas últimas raramente ocorrendo. As bases são arredondadas ou planas. Não são frequentes os reforços das bases. Alças e perfurações para suspensão fora registradas e um caso de asa (ou adorno).

Peças de usos desconhecido – cinco peças, quatro fragmentadas, com as seguintes características:

1. forma bicônica com uma parte maior do que a outra; perfil longitudinal côncavo-conexo e transversal plano-convexo. As laterais estão aplanadas, porém isso é o observável, nitidamente, em apenas umas das 4 laterais (as demais, devido à erosão, encontram-se um pouco arredondadas ou convexas); dimensões: 3,8 x 2,5 x 0,6cm.

2. fragmento, perfil longitudinal e transversal levemente biconvexos, laterais retas, aplanadas. Forma provável: triangular ou losangular. Dimensões: 2,0 x 2,2 x 0,6cm.

3. *mesma características da anterior (um lado erodido ficando oblíquo ao eixo longitudinal da peça); 3,7 x 2,8 x 0,8cm.*
4. *fragmento, perfil longitudinal levemente biconvexo e transversal plano-convexo; forma provável; triangular (com um lado convexo); laterais aplanadas; 4,1 x 2,5 x 0,9cm.*
5. *fragmentada, forma trapezoidal com um lado convexo; fragmentada numa extremidade de lado mais estreito; perfis biplanos, laterais aplanadas, exceto a fragmentada. Apresenta, nas laterais, sinais de erosão que as deixam irregulares; 5,0 x 2,6 x 0,8cm.*

(MENTZ RIBEIRO, 1987: 17-19)

RESTOS DE ALIMENTAÇÃO

Provenientes do corte experimental realizado na Pedra Pintada (RR-UR-1), obtivemos os seguintes resultados:

- 0 – 10 cm: *conchas – fragmento de moluscos Bivales, fam. Myctopodidae e de gastrópode; ossos – fragmentos de carapaça de Chelonia, ossos craniais de Crocodília, mandíbula de Lacertília (Fam. Iguanidae), mamífero herbívoro de grande porte, mandíbula e esqueleto de roedor, fam. Cricetidae e ossos não identificados; peixe – espinhos peitorais e vértebras de Siluriformes (Doradidae?).*
- 10 – 20 cm: *conchas – fragmentos de moluscos Bivales, fam. Hyridae e de gastrópode; ossos – fragmentos cranianos de Crocodília, Premaxila e mandíbula de Lacertília, vértebra de mamífero de médio porte, dos membros, dentes e mandíbulas de mamífero Artiodactula, fam. Cervidae; peixes – vértebras e espinho de Siluriformes (espinho de Doradidae).*
- 20 – 30 cm: *conchas – idem nível anterior; ossos – fragmentos de placa de carapaça de Chelonia, crânio de Lacertília, ossos craniano de Crocodília, vértebra de mamífero e não identificados; peixes – espinho peitoral de Doradidae e vértebra destes ou outros Siluriformes.*
- 30 – 40 cm: *conchas – idem nível anterior; ossos – fragmentos de mandíbula de Lacertília, carapaça de Chelonia, vértebra de serpente, fam. Boidae, ossos cranianos de Crocodília, placas de carapaça de mamífero Edentata (tatu), dentes e ossos de mamífero fam. Cervidae, dente canino de mamífero carnívoro e não identificados; peixes, vértebras e espinho peitoral de Siluriformes (Doradidae?).*
- 40 – 50 cm: *conchas – fragmentos de concha de molusco gastrópode; ossos – vértebra de réptil Squamata, fragmentos de ossos de Crocodília, possivelmente de roedores de médio porte, placas de carapaça de mamífero Edentata (tatu), ossos e dentes de mamífero família Cervidae e não identificados; peixes – vértebras de Siluriformes (Doradidae?).*

50 – 60 cm: conchas – idem nível anterior; ossos – fragmentos de ossos de Crocodília, vértebra de serpente, família Boidae, fragmento de mandíbula de Lacertília, placas de carapaça de mamífero Edentata (tatu), fragmentos de ossos e dentes de mamífero, família Cervidae, dentes de mamífero carnívoro e ossos não identificados; peixes – idem do nível anterior.

60 – 70 cm: conchas – idem nível anterior; ossos – fragmentos de ossos de Crocodília, vértebras de serpente família Boidae, fragmento de mandíbula de Lacertília família Iguanidae, ossos e dente de mamífero família Cervidae, placas de carapaça de mamífero Edentata (tatu), mandíbula e dentes de mamífero carnívoro e não identificados; peixes – vértebras e espinho de nadadeira dorsal de Siluriformes indeterminados (Doradidae?).

70-80 cm: ossos – vértebra de réptil Squamata, fragmentos de ossos de Crocodília, vértebra de mamífero de médio porte, mamífero família Cervidae e não identificados; peixes – vértebra e espinhos peitorais de Siluriformes (Doradidae?).

80 – 90 cm: ossos – fragmento de crânio de Lacertília, ossos de Crocodília, longos e falanges de mamífero de pequeno porte (não identificado), vértebra de répteis Squamata, fragmentos de mandíbulas de mamíferos roedores família Cricetidae, de mamífero família Cervidae, dente de mamífero carnívoro de médio porte e não identificados; peixes – vértebras de Siluriformes e espinhos de Doradidae?

90 – 100 cm: ossos – dentes de mamífero herbívoro de médio porte, de mamífero carnívoro (um possivelmente de Canidae), fragmento de mandíbula de roedor família Cricetidae e não identificados; peixes – vértebras de Siluriformes indeterminados (Doradidae?).

100 – 110 cm: ossos – fragmentos de Crocodília, não identificados e de mandíbula de Lacertília; peixes – vértebra de Siluriformes (Doradidae?).

110 – 120 cm: ossos – fragmentos não identificados.

(MENTZ RIBEIRO, 1987:29-31)

SERIAÇÃO

Através do corte experimental, fizemos uma tentativa de sequência seriada. Dos 7 níveis obtidos mais o superficial, 5 apresentaram um número confiável de fragmentos. Os 3 últimos níveis cerâmicos, dos 40 aos 70 cm, forneceram, no local, apenas 49 fragmentos (32, 12 e 5). Obtivemos os seguintes resultados:

- a) simples areia tempero grosso cresce de popularidade (20,4% no nível 30-40 cm para 38,6% na superfície);
- b) simples areia tempero fino decresce de popularidade (38,8% ao nível 30-40 cm para 31,7% na superfície);

c) *simples areia rocha triturada cresce de popularidade (7,1% no nível 30-40 cm para 15,6% na superfície);*

d) *simples areia com mica não mostra uma tendência clara (mais ou menos estável).*

Os tipos decorados ocorrem a partir do 30-40cm, porém desaparecem no 20-30cm e surgem novamente nos outros níveis superiores. A exceção é do vermelho que é registrado somente nos dois níveis inferiores (50 – 60 e 60 – 70 cm).

(MENTZ RIBEIRO, 1987: 31)

SEPULTAMENTO

Pedra Pintada (RR-UR-1) – Entre os 30 e 50 cm de profundidade, junto à estaca “B” (a partir do vértice formado pelas coordenadas b-c e a-b), registramos um sepultamento estendido, em decúbito dorsal, direção sudeste (pés)-nordeste. Identificamos, “in loco”, ossos dos braços, pernas, alguns ossos da bacia, costelas e falanges, os braços estavam ao lado do corpo, estendidos. Não encontramos ossos do crânio, provavelmente devido a um processo de decomposição, porque os demais ossos estão em maus estados.

Submetidos à análise do Prof. Jorge Ferigolo, da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, os resultados foram os seguintes:

1. duas diáfises de fêmur (uma direita e uma esquerda), sem extremidades;

2. ossos dos pés: a-2 metatarsianos I (um direito e um esquerdo);

b-2 metatarsianos II (um direito e um esquerdo);

c-1 metatarsiano III (direito);

d-1 metatarsiano IV (direito);

e-2 metatarsiano V (um direito e um esquerdo);

f-2 falanges proximais dedo I (uma direita e uma esquerda).

Observações: Lesões degenerativas na extremidade distal do metatarsiano I direito (erosões subcondrais e osteófitos marginais).

(MENTZ RIBEIRO, 1987: 31-32)

INSCRIÇÕES RUPESTRES

Superfície: áspera (na Pedra Pintada existem setores que poderiam considerar como lisas). Nos blocos de granito, as pinturas estão, na sua quase totalidade, sobre as partes claras (cinza fraco).

Dimensão da área decorada: desde 0,25m (quadrado) até 1000m (quadrado), aproximadamente; média entre 10 e 20m (quadrado).

Posição do terreno: Plano inclinado (8 e 9 locais, respectivamente) posição dos blocos: na vertical. Posição das pinturas: vertical ou inclinada. Algumas encontram-se em concavidades.

Orientação: constatamos a orientação das pinturas em todas as direções, incluindo os pontos colaterais, com uma leve predominância para o leste (os petróglifos estão para o nordeste). Elas se encontram onde a rocha é mais clara (escorrimento na pedra), sem líquens e, normalmente, em locais protegidos (pequenos abrigos). Uma exceção deste último aspecto é o painel principal da Pedra Pintada, uma parede praticamente vertical.

Rocha: granito. Método de decoração: pintada. Um caso de gravado com a técnica de picoteamento. Cores: vermelho e carmim com tonalidades (predominam: vermelho, carmim-pardacento e vermelho-alaranjado). Raras: preto em 2 locais com mais ou menos 6 signos.

Dimensão das figuras: mais ou menos 15 a 20cm de comprimento e largura; largura dos traços: 1,0cm. Técnica: ao que tudo indica a utilização de extremidade dos dedos.

Superposições: são relativamente poucas. Destacam-se: painel principal da Pedra Pintada: círculos concêntricos sobre retângulos com traços internos e um caso de um círculo concêntrico sob linhas paralelas verticais; granes linhas paralelas, formando arcos, sobrepondo-se às outras figuras menores; manchas vermelhas sobre vários signos (na parte inferior do painel).

Erosão: intemperismo (onde a incidência solar é maior, a figuras apresentam-se mais apagadas), esfoliação. Vandalismo: na Pedra Pintada são retiradas placas, por curiosos (depoimentos colhidos) e marcas de tiro com armas de porte (fuzil, por exemplo), estas últimas observadas somente no painel principal.

Observações: os motivos dominantes são, nas pinturas, os abstratos lineares retilíneos, seguidos dos abstratos lineares combinados e dos abstratos lineares curvilíneos e, ainda, dos abstratos puntiformes retilíneos e raramente curvilíneos;

Nos 3 setores da Pedra Pintada, Diamantina “A”, Pedro, Peixe e Coroá¹¹⁹, foram utilizados artifícios (escada, andaime) para confecção das pinturas, em virtude da altura onde se encontram. No painel principal da Pedra Pintada existem signos a mais de 10m do solo.

DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS:

¹¹⁹ Sítios arqueológicos de características semelhantes ao da Pedra Pintada (RR-UR-01), os demais recebem as respectivas identificações (RR-UR-05), (RR-UR-06), (RR-UR-12) e (RR-TA-05), este último localizado na bacia do rio Tacutu (TA), próxima a bacia do rio Uraricoera (UR).

- a) *próximo à caverna – traços verticais, longos, paralelos (altos, isto é, fora do alcance das mão sem o auxílio de escada outro artifício); dois círculos concêntricos de cuja extremidade inferior partem 2 traços verticais mais ou menos paralelos entre si, levemente curvos para dentro na extremidade (“cauda”); traço côncavo e outro reto de onde partem paralelas verticais mais longas do que a base; linhas ziguezagueadas; retângulo com paralelas verticais; idem cortadas por uma horizontal; elipse com 3 círculos contíguos na vertical internamente, ligados à linha periférica por traços paralelos (figura semi-apagada); elipse vertical com paralelas verticais retas cortadas por horizontais também paralelas; dois círculos concêntricos partindo, do central, linhas paralelas que unem os dois; círculo com diâmetro vertical e raio perpendicular porém levemente oblíquo; figura irregular, formato semicircular de linhas duplas com traços retos internos; 3 numa extremidade e 2 noutra, unindo-as.*
- b) *painel principal – retângulos verticais com traços verticais paralelos; idem cortadas por paralelas horizontais (gradeado) – um relativamente grande, no alto, com duas tonalidades; duas serpentiformes formadas por linhas paralelas, duas a duas, na horizontal, sem se tocarem, terminando em convexidade de um lado e, do outro, em pontas – de uma convexidade externa partem duas linhas verticais paralelas com traço horizontal na extremidade inferior (“pé de mesa”); 3 círculos contíguos, na horizontal, formados por duas linhas; linhas duplas, ziguezagueadas, na vertical, com traços horizontal superior de onde elas partem; retângulo na vertical com linhas verticais paralelas, formando 3 colunas, duas compostas pela 1ª linha interna com a externa e a outra pelas duas linhas centrais, unidas, individualmente, por traços horizontais paralelos entre si; retângulos com tracejado formado por linhas verticais paralelas; linhas tracejadas isoladas; retângulo na vertical com linhas ziguezagueadas na vertical, paralelas; elipse de retângulo com traços irregulares que se entrecruzem, formando uma figura que lembra um casco de tartaruga ou favo de mel; grandes linhas paralelas formando arcos; retângulo com pequeno círculo internos irregularmente distribuídos; círculos de onde partem, externamente, traços divergentes (“sol”); idem dentro de um quadrado; 2 círculos concêntricos; manchas vermelhas; serpentiforme de linhas duplas, na horizontal, unidas por traços retos perpendiculares (verticais); 2 círculos concêntricos ligados a outro(s) por 2 traços paralelos verticais; linha ziguezagueada horizontal; quadrado com diagonais e uma oblíqua e, ainda, paralelas verticais e horizontais (gradeado); figura formada de duas partes, uma mais ou menos circular com ponteados internos e a outra, mais ou menos retangular e da mesma largura e que parte da anterior, apresenta os lados curvilíneos terminando em convexidade – o comprimento é pouco maior que o diâmetro da anterior e tem, no interior, uma figura mais ou menos da mesma forma externa, porém uma extremidade é em dupla ponta; 2 círculos concêntricos ligados por traços retos (“aros de roda”); linhas verticais ziguezagueadas, com círculos nos intervalos ou interior dos losangos que se formam.*
- c) *mesa de pedra – laterais – 4 círculos concêntricos sendo o menor, internos, de corpo cheio; retângulo vertical com paralelas serpentiformes, também na vertical; retângulo na horizontal com paralelas verticais cortadas por duas paralelas horizontais; elipse horizontal com paralelas verticais; 4 fileiras verticais formadas, cada uma, por 3 losangos de corpo cheio, unidos pelo vértice longitudinal e, duas a duas, unidas pelo vértice lateral; idem, idem, formados por losangos de linhas duplas com um traço horizontal na base – a diferença é que as figuras não se encostam lateralmente; 3 círculos contíguos na vertical formados por 3 círculos concêntricos (o central parece de corpo cheio); círculo isolados e sobrepostos; linhas ziguezagueadas na vertical, isoladas; linhas trace-pontilhadas, paralelas, formando retângulo; “casco de tartaruga”.*

Pedra de sustentação da mesa de pedra, na lateral: serpentiforme, na horizontal, se entrecruzando (ou losangos de lados mais ou menos convexos e contíguos) e, numa extremidade fechada em forma convexa e, na outra, em duas pontas (semilosango).

Paredes – paralelas verticais; retângulo na vertical com paralelas verticais; outro com paralelas na horizontal; elipse horizontal com paralelas na vertical; círculo com cruz interna; serpentiforme na vertical formada por linhas duplas que não chegam a tocar-se e com as extremidades convexas (formam mais ou menos 3 “círculos”); ziguezagueadas paralelas verticais; elipse horizontal com gradeado; 2 círculos concêntricos; 2 círculos com “X” interno sobrepostos a um círculo intermédio (os 3 estão na vertical); linhas ziguezagueadas oblíquas, duas a duas, paralelas, formando, cada dupla, losangos contíguos, unidos no vértice longitudinal – com sobreposição na parte inferior, em forma de “L” inclinado; elipse horizontal com traço vertical central; elipses alongadas, oblíquas, com traço interno longitudinal; 3 paralelas oblíquas que se cortam com outras 3 em sentido oposto, formando losangos; elipse na horizontal unida a um círculo, ambas com cruz interna; retângulo na vertical com traço vertical central; 3 figuras iguais, na posição vertical, formadas por 2 ou 3 círculos, unidos por duas linhas paralelas.

(MENTZ RIBEIRO, 1987, 33-37)

Pedra Pintada (RR-UR-1) – Na caverna da Pedra Pintada foram praticados 3 cortes experimentais, dois juntos à parede (“B” e “D”) e um mais afastado “C”. Este último foi próximo ao realizado em 1985 (“A”). Somamos os níveis correspondentes de cada teste (Tabela única). O teste “C” atingiu 100-110 cm, o “D”, 140-150 e o “B”, 150-160cm (juntos a estaca “d” chegou a 168 cm, porém numa área bem restrita).

Cerâmica – As características da cerâmica se repetiram: menos de 1% de cerâmica (incisa ou aplicado) e 4 tipos de antiplástico: areia tempero grosso, areia tempero fino, areia com mica e rocha triturada. Realizamos várias tentativas para observar tendências do antiplástico, separadamente juntos os 3 cortes, comparando com o corte experimental de 1985. O resultado com pequenas variações, foi o seguinte: areia tempero fino e areia com mica decresce; areia tempero grosso e rocha triturada crescem de popularidade. As formas mais comuns e que ocorrem em quase todos os níveis são a semiesférica (53,8%), elíptica horizontal (16,6%), ovóide (3,1%) elíptica horizontal e cônica (0,9%) e indefinida (25,6%). Quanto ao contorno, o simples representa 74,9%, o inflectido 7,9%, o composto 0,4% e o indefinido 16,8%. O relativo alto índice de indefinidos é em virtude das diminutas dimensões das bordas. Estas são diretas (98,4%), reforçadas interna e externamente (0,8% cada); quanto à posição, as bordas são verticais (49,4%), introvertidas (31,1%) e extrovertidas (19,5%). Os lábios são arredondados (82,9%), apontados (15,8%), planos, inciso longitudinal e inciso transversal (0,4% cada um). As aberturas dos vasos encontram-se entre 10-30cm; a maior concentração está entre 12 e 24cm (82,1%). Seis fragmentos de borda apresentaram furo de suspensão. Bases arredondadas e planas.

As quadrículas mais afastadas da parede (“A” e “C”) forneceram maior quantidade de material, tanto cerâmico (78,7%) como lítico.

Numa depressão de rocha, no solo, de mais ou menos 2m de diâmetro, uns 30m ao sudoeste dos cortes, encontramos relativa quantidade de fragmentos de cerâmica, alguns líticos não bem definidos e uma e uma conta de colar de vido (mesmo material registrado para a superfície e

primeiros 3 níveis da Pedra Pintada). Uma borda possuía um furo de suspensão, de fora para dentro, comum aos que ocorrem na Pedra Pintada; possui 20 cm de boca e antiplástico areia tempero grosso. A novidade foram 3 bordas com 3 tipos diferentes de modos de suspensão de vaso, através de perfurações: 1. Cilindro aplicado verticalmente sobre o lábio, com uma perfuração superior central, cortando obliquamente o cilindro e saindo na face interna do vaso possui 13 cm de boca e areia com mica; 2. aplique horizontal, elipsoide, com perfuração central longitudinal (paralelo à borda – possui 22 cm de boca e com areia tempero grosso; 3. perfuração circular, de fora para dentro, próximo ao lábio (1,5cm), com um aplique que se projeta externamente, logo acima da perfuração, em forma de leque e com entalhes verticais na extremidade 0 não foi possível medir a abertura, e o antiplástico é areia tempero fino.

Um lábio apresentava um aplique elipsoide com carimbado (2) mais ou menos circular e pequenas saliências internas; antiplástico areia tempero grosso.

Lítico – Quando fornecidas 3 medidas, são, respectivamente comprimento, largura e espessura.

a) Polido – fragmento de instrumento; 2 de basalto, 2 de granito e 2 de rocha desconhecida; de 4 não conseguimos identificar o instrumento, um parece pertencer a uma lâmina de machado (nível 10-20cm) e um é mamiliforme, fragmentação na base, com 0,7cm de comprimento e 0,4 de diâmetro, em basalto ? pardacento-enegrecido.

Peça de uso desconhecido: uma em arenito creme, forma retangular, 3 bordos levemente côncavos e um convexo, perfil transversal triangular com vértice arredondado e longitudinal trapezoidal com todas as faces polidas; a face inferior é plana e a superior apresenta 4 faces, paralelas entre si duas a duas; 4,2 x 3,3 x 2,0 cm. Outra com forma ovoide, perfis assimétricos biconvexos, alisada de maneira não uniforme; rocha: ? cor: preto-azuladas; 2,0 x 1,0 x 0,5 cm.

Disco de colar: discoidais, com perfuração central, preta, pardacento-acinzentada e sépia; dimensões: 0,7 x 0,2 x 0,3 cm (diâmetro x espessura x diâmetro da perfuração), 0,6 x 0,1 x 0,3 cm.

Bola: em rocha ignorada (granito?), cor cinza-pálido, com sinais de picoteamento; 5,4 cm de diâmetro; peso: 214g; densidade: 2,6875 kg.

Pilão: em gnaisse cinza-esverdeado com pontos brancos; polido em ambas as faces, elipsoide, com 30,2 x 25,9 x 15,0cm (comprimento x largura x altura); 10,2cm é a profundidade da concavidade. Peso: 15,05 kg.

b) Lascado – Talhador (?): em riolito cinzento-enegrecido, fragmentado; possui lascamentos unifaciais um bordo, justamente onde fragmentou obliquamente ao eixo longitudinal da peça; 11,1 x 9,5 x 2,6 cm.

Outro (?) com as mesmas características de rocha e cor, forma trapezoidal com um bordo convexo, perfis biplanos; o bordo convexo e parte contígua lateral apresenta lascamentos bifaciais e sinais de uso (esmagamentos): camada cortical sobre uma face; ângulo do bordo ativo: 70°; 12,8 x 8,5 x 3,1 cm.

Raspador (?): em cristal de rocha, forma irregular também nos perfis; apresenta uma extremidade com lascamentos e sinais de utilização (pequenos microlascamentos e esmagamentos); ângulo do bordo ativo: 80°; 3,8 x 2,7 x 1,5 cm.

Picão-batedor: em quartzo com camada cortical pardacento-avermelhada, forma elipsoidal com uma extremidade em ponta; perfis elipsoides ou biconvexos; possui 4 lascamentos numa extremidade e, a partir dela, divergentes, formando uma ponta; a outra extremidade, convexa,

apresenta picoteamento e um lascamento; uma lateral e uma área, em cada face, apresentam picoteamentos; 8,6 x 4,4 x 2,8 cm.

Fragmento de implemento: dois em riolito cinza-enegrecido, seção transversal biconvexa; uma face observa-se 1/3 de camada cortical cinza-pálido; lascamentos numa lateral; talhadores (?) 10,5 x 3,3 e 5,6 x 1,5 cm (largura e espessura).

Lascas utilizadas e retocadas: em basalto preto-azulado, fragmentada, forma lanceolada (?), perfil biconvexo, bordos convexos; fragmentada obliquamente ao eixo longitudinal; retoques unifaciais; sinais de uso: denteado (raspar); sem camada cortical; 4,7 x 1,1cm (largura e espessura).

Lasca retocada: em quartzo, forma irregular, seção biplana; retoques sobre um bordo reto; camada cortical ocre sobre as laterais e duas faces; 7,2 x 6,6 x 2,1cm.

Lasca utilizada: riolito cinza-escuro (3), quartzo (2) e cristal de rocha (1); forma irregular (2), mais ou menos triangular (1), trapezoidal (1), ovóide (1) e semielíptica (1); seção concavo-convexa (2), plano-convexo (1), triangular (1), irregular (2); um bordo ou parte dele arredondado ou alisado (5) e denteado (1); a metade encontra-se fraturada obliquamente ao eixo longitudinal da peça; as dimensões variam entre 4,6 x 6,5 x 1,8cm a 7,7 x 4,6 x 1,8cm (a maior largura, no entanto é 7,9 e espessura, 2,5 cm; a menor espessura é 0,7 cm).

Lasca: as de quartzo (incluindo as de cristal de rocha) representam 95,6%, com uma variação entre 83,3 e 99,0%; são relativamente estáveis. As de riolito são 2,9% do total, desaparecendo em vários níveis e atingindo, num momento, 11,1%. As de basalto atingem 1,0% no total e o máximo que alcançam é 2,8% e, também, desaparecem em vários níveis, de preferência os mais profundos. As lascas de argilito chegam, no geral, a 0,5% e, o máximo que atingem, é 2,8%desaparecendo alternadamente. O nível 0-10 cm é o que apresenta o menor índice percentual do quartzo e os maiores das outras rochas menos populares. Registramos apenas uma lasca de rocha ignorada. Não consideramos, com relação aos percentuais, os níveis que forneceram menos de 100 lascas. As microlascas representam aproximadamente 10% das lascas, em média, variando de 5 a 25%. As lascas são irregulares seguidas das elípticas ou grosseiramente regulares; muitas se encontram fragmentadas. Aproximadamente 50% não são preparadas. As de quartzo são de difícil identificação, pois dificilmente apresentam bulbo de percussão, ondas ou escamas (somente em algumas de cristal de rocha). As dimensões médias estão em torno dos 3,0 x 2,0 x 0,8cm; das microlascas 0,8 x 0,7 x 0,3 cm.

Núcleo: com formato irregular, a maioria se encontra esgotados e alguns ainda com camadas cortical; se observa a utilização da técnica bipolar. Dimensões: variam entre 3,4 x 1,6 x 1,7 a 7,0 x 4,1 x 2x9cm. Apenas um em basalto preto-acinzentado (1,4% do total) e o restante em quartzo.

c) Utilizado – Batedor: todos em quartzo, um inteiro, 5 fragmentos e um fragmento, forma irregular e elipsoidal, com lascamentos por percussão uni ou bifaciais numa extremidade ou disseminados pela peça e, ainda, esmagamentos nas laterais e um casos de picoteamento numa superfície; os perfis são plano-convexos, biconvexo irregulares ou biplanos. Dimensões: 6,2 x 3,9 x 3,2 a 9,5 x 6,4 x 5,3 cm (maior largura e espessura são 6,5 e 5,7 cm, respectivamente).

Batedor-triturador: um inteiro, um fragmentado e um fragmento, os dois primeiros de granito cinza-escuro e o último em quartzo; a forma e perfis são elipsoidais; apresentam as faces alisadas e as laterais picoteadas e pequenos lascamentos. As dimensões são de 7,9 x 5,8 x 2,6 e 11,9 x 8,3 x 5,4 cm (a menor espessura é 2,1cm).

Fragmento de implementos: em quartzo (3), arenito (2), basalto (1) e rocha ignorada (2); apresentam sinais de alisamento em uma ou em duas faces (polidores?), largura entre 1,5 e 5,6cm e espessura entre 1,0 e 4,9cm.

d) Matéria-prima – Seixos em quartzo (19) e riolito (1), inteiros, irregulares e elipsoides, e fragmentos; em geral com 10,2 x 5,5 x 4,2 cm ou menos.

e) Matéria corante – Laterito (pedra jacaré) carmim-pardacento-escuro, carmim-pardacento, vermelho-liláceo, rosa-eosina e lilás-pardacento-escuro; formas irregulares, mais ou menos retangular, elipsoide e ovoide; perfis biplanos ou plano-irregular; apresenta de uma a 4 faces alisadas pelo uso, algumas chegando a formar depressões; dois casos de suaves incisões sobre a superfície alisada. Do total, 48,5% apresentam sinais de utilização. Do nível 60-70 cm para mais profundo, registramos a ocorrência de relativa quantidade de pequenos grãos (0,2-0,3 cm de diâmetro), irregulares; do nível 80-90 cm obtivemos 4 tubos de filme 35 mm com estes grãos. As dimensões variam entre 1,0 x 0,7 x 0,3 a 3,3 x 1,8 x 1,2 cm (2,7 e 2,4 cm são as maiores larguras e espessura, respectivamente).

f) Placa com pintura – Em granito desprendido da parede, superfície áspera, dimensões que variam entre 2,0 x 1,8 x 0,6 a 23,5 x 23,3 x 1,7cm. A coloração é vermelha e vermelho-liláceo. Uma peça, do nível 100-110 cm, apresenta dois traços paralelos, com 1,5 cm de largura e sobre toda a extensão da mesma.

(MENTZ RIBEIRO, 1989,10-14)

VIDRO

Contas – Forma de cilindro truncado com laterais levemente convexas representam 95,6% e as discoidais, 4,6%. As primeiras aparecem nas cores branca, lilás-avermelhada, incolor com estrias brancas e verde-esmeralda, nesta ordem de frequência, as duas primeiras representam, respectivamente, 47,6 e 35,4% dentro do sei tipo. As discoidais são com cor branda e camurça. As dimensões variam, para as cilindro truncado, entre 0,22 x 0,11 (diâmetro x espessura) – 0,10 a menor espessura – e 0,57 x 0,38cm (0,50 cm a maior espessura). A perfuração central, cilíndrica, é proporcional ao tamanho da peça. As discoidais possuem 0,60 x 0,20; 0,70 x 0,18 e 0,70 x 0,33 cm.

(MENTZ RIBEIRO, 1989, 14)

OSSO

a) Ponta – Polidas parcial ou totalmente e, no primeiro caso, somente a extremidade distal; o perfil transversal pode ser circular, elipsoidal, trapezoidal ou em meia cana. Uma apresenta a extremidade distal polida e chanfrada; outra possui estrias paralelas ao eixo longitudinal da peça e picoteamentos. A metade das peças encontra-se fragmentada. As dimensões variam entre 5,0 x 0,7 x 0,5 a 5,2 x 1,4 x 0,5 cm (0,4 cm a menor espessura).

c) Conta – Forma cilíndrica com alargamento numa direção; 2,4 cm de comprimento, 0,7 e 0,8cm de largura e 0,1cm de espessura.

DENTE

Pingente – Dois de canídeo (?), curvo, com perfuração na extremidade proximal (raíz); um fragmento na extremidade distal; perfuração ovoide com ponta para baixo (desgaste pelo uso); apresenta desgaste na extremidade proximal. Cor: ocre (esmalte mais claro e com brilho). Dimensões: 3,0 x 0,9 x 0,6cm e 2,7 (?) x 0,9 x 0,6cm; perfuração: 0,4 x 0,3cm.

(MENTZ RIBEIRO, 1989, 14-15)

CONCHA

a) Conta – Discoidais sobre bivalva de água doce (?), cor branca e camurça; duas fragmentadas na perfuração central. Dimensões: 0,6 a 1,6cm de diâmetro e 0,13 a 0,20cm de espessura.

b) Adorno (?) - Uma em forma semilunar ou “J” com o traço maior côncavo (interno) – convexo, estreitando-se para a extremidade inferior e fragmentado na superior; 1,9cm de largura e 0,3cm de espessura máxima. Outra elipsoide com um bordo quase reto, perfil sinuoso côncavo e convexo e uma extremidade fragmentada (onde haveria a perfuração ?); alisada nos bordos. Dimensões: 5,2 x 1,7 x 0,4cm.

(MENTZ RIBEIRO, 1989, 15)

LOUÇA

Branca – Um fragmento, faiança fina, com 0,4cm de espessura.

CHUMBO

Balim – Esférico com 0,46cm de diâmetro.

DATAÇÕES

Através do laboratório Beta Analytic Inc., Flórida, U.S.A., conseguimos as seguintes datações:

Beta – 30743 – 1070 ± 50 anos A.P. para o nível 50-60cm;

Beta – 30744 – 3000 ± 160 anos A.P. para o nível 80 – 90cm;

Beta – 30745 – 3950 ± 180 anos A.P. para o nível 100 – 110cm.

SEPULTAMENTO

Registramos a ocorrência de parte de 4 sepultamentos, dois em cada quadrícula junto à parede de caverna, além de ossos esparsos. Corte "B": no primeiro caso trata-se de aproximadamente meio crânio de indivíduo jovem, ainda com dentes de leite; desarticuladas, obtivemos costelas com osso fino (braço ?) entrelaçado, e ainda, vértebra ao lado; mais afastado, ossos da bacia articulados ao fêmur, tíbia, perônio e ossos dos pés. No segundo, são ossos longos, de indivíduo adulto, dos membros superiores e inferiores, lado a lado; uma rótula de indivíduo adulto, aproximadamente 50cm distante do crânio do indivíduo jovem. Todos em mau estado de conservação. O material encontrava-se a partir do nível 60-70, assentando-se no 80-90cm.

No nível 140-150cm foram registradas duas vértebras, falanges, uma costela, duas rótulas, um dente e ossos fragmentados, tudo desarticulado.

Corte "D": nos níveis 60-70 e 70-80cm (com base neste último) registramos um indivíduo jovem, flectido e em decúbito lateral, o crânio em pé com a face voltada para o norte. Falta a parte superior do crânio e alguns ossos que já se decompõem (encontrava-se em péssimo estado de conservação). Nos níveis 80-90 e 90-100cm, outro sepultamento em péssimo estado, com o crânio e parte do tórax de indivíduo adulto, com a face voltada para o oeste.

(MENTZ RIBEIRO, 1989, 15-16)

VESTÍGIOS FAUNÍSTICOS

Teste B, C e D:

Nível 0-10cm

Fragmentos de carapaça de Emuridae (Chelonia)

Fragmentos de mandíbula de Ophidia.

Fragmentos de mandíbula de Molossidae (Chiroptera).

Vértebras e outros fragmentos de peixes.

Vértebras e outros fragmentos de mamífero de médio porte.

Fragmentos não identificados.

Fragmentos de herbívoros de grande porte.

Dentes de carnívoro.

Nível: 10-20cm

Vértebras e outros fragmentos de peixes.

Fragmentos de mandíbulas de Lacertília.

Fragmentos de Crocodília.

Fragmentos de mandíbula de Cricetidae (Rodentia).

Pequenos fragmentos de ossos não identificados.

Nível: 20-30cm

Fragmentos de Crocodília.

Fragmentos de Chelonia.

Vértebras e outros fragmentos de peixes

Molares de herbívoro de grande porte.

Fragmentos de mandíbulas de Cricetidae (Rodentia).

Fragmentos de mandíbulas de Lacertília.

Fragmentos de mamíferos de médio e pequeno porte

Fragmentos ósseos não identificados.

Dentes e outros fragmentos de Cervidae.

Nível: 30-40cm

Vértebras de peixes.

Dentes de Canidae (Carnívora).

Dentes de herbívoro.

Fragmento de Chelonia.

Fragmentos de mamífero de grande porte.

Dentes de Cricetidae (Rodentia).

Dentes de Lacertília.

Dentes e fragmentos de mandíbulas de Cervidae.

Fragmentos não identificados.

Nível: 40-50cm

Vértebras e outros fragmentos de peixes.

Fragmentos de mandíbulas de Lacertília.

Fragmentos de Crocodilia.

Fragmentos de ossos de mamíferos de pequenos e grande porte.

Fragmentos de dente de Cervidae.

Fragmentos de animais de médio e pequeno porte.

Nível: 50-60cm

Fragmentos de mandíbulas de Lacertília.

Dentes e outros fragmentos de Cervidae.
Dentes de Canidae (Carnívora).
Dentes e fragmento de mandíbula de Cricetidae (Rodentia).
Fragmentos de Crocodíla.
Vértebras de peixe e outros fragmentos.
Fragmentos ósseos não identificados.
Fragmentos de animais de médio porte.

Nível: 60-70cm

Vértebras e outros fragmentos de peixes.
Fragmentos de Crocodíla.
Fragmentos de mandíbulas de Lacertília.
Fragmentos de animais de pequenos e médio porte.
Fragmentos de ossos longos, possivelmente Cervidae.
Grande quantidade de fragmentos não identificados.

Nível: 70-80cm

Vértebras e outros fragmentos de peixes.
Mandíbula de Iguanidae (Lacertília).
Fragmentos de Crocodíla.
Dentes de herbívoro.
Grande quantidade de fragmentos de ossos não identificados.
Fragmentos de mandíbula de Lacertília.
Dentes de Cervidae.

Nível: 80-90cm

Fragmentos de carapaça de Chelonia.
Fragmentos de dentes e ossos de Cervidae.
Fragmentos de Crocodíla.
Vértebras e outros fragmentos de peixes.
Fragmentos de mandíbula de Lacertília.
Fragmentos não identificados.

Nível 90-100cm

Vértebras de peixes.
Fragmentos de Crocodíla.

Fragmentos de Carapaça de Chelonia.

Ossos e dentes de Cervidae.

Fragmentos não identificados.

Dentes de Canidae (Carnívora).

Nível 100-110cm

Vértebras e outros fragmentos de peixes.

Espinhas de nadadeiras de peixes.

Fragmentos de Cervidae.

Fragmentos de ossos de animais de pequeno e médio porte.

Fragmentos não identificados.

Fragmentos de Crocodília.

Nível: 110-120cm

Vértebra de peixes.

Dentes de Cervidae.

Fragmentos não identificados.

Fragmentos de mandíbulas de Lacertília (Iguanidae).

Fragmentos de mamíferos de pequeno e médio porte.

Nível: 120-130cm

Dentes de Canidae

Dentes de Herbívoro de médio porte.

Fragmentos de Lacertília.

Vértebras e outros fragmentos de peixes.

Níveis: 130-140cm

Fragmentos de animais de médio porte.

Vértebras de peixes.

Fragmentos não identificados.

Fragmentos de mandíbula de Lacertília.

Dentes de herbívoro.

Nível: 140-150cm

Vértebras e fragmentos de peixes.

Fragmentos de Crocodília.

Fragmentos não identificados.

Fragmentos de animais de médio porte.

Fragmentos de mandíbula de Lacertilia.

Nível: 150-160cm

Vértebras de peixes.

Dente de carnívoro.

Fragmentos não identificados.

(MENTZ RIBEIRO, 1989, 16-19)